

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

O Amor e a Sexualidade na Bíblia

“Amemo-nos uns aos outros, porque a caridade vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus.”

(1 Jo 4,7)

TEMA DE ESTUDO

(adaptado do livro de Pierre Débergé
editado pela Paulus)

1ª Edição – Maio de 2004

EQUIPAS DE NOSSA SENHORA



O AMOR E A SEXUALIDADE NA BÍBLIA

*“O Cântico dos Cânticos IV, 1958”
Pormenor de Marc Chagall*

INDÍCE

Apresentação	7
Introdução	9
<i>I – O AMOR HUMANO AO LONGO DA BÍBLIA.....</i>	15
<i>1ª REUNIÃO.....</i>	<i>15</i>
Uma sexualidade dessacralizada.....	16
Sexualidade, fecundidade, violência.....	22
<i>2ª REUNIÃO.....</i>	<i>33</i>
Entre a desconfiança e o desprezo.....	33
E o Cântico dos Cânticos.....	40
<i>II – OS RELATOS DA CRIAÇÃO (Gn 1-3).....</i>	49
<i>3º REUNIÃO.....</i>	<i>49</i>
Homem e mulher Ele os criou.....	50
A admiração de Adão.....	56
<i>4ª REUNIÃO.....</i>	<i>67</i>
O reino da inveja e o domínio.....	67
Elogio da diferença.....	75

III – JESUS, MENSAGEIRO DO AMOR	79
<i>5ª REUNIÃO</i>	79
Jesus e as mulheres.....	81
Jesus e a moral sexual do Seu tempo.....	84
Jesus e o casamento.....	90
<i>6ª REUNIÃO</i>	97
Jesus e o celibato.....	97
A graça da castidade.....	105
IV – PAULO, O INCOMPREENDIDO	111
<i>7ª REUNIÃO</i>	111
Enfim, diferentes.....	112
O Corpo reencontrado.....	114
Matrimónio ou celibato?.....	117
A “submissão” das mulheres.....	124
Uma aliança a reconstruir sem cessar.....	130
EPÍLOGO – SE TU CONHECESSES O DOM DE DEUS	135
<i>8ª REUNIÃO</i>	135

ABREVIATURAS E SIGLAS

Por ordem alfabética:

Ab	Abdias
Ag	Ageu
Am	Amós
At	Actos dos Apóstolos
Br	Baruc
Cl	Colossences
1Cor	1ª Epístola aos Coríntios
2Cor	2ª Epístola aos Coríntios
1Cr	1º Livro das Crónicas
2Cr	2º Livro das Crónicas
Ct	Cântico dos Cânticos
Dn	Daniel
Dr	Deuteronomio
Ecl	Eclesiastes (Coélet)
Eclo	Eclesiástico (Sirácida)
Ef	Epístola aos Efésios
Esd	Esdras
Est	Ester
Ex	Êxodo
Ez	Ezequiel
Fl	Epístola aos Filipenses
Fm	Epístola a Filomeno
Gl	Epístola aos Gálatas
Gn	Gênesis
Hab	Habacuc
Hb	Epístola aos Hebreus
Is	Isaías
Jd	Epístola de S. Judas
Jl	Joel
Jn	Jonas
Jó	Jó
Jo	Evangelho segundo S. João
1Jo	1ª Epístola de S. João
2Jo	2ª Epístola de S. João
3Jo	3ª Epístola de S. João

Jr	Jeremias
Js	Livro de Josué
Jt	Judite
Jz	Livro dos Juízes
Lc	Evangelho segundo S. Lucas
Lm	Lamentações
Lv	Levítico
Mc	Evangelho segundo S. Marcos
1Mc	1º Livro dos Macabeus
2Mc	2º Livro dos Macabeus
Ml	Malaquias
Mq	Miquéias
Mt	Evangelho segundo S. Mateus
Na	Naum
Ne	Neemias
Nm	Números
Os	Oséias
1Pd	1ª Epístola de S. Pedro
2Pd	2ª Epístola de S. Pedro
Pr	Provérbios
Rm	Epístola aos Romanos
1Rs	1º Livro dos Reis
2Rs	2º Livro dos Reis
Rt	Rute
Sb	Sabedoria
Sf	Sofonias
Sl	Salmos
1Sm	1º Livro de Samuel
2Sm	2º Livro de Samuel
Tb	Tobias
Tg	Epístola de S. Tiago
1Tm	1ª Epístola a Timóteo
2Tm	2ª Epístola a Timóteo
1Ts	1ª Epístola aos Tessalonicenses
2Ts	2ª Epístola aos Tessalonicenses
Tt	Epístola a Tito
Zc	Zacarias

APRESENTAÇÃO

Com a intenção de alargar a escolha dos temas de estudo, em contacto com a Supra Região de França, conseguiu-se obter este tema, baseando-se num livro de Pierre Debergé que, depois de traduzido e adaptado, está à disposição de todas as Equipas.

Em Portugal, o livro foi editado pela Paulus Editora, a quem muito agradecemos ter autorizado a sua adaptação a tema de estudo que pode servir de leitura complementar a quem quiser ou ser lido por todos os casais cujas equipas não escolham este tema.

Um tema, cujo título nos deixa perceber que a discussão da Igreja em matéria de amor e de sexualidade tem sido púdic, repressivo e longe das aspirações da mulher e do homem de hoje.

Pierre Debergé percorre a Bíblia à procura de uma mensagem que foi frequentemente deformada ao longo da história, através da moral judaico cristã, ou utilizada para fins pouco respeitadores do texto bíblico. Desde os relatos da Criação até às recomendações de Paulo, em relação às mulheres, nada é esquecido: o pecado original; a legislação bíblica sobre o casamento; o adultério; a violação; a homossexualidade...; a atitude de Jesus e de Paulo em relação às mulheres, ao casamento e ao celibato...ou o magnífico livro do Cântico dos Cânticos.

Ao longo da leitura, a modernidade e a actualidade da Bíblia parecem evidentes. Embora tenha sido redigida num mundo muito distante do nosso, a Bíblia, diz Debergé, contém uma mensagem capaz de iluminar as questões que se colocam hoje no domínio do amor e da sexualidade.

Antes de começar a ler, propomos que responda pessoalmente e por escrito às seguintes perguntas.

1. Qual a imagem da sexualidade que temos nós, pessoalmente?
2. Qual a imagem que parece prevalecer hoje à nossa volta?

3. Que palavras associamos à sexualidade? Liberdade? Frustração? Desvio? Respeito? Perigo? Abertura? Drama? Tabu?
4. Encontram-se soluções aos problemas de hoje na Bíblia?
5. A noção de sexualidade está claramente definida, não há confusões sobre ela?

As respostas devem ser guardadas, depois, deve-se ler a introdução que vai permitir alargar o nosso ponto de vista e ser mais receptivo ao tema de estudo apresentado.

Os quatro capítulos e o epílogo do livro foram adaptados para serem tratados em oito reuniões, sendo cada uma composta por:

- A. Tema
- B. Questões para a Reflexão em Casal e Partilha em Equipa
- C. Sugestões para um Dever de se Sentar
- D. Texto para a Oração em Equipa

As questões propostas são indicativas e servem para ajudar ao aprofundamento do texto, em casal e em equipa.

Finalmente, ficaremos muito reconhecidos a todos que queiram estudar este tema e apresentar no fim do ano as críticas e sugestões que acharem pertinentes, para se poder proceder às eventuais correcções ou alterações numa futura edição.

Antecipadamente gratos

*A Equipa Supra Regional
Maio de 2004*

INTRODUÇÃO

A Sexualidade: da “libertação” à repressão

Há pouco menos de vinte anos, M. Kundera escrevia sobre uma heroína de um dos seus romances: *“Ela encara as coisas de forma demasiado séria, leva tudo para o trágico, não consegue perceber a leveza e a alegre futilidade do amor físico. Ela queria aprender a leveza! Queria que lhe ensinassem a não ser anacrónica.”*¹ Anacrónica, Teresa é-o com efeito, em relação ao seu amigo Tomás que tenta convencê-la que *“o amor e o acto do amor são dois mundos diferentes”*.² Ao contrário de uma cultura reinante que alimenta a imagem de uma sexualidade leve e liberta, Teresa sente, claramente contudo, que as relações sexuais estão carregadas de sentido e que implicam todas as dimensões da pessoa.

O sofrimento de Teresa poderia parecer negligenciável, se ele não fosse o de muitos homens e mulheres a quem tinham acenado com o aparecimento de uma sexualidade sem tabus e sem interdições e que se encontram hoje confrontados com terríveis feridas ou um regresso trágico da repressão. Enquanto sonhavam com *“sexo divertido, um sexo que fosse um meio de comunicação simpático, um pouco como a comida”*³, o fim dos anos 1990 projectou, com efeito, na cena pública os dramas que abanaram a opinião pública⁴. *«Apercebemo-nos de que um perigo rondava. Nem nas famílias, nem na escola, nem em qualquer outro sítio se estava ao abrigo de ignóbeis apetites que aprendemos rapidamente a estigmatizar»*⁵. Descobrimo no seu seio violências inimagináveis, a sociedade

¹ L'insoutenable légèreté de l'être, Gallimard, Paris, 1984, (Editado em português pela Dom Quixote: A insustentável leveza do ser, 1985).

² Ibidem.

³ P. Breugnot, in *Libération*, 13 de Setembro de 1986.

⁴ Como a do pedófilo Dutroux, durante o Verão de 1996.

⁵ J.-C. Guillebaud, *La tyrannie du Plaisir*, Paris, 1998.

iniciou, então, rapidamente e **“de forma policial”**, a erradicar a ameaça. *«Pais incestuosos, professores ou padres obcecados, assassinos, obedecendo às suas pulsões, patrões lúbricos, tiranizando os seus assalariados: a mesma angústia denunciadora, a mesma exigência de repressão invadindo os “media”. Em breve, nem um dia passará sem que um sofrimento escondido, um drama demasiado tempo abafado no silêncio, ocupe a crónica do primeiro que chega a um qualquer centro administrativo. (...) Um novo olhar inquisidor foi lançado sobre o adulto, o esposo, o turista ou o monitor desportivo. Encontraram-se tónicas inquisidoras para descrever “roçares” duvidosos, carícias abusivas e estas hediondas trocas das quais a carne infantil era o ganho⁶.»* A **“libertação sexual”** prometida nos anos 70 conduzia, assim, trinta anos mais tarde, a decepções trágicas sob um fundo de repressão judicial⁷.

Se acreditarmos num artigo publicado no jornal *Le Monde*, datado de 5 de Dezembro de 2000, a situação não parece de todo ter melhorado. Denunciando uma sociedade cada vez mais *“consumidora de carne fresca”*, ao encher *“os ecrãs de cinema, os estádios, as emissões televisivas e os anúncios publicitários”*, A. Reyes constata que *«em todos os domínios e, evidentemente, no da sexualidade, a nossa sociedade está cada vez mais normativa. (...) Todas as nossas palavras, todos os nossos gestos são vigiados e julgados com uma grelha politicamente correcta que rege as relações humanas e até a relação com o próprio corpo, seguindo termos cada vez mais rígidos que os tribunais, a partir de agora, se vêem encarregados de fazer respeitar»*. Alguns alegrar-se-ão com isso, sem dúvida. Seria esquecer que esta constatação é acompanhada por outra, igualmente trágica, já que diz respeito a uma das

⁶ J.C. Guilleband, *La Tyranie du Plaisir*, Paris, 1998

⁷ “Operou-se uma espantosa reviravolta do tempo, escreve D. Salas. A um tempo imóvel e silencioso do incesto, sucede uma mecânica penal que se deixa ir. Colocações intempestivas da criança e encarceração do pai reproduzem em espelho uma violência do Estado, face à violência da indiferenciação. Tudo isto é talvez inevitável, mas porquê uma tal precipitação?”, *Esprit*, Dezembro de 1996. A actualidade recente, em 11 de Abril último, com o suicídio de um professor suspeito de pedofilia, confirma a pertinência da interrogação.

contradições fundamentais da nossa sociedade: Quanto mais os corpos são considerados mercadorias e os seres humanos consumidores, mais somos compelidos a sermos saudáveis, gentis, policiados. Ao mesmo tempo em que as pulsões sexuais são exploradas como nunca pela máquina comercial, o indivíduo vê negado o direito de exprimir as suas próprias pulsões. Compreende-se, assim, muito melhor o título deste artigo *“O sexo entre a repressão e a regressão”* – e a sua apresentação dispensa qualquer comentário: *“A verdadeira pornografia, hoje, não está aí onde se julga: situa-se do lado da obscenidade, da ideologia comercial no jogo das pulsões e das frustrações que ela suscita permanentemente.”*

Enfim, ainda que o ponto de partida da sua análise seja diferente do artigo precedente, também Monique Sperber fazia notar, recentemente: *“Começa a espalhar-se, hoje, o enjojo diante da mistificação sexual, esse engano, segundo o qual uma sexualidade sem mistério, sem inquietação, nem sedução seria um melhor acesso ao conhecimento de si próprio e do outro. Somos esmagados por imagens e narrativas mal escritas que nos obrigam constantemente a ver e insidiosamente a aceitar e reconhecer o valor intrínseco de uma sexualidade prolífera e afirmativa, onde a capacidade de ser e de agir é, apenas, uma energia do sexo. O protesto contra esta mistificação toma uma dupla forma: a abstinência, por um lado, a afirmação exacerbada, por outro, como se não houvesse outra solução senão o desaparecimento do desejo ou a sua histeria⁸.”*

Eis alguém que mostra que estamos longe do **“optimismo sexual”** dos anos 70. Eis alguém que revela, igualmente, a complexidade das interrogações e dos comportamentos que dizem respeito à sexualidade, às relações entre homens e mulheres, às pulsões sexuais e às interdições. Será somente de hoje? Evidentemente que não, pois as questões são de sempre e raras são as obras humanas que escapam às interrogações dos homens nesse domínio. É por isso que escolhi interrogar a Bíblia. Não para procurar

⁸ “O Sexo e a vida de uma mulher”, *Esprit*, Março – Abril de 2001, “Um outro sexo”.

aí soluções às questões de hoje, mas porque o livro é rico de experiência e de reflexão de crentes que deixaram à humanidade, incluindo o amor e a sexualidade, um ensinamento que ultrapassa as meras condições históricas nas quais foi elaborado. Ainda que tenha sido redigida num mundo muito longínquo do nosso, com modelos diferentes dos nossos, a Bíblia contém, efectivamente, uma mensagem susceptível de esclarecer as questões que se colocam, hoje, em matéria de comportamento sexual. Porque foi frequentemente deformada, ao longo da história, ou, por vezes, utilizada para fins menos respeitadores do bíblico, esta mensagem deve ser redescoberta e estudada por si mesma.

É o que tentaremos fazer, ao longo deste estudo, que abordará, sucessivamente, as diferentes maneiras como é concebida no Antigo Testamento a relação com a sexualidade e o amor (capítulo I), os relatos da criação do homem e da mulher com o episódio do pecado de Adão e Eva (capítulo II), a atitude de Jesus (capítulo III) e de Paulo (capítulo IV) em relação às mulheres, ao casamento e ao celibato. Ao longo da leitura, a modernidade e a actualidade da Bíblia parecerão evidentes e, espero-o, muitas dúvidas serão levantadas.

Ao longo deste estudo, não esquecerei igualmente esta reflexão de L. Irigaray: *“Cada época, segundo Martin Heidegger, tem uma coisa para pensar. Uma só. A diferença sexual é a do nosso tempo.”*⁹ Porquê afirmar que a diferença sexual é a **“questão chave”** do nosso tempo? Porque vivemos numa sociedade que não favorece o reconhecimento da diferenciação sexual e onde é grande o risco que se confunda igualdade e identidade do homem e mulher. Se fosse necessário indicar um certo número de fenómenos reveladores de uma certa realidade, poder-se-ia mencionar¹⁰: a crise de paternidade que conduz cada vez mais mulheres a desempenharem um duplo papel, paternal e maternal, um modelo único de êxito social que acrescenta à fragilização do laço parental o esquarteramento (divisão cruel) entre certas obrigações profissionais e as suas

⁹ *Éthique de la différence sexuelle*, ed. de Minuit, Paris, 1984.

¹⁰ Cf. X. Lacroix, «La différence sexuelle a-t-elle une portée spirituelle?», *L’avenir, c’est l’autre*, Cerf, Paris 2000.

responsabilidades como mães, a normalização da homossexualidade como uma simples variante da sexualidade, uma educação indiferenciada cujo facto de ser mista é, com certeza, fonte de vantagens, mas ajuda pouco os rapazes e raparigas a acolherem a sua identidade masculina ou feminina, enfim, a ideia de que a diferença sexual não tem dimensão nem espiritual nem intelectual.

Admitir-se-á que é a face negativa de um processo cuja face positiva foi sobretudo o colocar em questão os modelos que ignoravam a diferença mais do que a negavam. Mas reconhecer-se-á que um equilíbrio justo das relações humanas depende, hoje mais que nunca, da nossa capacidade de inventar modelos sociais que honrem a diferenciação sexual, ultrapassando estereótipos que enformam, ainda demasiado, uma única cultura masculina. Assim, como escreveu X. Lacroix sobre o lugar das mulheres tanto na sociedade como na Igreja: *“É exactamente porque o feminino é portador de um tesouro com sentido que seria pena que se alinhasse, pura e simplesmente, pelo masculino; seja, à velha maneira, pela subordinação ou, à maneira actual, por imitação. Por isso, claro, seria lamentável que permanecesse pura e simplesmente, como o foi frequentemente, separado do masculino¹¹.”*

Já, em 1903, R.M. Rilke escrevia um texto que parece hoje profético:

«A jovem rapariga e a mulher, no seu desenvolvimento próprio, imitarão, apenas durante um curto espaço de tempo, as manias e os modos masculinos e exercerão, somente durante um curto tempo, as profissões dos homens. Uma vez terminados estes períodos incertos de transição, veremos que as mulheres só caíram nessas mascaradas, por vezes ridículas, para extirparem da sua natureza as influências deformadoras do outro sexo. A mulher que habita uma vida mais espontânea, mais fecunda, mais confiante, é, sem dúvida, mais madura, mais perto do humano que o homem (...).

¹¹ Cf. X. Lacroix « La différence sexuelle a-t-elle une portée spirituelle ? »

Um dia (sinais seguros já o atestam nos países nórdicos), a jovem rapariga existirá, a mulher existirá. E estas palavras “jovem rapariga” e “mulher” significarão não só o contrário de macho, mas qualquer coisa de próprio, valendo por si mesmo, não como um simples complemento, mas como uma forma completa de vida: a mulher na sua verdadeira humanidade.”

“Um tal progresso transformará a vida amorosa hoje tão cheia de erros (...) O amor não será mais o comércio de um homem com uma mulher, mas o de uma humanidade com outra¹².»

¹² «Lettres à un jeune poète», Grasset, Paris 1937; publicado em Portugal – R.M. Rilke, Cartas a um jovem poeta.

CAPÍTULO I - O AMOR HUMANO AO LONGO DA BÍBLIA

1ª REUNIÃO: *“O corpo humano e a sexualidade foram confiados à responsabilidade dos homens, para que eles participem no poder criador de Deus”*

A. TEMA

Descrever a maneira como a Bíblia concebe o amor e a sexualidade não é coisa fácil, pois a Bíblia fala de pessoas que viveram em épocas diferentes e evoluíram com o seu tempo. Diferentes são também, na Bíblia, os géneros literários que evocam o amor e a sexualidade; e a sua linguagem não é a mesma, conforme se trate de narrativas, leis, poemas, exortações proféticas ou ditos proverbiais. Mas trata-se sempre de homens e mulheres que amam, odeiam, são invadidos por sentimentos de ciúme e de medo, pela felicidade da fecundidade ou o fantasma da esterilidade, pela preocupação do futuro da sua família ou do seu povo.

Não há, pois, um *“tratado”* sobre a sexualidade na Bíblia. O que, aí, encontramos é o relato de como os homens e as mulheres se confrontaram com o que é o coração da humanidade: a necessidade de amar e ser amado. Estes homens e estas mulheres viviam, claro está, em condições culturais diversas das nossas. Mais ainda: eles tinham feito uma experiência de um Deus que se tinha revelado e tinha feito uma Aliança com eles¹. Pois nunca será demasiado afirmar que a Bíblia não é um código moral, mas, antes de mais, um livro que fala de Deus. D’Ele, ela transmite a Revelação do Seu Amor infinito e eterno pela humanidade.

Isto explica, sem dúvida, o facto da sexualidade e do amor terem na Bíblia um lugar importante. Profundamente associada à

¹ Cf. Ex 19-24

existência de um povo que se reconhece como “*Povo de Deus*”, a sexualidade está aí presente, contudo, de maneira muito diferente da dos outros povos vizinhos. No Antigo Testamento, sobretudo, ela inscreve-se no contexto de uma promessa em que Deus tinha anunciado a Abraão que a sua descendência seria mais numerosa que os astros do céu².

Uma sexualidade dessacralizada

É um facto. As interpretações mais arcaicas da sexualidade coincidem sempre com uma sacralização da sexualidade. Correspondem a um mundo cultural onde a sexualidade, a fecundidade e a procriação são, então, tão misteriosas como as sementes que germinam do solo, a alternância das estações, a chuva que fecunda a terra, o nascer do dia e o pôr-do-sol, etc. Quer se trate do sol, da lua, das estrelas ou das tempestades, procuramos dominar aquilo de que dependemos, sem sermos seus donos. Para isso, elaboramos cultos em que nos esforçamos por comunicar com as forças da natureza ou conjurá-las, pois elas são percebidas como temíveis.

Desde a sua chegada a Canaã, no séc. XII antes de Cristo, os descendentes de Abraão, de Isaac e de Jacob confrontaram-se com esse paganismo agrícola em que religião e sexualidade estavam intimamente ligadas. Como muitos outros povos, os cananeus projectavam-se, efectivamente, num universo celeste povoado por inúmeras divindades que eles consideravam fiéis depositários da fecundidade ou da fertilidade. Alguns eram machos outras fêmeas: a sua acção sobre a natureza ou sobre os seres humanos estava relacionada com a sua actividade sexual. Representavam-nos com atributos sexuais, quer se tratasse de imagens fálicas, de touros em erecção ou grandes seios. Adoravam-nos nos templos, nos lugares sagrados, onde a sua protecção fosse mais necessária, como nos

² Cf. Gn 15,5.

campos e nas vinhas. Ofereciam-lhes os frutos dos seus campos e dos seus trabalhos e, por vezes mesmo, os seus filhos. Por eles próprios, pelos seus gados, pelas suas terras ou pelas suas famílias, tentavam extorquir-lhes a sua vitalidade, por intermédio de ritos muitas vezes próximos da magia. Outras vezes, recorriam a prostitutas sagradas. Principalmente, na altura das festas das estações, os santuários tornavam-se verdadeiros centros de prostituição, quer sagrada quer profana.

Chegados à terra de Canaã, os israelitas ficaram naturalmente impressionados com estes cultos exóticos e excitantes. A lembrança da Aliança estabelecida com Deus, que os tinha libertado do Egipto, recordava-lhes, no entanto, que qualquer outro culto lhes estava interdito: *“Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egipto, da casa da servidão. / Não haverá para ti outros deuses na minha presença. / Não farás para ti imagem esculpida, (...). Não te prostrarás diante dessas coisas e não as servirás, porque Eu, o Senhor, teu Deus, sou um Deus zeloso (...). Não usarás o nome do Senhor, em vão (...).”*³. Mas era grande a tentação de esquecer o que Deus tinha feito no passado e atribuir a Baal, o deus da tempestade e da chuva, ou a Astarté, a deusa da fecundidade, os frutos dos campos ou das vinhas⁴. Bem depois de Elias⁵, o profeta Oseias, no séc. VIII antes de Jesus Cristo, denunciara o perigo para os seus compatriotas de atribuírem às divindades pagãs o que deviam ao seu Deus e só a Ele. Comparando o seu povo a uma mulher, correndo atrás dos seus amantes, pela primeira vez na Bíblia, um profeta aplicará a Deus uma imagem de um esposo mortificado pelo comportamento da sua esposa:

«Protestai contra a vossa mãe, protestai. / Ela não é mais a minha mulher, / nem Eu sou mais o seu marido. / Afaste da sua face as prostituições e os adultérios de entre os seus seios, / senão deixá-la-ei toda nua, / como no dia do seu nascimento; / torná-la-ei um

³ Cf. Ex 20,1-7.

⁴ Cf. Jer 44,15-23.

⁵ Cf. 1 Rs 18.

deserto, como terra árida, / e farei que pereça de sede. / (...)/ Por isso Eu fecharei o seu caminho com espinhos; / erguerei uma sebe em seu redor, para que ela não encontre atalhos. / Ela perseguirá os seus amantes, mas não os alcançará; / procurá-los-á, mas não os encontrará. / Então, ela dirá: “Voltarei ao meu primeiro marido, / porque eu era outrora mais feliz do que agora.” / Mas não reconheceu que era Eu quem lhe dava o trigo, o vinho, e o azeite, / e lhe prodigalizava a prata e o ouro que ia gastar com Baal⁶.»

Apresentando Deus como um marido enganado, era grande o risco desta imagem ser interpretada no sentido dos mitos cananeus cujas divindades tinham numerosas esposas. Preocupado em lembrar ao seu povo que Deus o amava como nenhum outro ser humano é capaz ou sabe amar, o profeta Oseias não hesitava, contudo, em comparar o Amor de Deus, para com os seus, ao de um marido pela sua esposa. Ao mesmo tempo, combatendo a ilusão de acreditar que as divindades dos cananeus tornavam os campos férteis e os rebanhos fecundos, ele afirmava que se apenas Deus dá a vida, nunca se comporta como fecundador ou como amante. Porquê? Porque Ele não é nem macho nem fêmea! Também de todas as representações humanas habitualmente utilizadas, para descrever as divindades, Oseias só reterá duas: a de Deus – esposo e a de um Deus – Pai⁷. Mas ao despojá-las de qualquer conotação directamente sexual, abrirá caminho a uma visão particular da sexualidade humana.

Num mundo onde se considerava que a sexualidade pertencia aos deuses sexualmente diferenciados, impunha-se uma questão efectivamente: se Deus não é um ser sexuado, como integrar a sexualidade na vida de um ser humano ou de um povo? A resposta bíblica era simples: a sexualidade e a fecundidade não são forças misteriosas que o homem deve captar, assegurando-se da benevolência das divindades; o corpo e a sexualidade foram confiados à responsabilidade dos homens, para que eles participem no poder criador de Deus. Pois uma modificação fundamental é a

⁶ Cf. Os 2,4-10.

⁷ Cf. Os 11.

operada pela Bíblia: não se participa numa sexualidade divinizada, mas numa força criadora de Deus; reconhece-se simultaneamente que nenhuma das forças activas no mundo, incluindo a sexual, pode ser qualificada de divina, pois, se todas devem a Deus a sua existência, é, precisamente, na sua qualidade de criaturas. Por esse facto, a sexualidade não deve ser sacralizada, mas santificada. Aparece, assim, uma diferença fundamental entre o sagrado e a santidade. Se o sagrado é exterior à liberdade humana e se é aterrador, a santidade, passa pela liberdade do homem. Sempre com a sua colaboração, ela é o expandir da vida divina em todos os aspectos da vida humana.

Mais que outros na Bíblia, os padres lembrarão, no séc. VI antes de Cristo, esta exigência de viver em conformidade com a santidade de Deus: «*Sede santos para Mim, porque Eu sou o Senhor, sou santo, e separei-vos dos povos para serdes o Meu povo*⁸.» Com o risco de dar uma excessiva importância ao culto, estes padres não cessarão de o repetir: Israel não pode viver como as outras nações. Porque foi separado dos outros povos para ser sinal da santidade de Deus, deve tudo fazer para salvaguardar a diferença. Daí a interdição dos casamentos pagãos, mas também, e sobretudo, as relações que não respeitam a diferença dos sexos, os laços familiares ou da natureza com os animais. São, então, interditas as relações consanguíneas⁹, a homossexualidade¹⁰ e a zoofilia¹¹.

⁸ Cf. Lv 20,26; cf. Lv 19, 2ss.

⁹ Cf. Lv 18, 6-18.

¹⁰ São, sobretudo, os textos do Antigo Testamento que condenam a homossexualidade (Lv18,22; 20,13). Inscrevem-se num contexto cultural diferente do nosso no qual não se sabia, tal como as ciências humanas no-lo ensinaram, que podem existir certas pessoas com uma estrutura homossexual, não escolhida, inata ou, pelo menos, adquirida na primeira infância ou na adolescência. É por isso que os textos bíblicos devem ser utilizados com prudência. Não é menos verdade que, na Bíblia, todo o comportamento que recuse a diferença dos sexos e não assuma, por isso, a dimensão procriadora da sexualidade, não é conforme ao projecto de Deus sobre a criação. Por este facto, não é legítimo pôr em pé de igualdade a orientação homossexual e a orientação heterossexual. Mas isto não equivale a dizer que os homossexuais não possam fazer na sua própria vida afectiva a experiência da diferença..

¹¹ Cf. Lv 18,23; cf. Ex 22, 18; Dt 27, 21.

Quererá isto significar, então, que a sexualidade já não era misteriosa e que não suscitava nenhum temor? Será de esquecer que os homens e as mulheres do Antigo Testamento sentirão constantemente uma certa apreensão diante de fenómenos biológicos que não dominam? De entre eles, os corrimentos de sangue pareciam inquietá-los, sem dúvida, porque, símbolo fundamental da vida, o sangue tem qualquer coisa a ver também com a morte. Consequência disto, durante os períodos menstruais ou em caso de fluxo por doença, a mulher era considerada impura; e ela tornava impuro todo aquele que a tocasse¹². Um homem que tivesse relações sexuais com uma mulher durante esse período tornava-se, também ele, impuro¹³.

Num contexto próximo, ainda que diferente, a mulher que acabava de dar à luz um filho era impura durante sete dias, catorze dias se se tratasse de uma rapariga; ela ficava confinada, então, à sua casa e excluída do santuário durante trinta e três dias no primeiro caso, setenta no segundo¹⁴. Mas todo o derramamento seminal tornava igualmente o homem impuro, quer este derramamento fosse voluntário ou por doença¹⁵.

Reconheçamo-lo, temos dificuldade em compreender a significação profunda destas diferentes regras. À falta de explicações nos textos bíblicos, sem dúvida, será preciso ver aí o relicário de uma concepção primitiva dos fenómenos sexuais que, pelo seu carácter misterioso, eram associados a forças temíveis, talvez até a forças demoníacas. Nada impede, no entanto, de pensar que a esta reacção,

¹² Cf. Lv 15, 19-26; cf. Gn 31,33-35. Isso não é exclusivo da Bíblia pois, para muitos povos, o sangue menstrual passa por ser especialmente impuro. De notar igualmente que, se “as regras” parecem hoje um fenómeno normal da existência feminina no seu período fecundo, não o era assim nessa época: casadas muito pouco tempo depois da puberdade, rapidamente engravidavam e amamentavam durante dois ou três anos até uma nova gravidez, tendo muitas mulheres muito poucas “regras”, ao longo da sua vida. Eis a razão porque nos perguntamos, hoje, se “as regras” não eram consideradas, por alguns, como o sinal maldito da mulher estéril.

¹³ Cf. Lv 15,24; cf. 18,19;20,18.

¹⁴ Cf. Lv 12,1-7.

¹⁵ Cf. Lv 15,2-16.

de certo modo primária, se seguiram, progressivamente, interpretações mais elaboradas, essencialmente de ordem teológica. Por esta razão, certos autores pensam que estes diferentes tipos de impureza poderiam ter, como explicação, o facto do corrimento seminal do homem ou menstrual da mulher serem considerados como uma diminuição da vitalidade humana desejada por Deus¹⁶. De forma diferente, alguns autores defendem que tanto o sangue como o esperma confundiam, ao escorrer, a fronteira que existe entre a vida e a morte. Um autor sugeriu mesmo que, se se chegava a dizer que as relações sexuais os podiam tornar impuros, era porque o homem e a mulher aboliam então a fronteira que os separava e diferenciava, e que corriam o risco de formar “*num instante um ser híbrido, espécie de andrógino indiferenciado*”¹⁷.

De novo, o receio de misturar as fronteiras poderia estar na origem de uma concepção de impureza que procurava preservar quer o domínio de Deus quer o domínio dos homens. Por esse facto, a tomada de consciência dos fenómenos que acompanham o ritmo biológico de cada sexo, assim como o dom da vida, não tinha outro objectivo senão o de honrar não só a diferença sexual que garante a ordem ao mundo, mas também a diferença radical que distingue o homem de Deus. Face ao mistério do nascimento e da vida, é-nos lembrado que tudo o que diz respeito à vida, directamente ou indirectamente, é sagrado. Simultaneamente, não era esquecido que se eles dão a vida, os seres humanos não são os seus donos. Reside aí, aliás, toda a ambiguidade da sexualidade que, uma vez dessacralizada, é reconhecida pelo que ela é: uma realidade boa e temível ao mesmo tempo. Boa, porque ela é necessária à sobrevivência dos grupos humanos e porque permite aos homens participarem na obra criadora de Deus; temível e perigosa, porque pode ser idolatrada e pôr em perigo a coesão dos grupos que se supõe ela servir.

¹⁶ A. Tsitroni, «Sexe et mariage dans la tradition juive » in M. Bernos, *Sexualité et religions*, Cerf, Paris, 1988.

¹⁷ E. Fuchus, «Le désir et la tendresse», Labor et fides, Genebra, 1979.

Numerosas narrativas bíblicas reflectem esta ambivalência da sexualidade. São um convite a desconfiar de todo o “*angelismo*” em matéria de sexualidade. Mostram também que a “*dessacralização*” da sexualidade não se realizará sem mal¹⁸. Mas isso não é de ontem...

Sexualidade, fecundidade, violência

Digamo-lo de imediato, na Bíblia, a fecundidade é uma dimensão essencial à sexualidade. Isso não tem nada de extraordinário; numa época em que a mortalidade infantil era considerável e em que as mulheres que morriam na sequência das suas gravidezes eram numerosas, a fecundidade era uma das condições fundamentais do futuro da família, do clã ou do povo. Garantia da sobrevivência do grupo, ela era particularmente procurada e desejada. O estatuto da mulher também dependia disso, visto que a maternidade assegurava à mulher reconhecimento social.

Da fecundidade, podia também depender, pelo menos à primeira vista, o amor do marido pela sua esposa. Vemo-lo na reflexão de Lia, exclamando por ocasião do nascimento do seu filho Rúben: “*O Senhor olhou para a minha humilhação; agora serei amada pelo meu marido*¹⁹.” Infelizmente para ela, tudo deixa supor que isso não será suficiente, visto que, pelo nascimento do seu terceiro filho, Lia exclamará de novo: “*Agora, meu marido prender-se-á a mim, porque já lhe dei três filhos*²⁰.” Na realidade, sabemos que não era Lia que Jacob amava, mas Raquel, porque ela “*era*

¹⁸ Com efeito, esta “*dessacralização*” era o contrário da tendência natural, sobretudo num universo politeísta. A religião popular, e mesmo o culto oficial celebrado pelos reis, deslizarão frequentemente num sincretismo onde o Deus de Israel será revestido dos traços do Baal cananeu. O culto do veado de ouro, com as orgias que o acompanhavam, será um dos sinais flagrantes (Ex 32; 1Rs. 12,28-30). Uma outra manifestação disso será a prostituição sagrada da qual nos dizem que no tempo do rei Josias (VII a.C.) ainda estava presente no Templo de Jerusalém (2 Rs 23,4-9).

¹⁹ Cf. Gn 29, 32.

²⁰ Cf. Gn 29, 34.

*esbelta e de belo rosto*²¹”. Embora fosse preciosa, a fecundidade não era, pois, necessariamente um critério de amor.

Um outro episódio bíblico confirma-o. Trata-se de Ana, a futura mãe de Samuel:

*“Havia em Ramataim um homem de Suf, nas montanhas de Efraim, chamado Elcana, filho de Jeroam, e neto de Eliu, filho de Toú, e do clã de Suf, de Efraim. Tinha duas mulheres, uma chamada Ana e outra Penina. Esta tinha filhos: Ana, porém, não tinha nenhum. Todos os anos, este homem subia da sua cidade a Silo, para adorar o Senhor do universo e oferecer-lhe um sacrifício. Aí se encontravam os dois filhos de Eli, Hofni e Fineias, sacerdotes do Senhor. Cada vez que Elcana oferecia um sacrifício, dava a porção correspondente à sua mulher Penina, bem como aos seus filhos e filhas. Mas dava uma porção dupla a Ana, porque a amava mais, embora o Senhor a tivesse tornado estéril. Além disso, sua rival afligia-a duramente, humilhando-a, por o Senhor a ter feito estéril. Isto repetia-se todos os anos, quando Ana subia ao templo do Senhor; Penina zombava dela*²². ”

Além das humilhações de que Ana era vítima, além do rumor público que a arrasava, reter-se-á deste texto que, apesar da sua esterilidade, Ana era amada por Elcana. É o sinal de que a mulher não é reduzida aqui à sua capacidade de gerar e que a fecundidade, como vimos, não condiciona o amor. Também a Ana, que se pôs a chorar e que recusava comer, Elcana retorquirá depois: *“Ana, porque choras? Porque não comes? Porque estás triste? Não valho para ti tanto como dez filhos*²³?”

Deste texto, como do episódio precedente, reter-se-á igualmente que uma certa forma de poligamia era então admitida. Mas se, nos textos mais antigos, ela era essencialmente prática de

²¹ Cf. Gn 29, 17.

²² Cf. 1 Sm 1, 1-7.

²³ Cf. 1 Sm 1,8.

algumas pessoas ricas e poderosas, na época da monarquia, ela será exercida por certos reis como Salomão a quem se atribuirão “*setecentas esposas de sangue nobre e trezentas concubinas*”²⁴. Estes “*casamentos*” tinham, manifestamente, um carácter político, pois serviam para assegurar alianças com os chefes ou os povos vizinhos. Também é verdade que as mulheres aparecem aí como objectos a quem se faz a corte, que são oferecidas ou de quem se servem. Significativa, a este propósito, é a história trágica de Mical que foi dada uma primeira vez a David, depois é-lhe retirada para ser dada a outro. Apesar do amor deste último, ela é restituída a David, mas cúmulo da infelicidade, ela será estéril²⁵.

Sempre em relação à esterilidade, sempre também face à necessidade de assegurar a sobrevivência do grupo, o direito alfandegário do Médio Oriente previa que se pudesse dar descendência por intermédio de servas ou escravas. Disto se trata várias vezes na Bíblia, mas o exemplo mais célebre é o de Sarai que, porque era estéril, proporá à sua serva Agar dormir com Abraão, o que não acontecerá, aliás, sem consequências nefastas para esta última²⁶.

Diferentemente, uma lei confirma o elo mais alto estabelecido entre sexualidade e posteridade. Conhecida com o nome de Lei do Levirato²⁷, esta lei estipulava que se dois irmãos permanecessem juntos e se um dos dois morresse sem filho varão, a sua viúva não podia voltar a casar fora da família. O seu cunhado devia então tomá-la como esposa “*e fazer em relação a ela o seu dever de cunhado*”. O primeiro filho que ela poria no mundo perpetuaria, assim, o nome do irmão defunto, para que o seu nome não fosse apagado de Israel. Esta prática visava tanto perpetuar a linhagem masculina como evitar

²⁴ Cf. 1 Rs 11,3.

²⁵ Cf. 1 Sm 18, 20-21.26; 19,11-17; 25,44; 2 Sm. 3,13-16; 6,16-23.

²⁶ Cf. Gn 16,1-6; cf. 21,8-21. O Código Hammourabi (séc. XVIII a.C.) evoca o caso da escrava de uma mulher estéril, dada ao seu marido: “... Se depois esta mulher se igualar à sua ama, porque deu à luz, a ama não poderá dá-la em troca de dinheiro; impor-lhe-à a marca dos escravos e ela ficará como sua escrava”.

²⁷ Dt 25,5-10.

a alienação das terras para outras tribos²⁸. Recusar-se a tal prática era atrair a desonra sobre si e sobre a sua família.

Um episódio bíblico particularmente espantoso tem por enquadramento esta lei. Diz respeito a Tamar, uma filha de Jacob²⁹. Tamar enviuvou e Onan, o irmão mais novo do seu marido, tinha a obrigação de casar com ela. Como ele não queria partilhar os seus bens com um filho que representaria o ramo mais velho da família, *“quando se aproximava da mulher de seu irmão, derramava no chão o sémen, a fim de não dar descendência a seu irmão”*³⁰. Isto, evidentemente, só podia desagradar a Deus, que lhe deu a morte!

Seria por medo desta *“devoradora de homens”* que já tinha levado à morte dois dos seus filhos? O facto é que Judá afastou Tamar para casa do seu pai. Oficialmente, tratava-se de esperar que Chelá, o terceiro filho de Judá, atingisse a idade de casar. Era, na realidade, um estratagema para afastar Tamar para sempre. Isto desprezava a tenacidade de Tamar, que se disfarçou de prostituta e, na estrada de Timna, seduziu o seu sogro Judá, pedindo-lhe uma dádiva em jeito de remuneração. Judá veio a saber que a sua nora estava grávida e quis queimá-la viva, mas, recordando a dádiva que lhe havia feito, reconheceu que Tamar, assegurando uma descendência ao seu marido defunto, fora mais justa do que ele que lhe tinha recusado dar o seu filho Chelá. Prostituta por dever, Tamar tornar-se-á ascendente do Rei David. Mateus cita-a na genealogia de Jesus³¹.

Prosseguindo a leitura do livro do Génesis, poder-nos-íamos escandalizar perante as filhas de Lot que levaram o pai a beber demais e dormiram com ele, para lhe assegurar descendência³² ou

²⁸ Cf. Nm 36,2-9; cf. Lv 25.

²⁹ Cf. Gn 38.

³⁰ Cf. Gn 38,9. Este episódio serviu frequentemente para sustentar “laboriosamente” o carácter ilícito do “onanismo”. Tal significa esquecer que este episódio tem por contexto a lei do levirato e que o pecado de Onan advém de ele querer escapar à obrigação legal de assegurar ao seu irmão defunto a posteridade que este tinha o direito de esperar.

³¹ Cf. Mt 1,3.

³² Cf. Gn 19,30-38.

perante Rúben, aproveitando-se da ausência de seu pai Jacob para dormir com Bila, sua concubina³³. No plano inverso, poder-nos-íamos maravilhar com a rectidão de José, recusando deixar-se seduzir pela esposa de Potifar, seu amo, depois não se revoltando contra ela, quando esta o caluniou para que o pusessem na prisão³⁴. O facto desta história poder evocar cautelas posteriores de certos livros bíblicos contra o perigo das mulheres estrangeiras convida-nos a uma certa prudência. É o sinal de que a maior parte dos relatos mencionados até ao momento não são para ser lidos à letra e respondem a critérios teológicos que não dominamos sempre. Não é menos verdade que são o reflexo de um mundo, onde a procriação era um aspecto essencial da sexualidade e da sobrevivência de um clã, de uma tribo ou de um povo³⁵. Nesse contexto, a poligamia, a Lei do levirato e, por vezes mesmo, as relações sexuais no seio de uma mesma parentela³⁶ eram, se necessário, realidades admitidas e reconhecidas, sobretudo quando garantiam o futuro e a integridade da família.

Ressalta também destes relatos que a mulher podia ser um objecto de troca ou um bem de posse que se entregava no momento de escapar a um perigo, como quando Abraão fez Sarai passar por sua irmã e a lançou nas mãos do Faraó do Egipto³⁷. Querirá isto dizer que não havia lugar para os sentimentos e a afeição? Claro que não, pois, como já foi mencionado, o amor está presente em numerosas narrativas bíblicas, quer se trate do amor de Isaac por Rebeca³⁸, do de

³³ Cf. Gn 35,22.

³⁴ Cf. Gn 39.

³⁵ Com efeito, nestes relatos que acabamos de mencionar, são as mulheres que parecem particularmente angustiadas porque não têm filhos. Lembremo-nos das rivalidades entre Sarai e Agar, Raquel e Lia, Penina e Ana. Não esqueçamos também esta injunção de Raquel dirigida a Jacob «*Dá-me filhos ou morro*» (Gn 30,1).

³⁶ É muitas vezes o caso nas narrativas dos Patriarcas, narrativas que cortam com a legislação ulterior que interditará, como vimos, este tipo de relações (cf. Lv 18, 6ss.).

³⁷ Cf. Gn 12, 10-20; cf. 26, 6-14.

³⁸ Cf. Gn 24.

Jacob por Raquel ou do de Elcana por Ana. Muito interessante é, aliás, esta recomendação que, mesmo se posterior, traduz uma preocupação louvável, ainda que pouco realizável: “*Quando um homem tiver casado recentemente, não irá ao serviço militar e não lhe será imposto nenhum trabalho penoso; ficará livre em sua casa, durante um ano, para fazer feliz a mulher com quem casou*³⁹.”

Isto não deve fazer-nos esquecer que estamos longe do romantismo moderno e das suas aspirações, visto que é sempre o interesse da família que está em primeiro lugar. Porque também tinham consciência de que a sexualidade é perigosa, pois ela pode ocasionar comportamentos que colocam em perigo o futuro e a coesão de qualquer grupo humano, estabelecer-se-ão regras e interdições de forma a canalizar as pulsões sexuais e a assegurar a integridade do povo. De entre elas, figurava a maior de todas: “*Não cometerás adultério*⁴⁰”. Mas não dizia respeito da mesma forma ao homem e à mulher, pois a mulher cometia adultério, entregando-se a outro homem sem ser o seu marido, fosse casado ou não, já o homem, só era considerado adúltero se dormisse com uma mulher casada⁴¹.

Como compreender esta diferença de apreciação? Constatando que, no Antigo Testamento, o adultério é mais um crime contra o direito de posse do marido (baal ou senhor) que contra a castidade. A prova está no facto de que, se num caso, os dois cúmplices deviam ser apedrejados imediatamente à porta da cidade⁴², no caso de um adultério cometido, por exemplo, com uma “*escrava*,

³⁹ Cf. Dt 24,5.

⁴⁰ Cf. Ex 20,14; Dt 5,18.

⁴¹ Literalmente: «*não coabitarás com a mulher do teu concidadão*» (Lv 18,20).

⁴² Cf. Dt 22, 22-23. Na verdade, não temos nenhum exemplo na Bíblia da aplicação desta sentença. Isto é tanto mais espantoso, pois este crime, a julgar pela insistência com a qual os legisladores, os profetas e os sábios se preocupavam com ele, devia ser frequente. É preciso reparar igualmente que a lei não era a mesma se o adultério tinha lugar no campo ou na cidade (Dt 22,25). Enfim, quando o adultério não ficava provado, mas o marido, “*levado pelo ciúme*”, ficava com suspeitas, a mulher era submetida ao julgamento de Deus. Tinham lugar, então, dois processos (Nm 5, 11-31).

concubina de outro homem, e não resgatada nem libertada”, bastava que o homem desse uma simples indenização ou oferecesse um sacrifício reparador⁴³.

Num domínio assaz próximo daquele que acabamos de evocar, é preciso mencionar a regulamentação que dizia respeito a certos casos de violação ou de seduções nem sempre plenamente consentidas. Assim, quando um homem tinha seduzido uma jovem virgem que não era noiva, e tinha dormido com ela, devia casar com ela, mas depois entregar uma espécie de compensação pelos serviços que a rapariga fazia à sua família antes do casamento⁴⁴. Se o pai da jovem recusava conceder-lha, devia pagar em dinheiro o equivalente do *mohar* em uso para as virgens. Isto é tanto mais compreensível que, logo que uma rapariga perdia a sua virgindade, ela perdia metade do seu valor, já que o *mohar* pago para a adquirir seria menos elevado⁴⁵. De qualquer maneira, este género de diferendo não se regulava sempre facilmente e a violação podia dar lugar a vinganças terríveis, tal como é relatado a propósito de Dina, uma filha de Jacob⁴⁶. Correndo o risco de me alongar, permitam-me contar este episódio, pois é rico em ensinamentos!

Dina tinha saído para se encontrar com as raparigas da terra que habitava. Encontrou Siquém, o governador do país, que *«tendo-a visto, raptou-a e apoderou-se dela, violentando-a.»* Tendo-se

⁴³ Cf. Lv 19,20.

⁴⁴ Cf. Dt 22,28 (cf. Ex 22,15-16) : *“Quando um homem encontrar uma donzela virgem que não esteja noiva e, violentando-a, dormir com ela, se forem surpreendidos, o homem que dormiu com ela dará ao pai da donzela cinquenta siclos de prata, e ela tornar-se-á sua mulher, porque abusou dela. Não poderá repudiá-la em toda a sua vida”*.

⁴⁵ Cf. Dt 22,13-21 aborda o caso no qual uma mulher casada era acusada pelo seu esposo de não ser virgem no momento do casamento. Que fazer então? Seu pai e sua mãe apresentavam, diante dos anciãos da cidade, as vestes portadoras dos *“sinais de virgindade”*. O marido, condenado a uma multa de cem siclos de prata, era, então, privado do direito de repudiar a sua esposa (Dt 22,19). Mas se a acusação era justificada, a mulher era apedrejada pelos habitantes da cidade, diante da porta da casa de seu pai, pois ela tinha desonrado a sua casa pela sua má conduta.

⁴⁶ Cf. Gn 34.

apaixonado por ela, quis pedi-la em casamento, o que os filhos de Jacob aceitaram, com uma condição: que Siquém e o seu povo fossem circuncidados.

Siquém conseguiu convencer os seus compatriotas, “... *todo o varão foi circuncidado, entre os cidadãos da cidade*⁴⁷.” Mas foi então que sofreram as consequências desta operação, “... *dois dos filhos de Jacob, Simeão e Levi, irmãos de Dina, tomaram cada um a sua espada, marcharam resolutamente sobre a cidade e mataram todos os varões. Passaram a fio da espada Hamor e Siquém, seu filho, levaram Dina da casa de Siquém e retiraram-se*⁴⁸.” Não contentes com tudo isto, os outros filhos de Jacob levaram a cabo a pilhagem, apossando-se do gado miúdo e graúdo, dos jumentos, das riquezas, das crianças e das mulheres. Isto era suficientemente grave para que Jacob, seu pai, se inquietasse com as consequências do que eles acabavam de fazer. Por resposta deles só teve esta afirmação: “*Devíamos agradecer-lhes por tratarem a nossa irmã como uma prostituta*⁴⁹.”

Esta ligação de Simeão e de Levi à sua irmã, que não queriam ver acabar entre as mãos do seu violador, é, à primeira vista, louvável. Devemos, porém, interrogarmo-nos sobre as verdadeiras razões da sua recusa de uma solução que, regularizando a situação, teria reconhecido o amor de Siquém e de Dina.

Temos a impressão, efectivamente, que não é o facto da sua irmã ter sido vítima de violência que lhes causava problemas, mas que ela tenha uma relação sexual com um estrangeiro! Assim, numa sociedade onde era fundamental preservar a integridade do clã, evitando simultaneamente que as filhas-mães se encontrassem sem recursos, Simeão e Levi consideravam, claramente, que a salvaguarda da pureza da família justificava sanções mais violentas, até a guerra. E isto, com o risco de ver a sua irmã – a quem parece nunca terem perguntado opinião! – acabar só e magoada.

⁴⁷ Cf. Gn 34, 24.

⁴⁸ Cf. Gn 34,25-26.

⁴⁹ Cf. Gn 34,31.

Bastante mais tarde, de regresso do exílio, Esdras e Neemias interditarão os casamentos com as pessoas que vivem na Judeia, mas não pertencentes à comunidade “*ortodoxa*” dos descendentes dos exilados⁵⁰. Esta interdição dizia respeito, claramente, a uma parte da população que, com certas condições como a circuncisão, era favorável aos casamentos inter-étnicos. Uma vez mais, a obsessão da pureza – e não da fecundidade – dividirá, então, os defensores de uma atitude conciliadora e os defensores de uma atitude intransigente. É um outro aspecto da sexualidade. Como Dina e como todos aqueles que tinham sido vítimas da violência de Simeão e Levi, a ideologia da pureza fará novas vítimas! Mas quem ousará dizer que esta questão já não tem actualidade?

Um outro relato podia ser aqui citado, o de Tamar e Amnon⁵¹. Com efeito, evoca, como nenhum outro, a força da ambiguidade do desejo humano que levará Amnon a violar aquela que o tornava doente de amor. Pior ainda, uma vez cometida a violação, Amnon sentirá, em relação àquela que julgava amar, uma “*aversão mais violenta do que o amor que antes lhe tivera*”. Não esqueceremos esta triste constatação, quando tirarmos conclusões deste rápido percurso bíblico. Por agora, precisamos de passar a uma outra etapa de reflexão bíblica, bem diversa, sobre numerosos pontos do que já abordámos até ao momento que coincide com a penetração do Helenismo na Palestina, por volta do séc. IV antes de Cristo.

⁵⁰ Cf. Esd 9-10.

⁵¹ Cf. 2 Sm13,1-22.

B. QUESTÕES PARA A REFLEXÃO EM CASAL E PARTILHA EM EQUIPA

Apresentamos, seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão ao longo do mês e posterior debate em equipa:

1. “A Bíblia não é o código da moral”...então como defini-la.?
2. A importância do meio cultural: Em que difere ele na nossa cultura actual? E das passadas?
 - Que revela Elias em (1Rs 18,20-39)?
 - E Oseias em (Os 2,4-10)?
 - Qual é a razão da cólera do Senhor (Jr 44,15-23)?
 - O que é que muda com a novidade anunciada em Os 11?
 - Que dizem os Levitas (Lv 18,6-18; 22; 20,13)?
 - Porque é tão importante a fecundidade? O que é que determina o papel da mulher?
 - O que é que justifica a poligamia?
 - Que imagem se tem, então, da mulher? Mikal; Lei do Levirato⁵², Tamar (Gn 38) e Dina (Gn 34)

C – SUGESTÕES PARA UM DEVER DE SE SENTAR

Comecemos o dever de se sentar com a leitura do texto de meditação (Oseías), após o qual se deve fazer uma oração partilhada, criando um clima de interiorização e de acolhimento ao outro, o que vai facilitar o diálogo em casal.

⁵² Levirato (do latim *levir*, “cunhado”). Perscrevia que, se um homem casado, morresse sem ter filhos, o seu irmão deveria desposar a “cunhada viúva”.

Em seguida leiam as pistas, façam um certo silêncio e só depois iniciem o diálogo:

- De que forma, na nossa vida sexual, nos apercebemos desta participação na força criadora de Deus?
- De que forma reagimos face à importância, quase sagrada, dada à sexualidade na nossa sociedade?
- Como podemos alertar os nossos filhos para as diferentes dimensões da sexualidade?

D – TEXTO PARA A ORAÇÃO EM EQUIPA

“Vinde! Voltemos para o Senhor! Ele feriu-nos ,Ele nos curará; Ele fez a ferida, Ele fará o penso. Dar-nos-á de novo a vida em dois dias, ao terceiro dia nos levantará, e viveremos na sua presença. Esforcemo-nos por conhecer o Senhor; iminente, como a aurora, está a sua vinda; Ele virá para nós como a chuva, como a chuva da Primavera que irriga a terra.”

E Deus perguntou: “Que posso fazer por ti, ó Efraim? Que posso fazer por ti, ó Judá? O vosso amor é fugidio como a nuvem da manhã, como o orvalho matutino que logo se dissipa. Por isso os castiguei duramente pelos profetas,, e os matei pelas palavras da minha boca. Porque Eu quero o amor e não os sacrifícios, o conhecimento de Deus, mais que os holocaustos.”

Os 6,1-6

CAPÍTULO I - O AMOR HUMANO AO LONGO DA BÍBLIA

2ª REUNIÃO: *“Sara e Tobias tornar-se-ão [...] a imagem do casal ideal, plenamente fiel ao projecto de Deus revelado nos textos da Criação”*

A. TEMA

Entre a desconfiança e o desprezo

Ninguém o negará, o Helenismo marcou uma etapa importante da história da Humanidade. Pela primeira vez, povos e cidades encontraram-se, efectivamente, reunidos numa civilização que queria englobar o mundo inteiro numa mesma cultura. O culto do corpo também aí era bastante importante, sendo os ginásios verdadeiras escolas onde se cultivava o espírito, cuidando em simultâneo do corpo para torná-lo belo e forte¹. À sua maneira, os artistas esforçavam-se também por valorizar corpos bem feitos e bem proporcionados. A nudez era, na verdade, rigorosa, mas sem que predominassem os órgãos sexuais, como era o caso noutras civilizações. Tudo era submetido ao cânon das proporções e da beleza. Com muita frequência, o culto do corpo humano conduzia um ou outro para atracções e para práticas que, sem serem verdadeiramente homossexuais, eram de natureza homofila.

Ao lado deste culto da beleza corporal e do erotismo, desenvolveu-se, contudo, uma certa desconfiança em relação ao corpo que era considerado como uma prisão da qual a alma devia ser libertada. Mas isso não é de admirar, pois o desprezo pelo corpo e a sua exaltação excessiva podiam conduzir a práticas idênticas e à

¹ São escolas deste estilo que, no ano 167 a.C., Antífoco Epifânio queria instalar em Jerusalém. Para aí serem introduzidos, judeus grecófilos apressaram-se, então, a abolir a circuncisão (1 Mac 1.14-15)!

mesma procura do prazer. Em sentido contrário, certos grupos esforçavam-se por se libertarem da prisão corporal, lutando contra as paixões e os desejos ou entregando-se à vida do espírito. Estes reflexos de desconfiança ou de hostilidade em relação ao corpo conduziam a uma ascese sexual que podia chegar a uma abstinência total. Com frequência, esta atitude era acompanhada de uma certa idealização da virgindade, consequência, por vezes, de um evidente desprezo pela mulher.

Devido à sua religião revelada, mas também devido à sua situação geográfica, Israel resistirá, com mais força do que outros povos, aos assaltos do Helenismo. Muitos reis estrangeiros, Antíoco IV Epifânio particularmente, procurarão introduzi-lo pela força. Mas, como podemos ver nos dois livros dos Macabeus, esta violência tornará a resistência dos judeus ainda mais acesa. Querera isto dizer que o Helenismo não exercerá nenhuma influência no Judaísmo? Claro que não. Além do aparecimento de um certo desprezo pela sexualidade, é talvez sob a sua influência que as mulheres desaparecerão da vida pública e do culto. Podemos-nos perguntar também se não é preciso procurar alguns traços de Helenismo na escolha do celibato no limiar da era cristã, por algumas correntes judaicas. No que nos diz respeito, sem que o possamos afirmar com toda a segurança, é preciso reconhecer que a corrente de sapiência, que se desenvolverá a partir do séc. IV antes de Cristo, caracterizar-se-á, apesar do que se possa dizer, por uma real desconfiança em relação às mulheres e à sexualidade.

Pela primeira vez, na Bíblia, o autor do Eclesiastes afirmará que a mulher pode ser uma armadilha e que ela é, então, má. *“Eu considero que mais amargo do que a morte / é encontrar uma mulher que é uma armadilha, / cujo coração é uma rede, e cujas mãos são cadeias. / Aquele que é agradável a Deus fugirá dela, / mas o pecador será apanhado por ela².”* Fornecendo uma justificação religiosa para um anti-feminismo ansioso por se desenvolver, Ben Sira, o Sábio, irá ainda mais longe: *“Foi pela mulher que começou o*

² Cf. Ecl 7,26.

*pecado, / e é por causa dela que todos morreremos*³.” Fazendo recair, assim, sobre a mulher o peso do pecado original, Ben Sira alimentará uma verdadeira mitologia da *mulher-flagelo*, como se pode ver na passagem seguinte, de que se dirá, por vezes, para desculpar o autor, que ele evoca uma mulher má. Mas ninguém se deixa levar.

*“Qualquer ferida, menos a ferida do coração!
Qualquer maldade, mas não a maldade da mulher!
Qualquer aflição, mas não a aflição causada pelo ódio!
Qualquer vingança, mas não a vingança do inimigo!
Não há veneno pior que o da serpente,
e não há cólera pior do que a dum inimigo!
Será preferível viver com um leão ou com um dragão,
do que viver com uma mulher perversa.
A malícia da mulher transforma-lhe as feições,
torna-lhe o rosto como o de um urso. (...)
Toda a malícia é leve, comparada com a malícia da mulher;
que a sorte dos pecadores caia sobre ela!”*⁴”

Igualmente surpreendentes são as palavras de Ben Sira dizendo que ter uma filha é um tormento para um pai: *“Uma filha é para seu pai uma oculta preocupação, / o cuidado dela tira-lhe o sono; / receia que passe a flor da sua idade sem se casar, / ou que, casada, se torne odiosa para o seu marido; / receia que seja manchada na sua virgindade, / e que apareça grávida na casa paterna; / ou que, casada, seja infiel ao marido, / ou que permaneça estéril*⁵.” Na sequência deste último conselho: *“Exerce severa vigilância sobre a filha audaciosa, / para que não te exponha ao escárnio dos teus inimigos, / à detracção da cidade e ao ludíbrio da*

³ Cf. Sir 25,24. Este mesmo autor lembrará os deveres dos filhos para com os seus pais (Sir 3,1-16) e retratará um quadro encantador da felicidade conjugal (26,1-4) e da esposa perfeita (26,13-18).

⁴ Cf. Sir 25,13-17,19.

⁵ Cf. Sir 42, 9-10.

*plebe, / e te envergonhe diante da multidão do povo!*⁶” Numa outra passagem, Ben Sira aconselha os seus discípulos a escolherem uma boa esposa⁷ ou a desconfiarem como da peste da beleza de certas mulheres⁸. Antes de mais: inculca-lhes o medo de se deixarem levar pela paixão carnal e convida-os a pedir ao Senhor para não caírem sob o domínio da inveja: “*Senhor, Pai e Deus da minha vida, / não me dê olhos altivos, / e afasta de mim a concupiscência. Não se apodere de mim o apetite sensual e a luxúria, / e não me entregues à mercê do desejo impudico*⁹.” Salomão, ele próprio, é, aliás, criticado por lhes ter sucumbido. “*Entregaste-te ao amor das mulheres / e deste-lhes poder sobre o teu corpo. / E maculaste a tua glória, / profanaste a tua descendência, / atraindo, assim, a ira sobre os teus filhos / e o castigo sobre a tua loucura*¹⁰.”

No limiar da era cristã, o autor do livro da Sabedoria chegará a afirmar: “*Feliz a estéril imaculada, que não manchou o seu leito; / terá a sua recompensa no dia do juízo. / Feliz também o eunuco que não praticou o mal/ nem teve maus pensamentos contra o Senhor*¹¹.” Quer se trate da esposa estéril que se restringe ao seu casamento legítimo ou daquele que é impotente por doença ou acidente, para o autor do livro, a sua virtude vale mais, por isso, que filhos e filhas; a sua fecundidade, de uma outra ordem porque espiritual, aparecerá no além. Daí em diante, só conta, então, a sabedoria que é preciso pedir na oração, seguindo o exemplo de Salomão que reconheceu nela a esposa ideal:

“Eu a amei e busquei desde a minha juventude, / procurei tomá-la por esposa e enamorei-me da sua formosura. (...) Por isso, resolvi tomá-la por companheira da minha vida, / sabendo que ela será para mim conselheira do bem e consolação nas preocupações e

⁶ Cf. Sir 42,11.

⁷ Cf. Sir 36,26-31.

⁸ Cf. Sir 9,8; 25,21.

⁹ Cf. Sir 23,4-6.

¹⁰ Cf. Sir 47,19-20.

¹¹ Cf. Sb 3, 13-14.

nas tristezas. (...) Reflectindo eu sobre estas coisas e meditando em meu coração/ que a imortalidade está em união com a sabedoria, / que na sua amizade existe um nobre prazer, / que na obra das suas mãos há uma riqueza inesgotável, / que há inteligência na assiduidade da sua companhia/ e serenidade no diálogo com ela, ia por toda a parte procurando possuí-la¹². ”

A figura de Salomão aparece, aqui, bem distante da do primeiro livro dos Reis. De todos os dons recebidos por Salomão, um só falta com efeito: a mulher como esposa. E o único casamento, a que aspira Salomão, é com a Sabedoria amada por Deus. Será isso um convite à castidade? Sem necessariamente menosprezar o casamento, o autor insinua-o de forma discreta ao mesmo tempo que denuncia as desordens da vida moral que ele considera como sendo uma consequência do desconhecimento de Deus: *“Por toda a parte andam misturados/ sangue e crime, roubo e fraude, corrupção, deslealdade, revolta e perjúrio, / confusão de valores, esquecimento da gratidão/ impureza das almas, perversão sexual, / desordem dos casamentos, adultérios e imoralidades¹³. ”*

Devemos reter-nos aqui? Claro que não, pois seria esquecer outros textos, redigidos na sua maior parte em grego, talvez em reacção aos textos já evocados. Todos propõem retratos de mulheres heroínas: Ester, que salva o seu povo, depois de ter desposado um rei pagão seduzido pela sua beleza; Judite, uma viúva sem filhos, que salva igualmente o seu povo, matando um general do exército que ela tinha seduzido e embebedado a seguir; Susana, vítima de dois velhos lúbricos, que recusa, pondo em risco a sua vida, entregar-se ao adultério e vê a sua inocência reconhecida¹⁴; uma mãe de sete filhos que não quer utilizar a sua afeição maternal para fins contrários à lei e entrega a Deus o dom que lhe fizera dos seus filhos, encorajando-os a suportarem os suplícios¹⁵.

¹² Cf. Sb 8, 2.9.17-18.

¹³ Cf. Sb 14,25-26.

¹⁴ Cf. Dn 13.

¹⁵ Cf. 2 Mc 7.

Excepto talvez este último texto, os relatos são romances edificantes. Cada um, à sua maneira, exalta a mulher ideal cujas qualidades religiosas, a virtude e, mais ainda, a força de carácter são sublinhadas. Mas se há lugar para a sexualidade em cada um destes relatos é sempre o autodomínio que é valorizado.

Particularmente interessante é, a este propósito, o livro de Tobias que, normalmente, é situado no século II antes de Cristo. Ele evoca a união carnal tal como ela é querida por Deus. Tudo começa, no entanto, de maneira trágica com os sete primeiros maridos de Sara que morrem antes de se unirem a ela.

Face a esta situação, cuja causa não se compreende, mas o rumor público imputa-lhe a responsabilidade¹⁶, Sara é, então, tentada pelo suicídio. Preocupada em não entristecer o seu velho pai, ela afasta essa tentação e suplica a Deus a morte: *“Tu sabes, Senhor, que estou pura de toda a mácula contraída com algum homem e que nunca manchei o meu nome nem o do meu pai nesta terra do meu cativo. Sou filha única do meu pai. Ele não tem outro descendente que possa constituir herdeiro, nem tem parente próximo ou companheiro da mesma tribo, para o qual eu me deva guardar como esposa. Morreram-me já sete maridos; para quê, pois, me serve a vida? Se, porém, não ma quiseres tirar, Senhor, escuta-me, na minha angústia¹⁷.”*

Evidentemente que o Senhor ouvirá a prece de Sara. Quanto à questão de saber porque morreram os sete maridos de Sara, saberemos muito mais tarde que terá sido um poder demoníaco que procurava destruir o casal que queriam constituir com Sara. S. Jerónimo, na Vulgata, proporá uma outra explicação bem diversa: os sete esposos de Sara desconheciam Deus, eles não tinham

¹⁶ Cf. Tb 3,8-9.

¹⁷ Cf. Tb 3,14-15. A Vulgata alongará esta oração: “Sabes, Senhor, que nunca desejei um homem e que guardei a minha alma pura de todo o desejo carnal. Nunca participei em orgias e nunca partilhei a companhia dos amantes do deboche. Foi temendo-Te, e de acordo com a minha inclinação, que consenti em escolher um marido. Ora, ou eu não fui digna deles, ou talvez não foram eles dignos de mim, porque talvez Tu me tivesses reservado para um outro homem.”

compreendido que o desejo carnal saciado sem Deus conduz à morte¹⁸. Também não será tanto o cheiro do fígado de peixe que fará fugir o demônio que tinha causado a morte dos sete primeiros maridos de Sara¹⁹, mas a oração comum de Tobias e de Sara, antes de se unirem. Através dessa oração, reconhecerão que não é o desejo carnal que os atraiu um ao outro, mas o acolhimento do desígnio de Deus. Tomando como base as narrativas do Génesis, Tobias, que se tinha deixado convencer a casar com Sara, implorará a misericórdia divina nestes termos:

“Bendito sejas, Deus dos nossos pais, e bendito seja o Teu nome, por todas as gerações; louvem-Te os céus e todas as Tuas criaturas, por todos os séculos. Tu criaste Adão e deste-lhe Eva, sua esposa, como amparo valioso, e de ambos procedeu a linhagem dos homens. Com efeito, disseste: Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe uma auxiliar semelhante a ele. Agora, Senhor, Tu bem sabes que não é com paixão depravada que agora tomo por esposa a minha irmã, mas é com intenção pura. Permite, pois, que eu e ela encontremos misericórdia e cheguemos juntos à velhice²⁰.”

¹⁸ Cf. Tb 6,16-17, reinterpretado por S.Jerónimo que introduzirá uma verdadeira espiritualidade conjugal: “Escuta-me: vou mostrar-te aqueles sobre os quais o demônio impera. São aqueles que entendem o casamento de tal maneira que excluem Deus do seu espírito e se abandonam à sua paixão como cavalo e jumento despidos de inteligência: sobre esses, o demônio tem poder.”

¹⁹ Cf. Tb 6,17; 8,2-3. Na sequência desta recomendação de Rafael a Tobias: “Mas tu, quando a (Sara) tomares, uma vez no teu quarto, guarda continência com ela durante três dias e não te ocupes de mais nada a não ser de orar com ela. Nessa noite, o demônio será posto em fuga pelo fígado do peixe. Na segunda noite, vós sereis admitidos na companhia dos santos patriarcas. Na terceira noite, obterás a bênção para que vos nasçam filhos com boa saúde. Uma vez passada a terceira noite, tu tomarás a virgem com o temor de Deus, guiado pelo amor dos filhos mais que pela paixão, para que tenhas sobre os teus filhos a bênção prometida à descendência de Abraão.”

²⁰ Cf. Tb 8,5-7.

E o autor do livro acrescenta: “*e ambos responderam ao mesmo tempo: “Ámen, Ámen!” Depois, deitaram-se para passar a noite*²¹.”

Enviada a verificar se Tobias não estava morto, uma jovem serva encontrá-lo-á, de manhãzinha, profundamente adormecido. O pai de Sara dará, então, graças a Deus e, ao mesmo tempo, mandará rapidamente fechar o túmulo que já tinha mandado abrir. Durante duas semanas de festa, celebrar-se-á o feliz acontecimento²². Mas não será esquecido o que se tinha passado. Ao longo dos séculos, Sara e Tobias tornar-se-ão mesmo a imagem do casal ideal, integralmente fiel ao projecto de Deus revelado nos relatos da criação. De entre as virtudes que lhes são reconhecidas figuram, principalmente, o respeito pelo outro, o autodomínio, o amor mútuo e o dom de si. Do seu exemplo reteremos igualmente a convicção de que o equilíbrio do casal exige uma verdadeira ascese, intimamente ligada à oração.

Pode-se dizer que uma certa compreensão cristã virá a desenvolver-se na linha desta concepção judaica bem definida.

E o Cântico dos Cânticos?

É preciso começar por reler as páginas da Bíblia que temos percorrido para salientar quer a sua diversidade quer a distância cultural que nos separa do mundo e das épocas em que foram escritas.

Num contexto em que as mulheres eram valorizadas porque delas dependia a sobrevivência do clã e a preservação da sua pureza,

²¹ Cf. Tb 8,8. Tobias e Sara rezam para que a sua ligação com Deus confira à sua união carnal o seu sentido profundo e verdadeiro. Como veremos, é exactamente o inverso da cena de Gn 3, onde a ruptura com Deus conduz a uma tensão irremediável entre os dois sexos. No centro da oração de Tobias e Sara figura uma referência implícita ao primeiro relato da criação (alusão às crianças) e explícita o segundo relato da criação (citação de Gn 2,18).

²² Cf. Tb 8,13 ss.

compreende-se que a fecundidade e o dever de assegurar uma descendência ou uma posteridade se sobreponham ao amor, pelo menos a um primeiro olhar. Raros são, aliás, de entre os textos bíblicos explorados até agora, aqueles que evocam de forma explícita um sentimento que só há pouco tempo associamos à sexualidade²³.

Por oposição ao amor, chegou a afirmar-se, por vezes, que a rivalidade era uma das características fundamentais da relação homem-mulher no Antigo Testamento: “*rivalidade subterrânea entre o poder legal e o poder vital, entre os direitos sociais e as visitas misteriosas da fecundidade, entre uma dominação masculina pública e uma supremacia feminina secreta, pois se só o homem legaliza, só a mulher concebe*”²⁴. Excluídos da esfera da fecundidade, os homens do Antigo Testamento teriam, por isso, reagido, monopolizando a esfera da legalidade, como se vê, por exemplo, com o adultério que eles consideravam essencialmente como um roubo da propriedade. Condenável em si mesmo, era-o também, é verdade, porque criava o risco de um bastardo se infiltrar na linhagem legítima. Este medo poderia explicar a forma totalmente diferente como são julgados os desvios sexuais no caso do homem e no caso da mulher.

Esta repartição dos papéis dos homens e das mulheres, bem como dos seus direitos e dos seus deveres, não deveria, no entanto, esconder o essencial que é a incontestável valorização da sexualidade pela tradição bíblica. Apresentada como um factor de humanização e de santificação, a sexualidade aparece na Bíblia como algo essencial à vida dos homens. Ela permite, especialmente à pessoa humana, confrontar-se com a realidade estruturante dos seus limites. Face às leis e às proibições que garantem e estruturam a vida social, o ser

²³ Ainda que tenhamos tendência a esquecê-lo, os historiadores e os sociólogos recordam-no-lo com frequência: o amor só se tornou o valor central do casamento a partir do século XVIII. Até então, o amor não antecedia o casamento e as razões para se casar eram, antes de mais, a procriação e o acompanhamento. A uma grande reserva sentimental correspondia, ao que parece também, um erotismo muito sumário (M. Bozon, *La famille, l'état des savoirs, La Découverte*, Paris, 1992).

²⁴ A. Dumas, «*Similitude et diversité des sexes dans le plan de Dieu*», *Études Théologiques et Religieuses*, 1965, pp. 97-108.

humano reconhece que ele não é nem o seu próprio começo, nem o seu próprio fim, nem um ser completo desacompanhado do outro. Assim, no centro da própria experiência do amor, o homem e a mulher aprendem a não fazer da sexualidade apenas um instrumento de prazer ou de procura egoísta, pois a Bíblia não cessa de o repetir: a sexualidade pode também conduzir à violência assassina e a todo o tipo de desordens²⁵. A sexualidade é, por isso, uma realidade ambígua.

Ao mesmo tempo, os homens e as mulheres da Bíblia lembram-se que a sua capacidade de procriar se inscreve no quadro de uma promessa feita a Abraão e à sua descendência²⁶. Dando a vida, eles moldam-se à vontade de Deus e participam no seu poder criador.

Fruto da bênção divina, a procriação é mesmo o sinal de Deus que cria e dá a vida²⁷. É por isso que a esterilidade é muitas vezes entendida na Bíblia como uma maldição, até mesmo como um castigo²⁸.

Curiosamente, no entanto, a esterilidade é o ponto comum às figuras femininas mais importantes da Bíblia: estéril, Sara esperou até aos noventa anos para dar um filho a Abraão; estéril, Rebeca; estéril, Raquel com ciúmes da sua irmã Lia, de uma fecundidade insolente; estéril, a mãe do Juiz Sansão; estéril, Ana, a futura mãe do profeta Samuel, humilhada pelas afrontas repetidas de Penina, sua rival. Estéreis, todas estas mulheres darão à luz, contudo, em condições excepcionais²⁹. E a criança que elas já não esperavam terá mesmo, na maior parte dos casos, um destino absolutamente excepcional.

²⁵ Além dos textos citados acima, pode ler-se Jz 19-21.

²⁶ Cf. Gn 12,1-5; 17,2-8.

²⁷ Cf. Gn 1,27-28.

²⁸ Cf. Gn 20,18. Da mesma forma, o celibato parece contrariar o projecto de Deus. Aliás, é só muito mais tarde que ele será adoptado por certos grupos religiosos, principalmente por razões culturais. Outro exemplo conhecido é Jeremias a quem Deus ordenou que observasse o celibato. Mas isso será um sinal de morte (Jer 16,1ss).

²⁹ cf. Gn 17,17; 18,10-15.

São a marca de que estes nascimentos não se inscrevem na história normal dos homens, mas na de Deus, que pôs os olhos naquelas que sofriam, para fazer delas um exemplo admirável da Sua Providência. Como nenhum outro, o canto de Ana, mãe de Samuel, traduz o reconhecimento desta mãe e a sua admiração diante da grandeza do Amor de Deus:

*“Ninguém é santo como o Senhor.
Não há outro Deus fora de Ti,
Ninguém é tão forte como o nosso Deus.(...)
Os saciados tiveram que ganhar o pão
e os famintos foram saciados.
Até a estéril foi mãe de sete filhos
E a mulher que os tinha numerosos ficou estéril.
O Senhor é que dá a morte e a vida,
leva à habitação dos mortos e tira de lá.
O Senhor despoja e enriquece,
humilha e exalta.
Levanta do pó o mendigo e tira da imundície o pobre
para os sentar com os príncipes e ocupar um trono de glória;
Porque são do SENHOR as colunas da terra e sobre elas
assentou o mundo.
Ele dirige os passos dos seus santos,
mas os ímpios perecerão nas trevas,
porque homem algum vencerá pela sua própria força³⁰.”*

No entanto, logo após o desmame, Ana separar-se-á de Samuel para o colocar ao serviço do Deus no santuário de Silo. Ela que não tinha vivido senão para o desejo de ter este filho “cedê-lo-á” a Deus³¹! De forma igualmente surpreendente, víramos Deus reclamar a Abraão o filho que Ele lhe tinha dado: é o famoso

³⁰ Cf. 1 Sm 2,2,5-9.

³¹ Cf. 1 Sm 1,27-28.

episódio do sacrifício de Isaac³². Seria necessário, aliás, falar da prova de Abraão, pois é exactamente disso que se trata: Abraão saberá separar-se do seu filho único, dom de Deus, para escolher o Deus que oferece? Compreenderá que, para acolher Deus em plena liberdade e verdade, é preciso, por vezes, aceitar morrer ou perder aquilo que Ele deu? Esta experiência de desprendimento era crucificante, mas o que Deus queria era que Abraão O acolhesse em plena liberdade pelo que Ele é e não simplesmente pelo que Ele lhe tinha dado. Assim, Abraão poderia compreender que pôr no mundo um filho é consentir, antes de mais, que a vida não pertence àquele que a transmite, antes ela é-lhe confiada como uma promessa e um dom. Logo, o dom de Deus está sempre em primeiro lugar. É, sem dúvida, por isso que, na Bíblia, a procriação *“natural”* não basta para assegurar a continuidade da promessa divina. Deste modo não é Ismael, o filho natural de Abraão, que receberá a promessa divina, mas Isaac, o filho da graça³³.

Neste quadro destoa, contudo, um livro bíblico, **o Cântico dos Cânticos**. Deus nunca aí é referido³⁴ e os seus heróis não têm nome. De que fala este livro? Do amor, somente do amor, não aparecendo, sequer, a perspectiva da fecundidade carnal. Amante e desejosa de ser amada, a jovem mostra-se activa, viva e ansiosa. Ela procura e espera aquele que ama; ela vibra com o anúncio da sua chegada. Ele maravilha-se diante daquela beleza que lhe faz perder o sentido:

*“Ele: quão formosos são teus pés / nas sandálias, ó princesa!
/ As curvas dos teus quadris / parecem colares, obra de mãos de
artista. / O teu umbigo é uma taça redonda. / (...) / O teu ventre é
monte de trigo, / todo cercado de lírios. / Os teus seios são dois
filhotes / gémeos de uma gazela; / o teu pescoço, uma torre de
marfim; / os teus olhos, as piscinas de Hesbon, / junto às portas de*

³² Cf. Gn 22.

³³ Cf. Gn 17,15-21. Aliás, será Jacob o mais novo que será escolhido em vez de Esaú, o mais velho e o preferido de Isaac (Gn 27).

³⁴ Excepto, de passagem e de forma breve, em Ct 8,6.

Bat-Rabin; / o teu nariz é como a torre do Líbano, / de vigia voltada para Damasco. / A tua cabeça ergue-se como o Carmelo / e os teus cabelos são como púrpura; / trazem um rei cativo dos teus laços.

/ Como és bela, como és desejável, / meu amor, com tais delícias! / Esse teu porte é semelhante à palmeira, os teus seios são os seus cachos. / Pensei: “Vou subir à palmeira, / vou colher dos seus frutos. / Sejam os teus seios / como cachos de uvas, / e o hálito da tua boca, perfume de maçãs. / A tua boca bebe o melhor vinho³⁵.”

Tudo, no Cântico dos Cânticos, respira a alegria, a prazer e a beleza do amor “*forte como a morte*³⁶”. Nada é demasiado belo para transmitir o encantamento de dois amantes, cada um deles encontrando a sua felicidade no outro. A criação inteira parece chamada para cantar com eles a alegria de ser amado. Mas eis que nos momentos mais propícios para celebrar a presença mútua e a plenitude do encontro, o bem amado esconde-se da sua bem amada que começa, então, a procurá-lo: “*Fui abrir a porta ao meu amado / e o meu amado já tinha desaparecido. / Fora de mim, corro atrás das suas palavras; / procuro e não o encontro, / chamo e não me responde*³⁷.” Mais espantoso ainda este magnífico canto de amor que termina com um convite à fuga: “*Corre, meu amado! Sê como um gamo / ou um filhote de gazela, / pelos montes perfumados*³⁸.”

Porquê este convite à fuga? Eles tinham cessado de se procurar e de se desejar, eles tinham ultrapassado todos os obstáculos que os impediam, ao que parece, de dar livre curso ao seu amor, e eis que tudo acaba com um afastamento e uma distância desejados. Será que a bem amada já não ama o bem amado? Claro que não. É mesmo o contrário. Enquanto, no princípio, ela exclamava “*o meu amado é para mim e eu para ele*³⁹”, ela descobriu depois que, em todo o amor plenamente vivido, deve permanecer o espaço de uma distância. Ela

³⁵ Cf. Ct 7,2-10.

³⁶ Cf. Ct 8,6.

³⁷ Cf. Ct 5,6.

³⁸ Cf. Ct 8,14.

³⁹ Cf. Ct 2,16.

compreendeu também que o amor autenticamente partilhado não pode abolir uma necessária solidão, pois a distância e a solidão são as condições de um amor autêntico que não pretende uma fusão. Para tanto é preciso aceitar que o outro escape ao controlo que era possível exercer sobre ele, ou, mais simplesmente, à ideia que se construía dele. Ele deve ser amado na sua singularidade e na sua distância, que pode ser feita de fraquezas. Ele não é meu, eu não sou dele, nós somos totalmente um do outro, na aceitação de uma dinâmica que convida cada um a despojar-se dos seus sonhos e dos seus poderes para acolher e dar⁴⁰.

Esta é uma das grandes lições da Bíblia que repete frequentemente que o amor autêntico não se constrói fora da diferença e da distância mantidas. Quando esquecemos isso, ele pode tornar-se uma tirania que destrói a relação, destruindo o outro. Em suma – e é exactamente isso que desvendarão os relatos do Génesis que vamos agora abordar –, negar a solidão e a diferença é “*ocupar o lugar cimeiro que é o de Deus, é proibir a entrada na verdade da experiência do amor pelo outro como outro, isto é, como pessoa criada à imagem de Deus*”⁴¹. A sexualidade é, claramente, neste sentido, um dos lugares onde se exprime a dimensão divina da existência. Ainda que na Bíblia ela nunca seja entendida como um

⁴⁰ Contrariamente ao livro do Génesis (3,16), o desejo não é aqui ocasião para uma maldição orientada para o domínio do homem sobre a mulher, mas ocasião do encontro perfeito e da paz. É verdade que desde “*O meu amado é para mim e eu para ele*» (Ct 2,16) até «*Eu pertenço ao meu amado e o seu desejo impele-o para mim*» (Ct 7,11), a bem amada fez um longo caminho onde lhe foi necessário reconhecer: «*Eu sou para o meu amado e o meu amado é para mim*” (Ct 6,3).

Nós estamos aqui no centro do amor autêntico: cada um dos amantes encontra a sua riqueza no outro, e não em si mesmo. Cada um quer ser fonte de prazer do outro; cada um só conhece o prazer, tornando-se fonte de prazer para o outro. É neste movimento que morre uma sexualidade que só vê o outro como objecto ao serviço do seu próprio prazer. Mas sem que, necessariamente, morra o desejo! Se ele permanece forte, pelo amor (cf. Ct 8,6), ele ganha em verdade, pois que se reconhece que a satisfação do seu desejo surge da satisfação do desejo do outro e que a sua felicidade só pode nascer da felicidade do outro.

⁴¹ A. M. Pelletier, « Vu du jardin du Cantique des cantiques, l’homme et la femme » in *Foie et Vie*, Cahiers bibliques 39, Set 2000.

pecado, a sexualidade é também o lugar onde se pode sentir de maneira trágica, até na carne, aquilo que se passa quando não somos capazes de acolher a alteridade ou quando a recusamos, porque vemos aí uma ameaça a destruir, uma limitação do desejo que julgamos insuportável.

B. QUESTÕES PARA A REFLEXÃO EM CASAL E PARTILHA EM EQUIPA

Apresentamos, seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão ao longo do mês e posterior debate em equipa:

1. A importância do Helenismo

- Imagem do corpo: deve ser desprezada ou exaltada?
- Influência do helenismo sobre o judaísmo: desconfiança quanto à mulher? Desconfiança quanto à sexualidade?

2. Ben Sira, Salomão, Tobias:

- Que nos dizem da mulher? Da fecundidade? Da esterilidade?
- Lugar de amor, falando do sentimento amoroso da Bíblia

3. Os dois grandes tempos do Cântico dos Cânticos

- Quais são as condições para um amor autêntico?

C. SUGESTÕES PARA UM DEVER DE SE SENTAR

Depois de uma leitura em comum do Cântico dos Cânticos podemos fazer uma partilha sobre as seguintes questões:

- O que é que eu encontro de único no meu cônjuge?
- Em que é que somos radicalmente diferentes?
- Aceito com alegria que ele(ela) seja diferente de mim?
- Como o vivemos?

D. TEXTO PARA A ORAÇÃO EM EQUIPA

Quando foram para o seu quarto, Tobias disse à Esposa: “Sara, levanta-te, vamos orar a Deus hoje, amanhã e depois. Durante estas três noites, estaremos somente unidos a Deus e só passada a terceira noite consumaremos a nossa união. Descendemos dum povo de santos e não nos podemos unir como pagãos que desconhecem a Deus”. Levantaram-se ambos e puseram-se a orar com fervor. Pediam a Deus a Sua protecção. Tobias dizia: “Senhor, Deus de nossos pais, louvem-Te os céus e a terra, assim como o mar, as fontes, os rios e todas as criaturas. Tu criaste Adão do barro da terra, e deste-lhe Eva como esposa. Agora, Senhor, Tu bem sabes: se tomo por esposa esta filha de Israel, não é para satisfazer as minhas paixões, mas só com o desejo de fundar uma família que louvará o Teu nome por todos os séculos.

Tb 8,1-9

CAPÍTULO II – OS RELATOS DA CRIAÇÃO

(Gn 1-3)

3ª REUNIÃO: *“O homem e a mulher apresentam-se um ao outro, na sua diferença e sedução. A obra divina está completa. Tudo está em harmonia. A criação é bela.”*

A. TEMA

Quem se interessa pela maneira como a Bíblia evoca as relações homem-mulher, dificilmente pode esquecer-se dos três primeiros capítulos do livro do Génesis. Situados no início da Bíblia, estes capítulos evocam, sob a forma de dois relatos, a criação do mundo. Fazem-no em termos que estão afastados do nosso pensamento científico mas que, apesar disso, encerram um sentido pleno de actualidade. De entre os mais conhecidos da Bíblia, estes textos desempenharam um papel importante na compreensão das relações humanas, mas as leituras que deles foram feitas contribuíram, por vezes, para alimentar uma imagem ambígua e falsa da mulher.

No primeiro relato, ficamos a saber que o homem e a mulher foram criados à imagem e semelhança de Deus: eles são o culminar da Criação. No segundo relato, a mulher, apresentada como uma ajuda indispensável ao homem, suscita a admiração de Adão. Mas da admiração ao drama do pecado, houve apenas um passo rapidamente dado. A relação harmoniosa do homem com a mulher foi substituída, então, por relações de inveja e de domínio.

No espaço de três capítulos é tudo dito: a semelhança, o encantamento, a provação da relação. Mas devemos à inteligência do último autor do Pentateuco¹ ter feito preceder o relato da *“queda de*

¹ O Pentateuco é constituído pelos cinco primeiros livros da Bíblia: Génesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuterónimo. A sua redacção repartiu-se por vários séculos, provavelmente do século X ao século IV antes de Cristo.

Adão e Eva”, ainda que mais antigo que o da criação em sete dias. Antes de evocar o drama da ruptura quer entre o ser humano e Deus, quer entre o homem e a mulher, desejava, sem dúvida, afirmar, antes de mais, o aspecto absolutamente positivo da Criação. Antes de falar do homem e do seu pecado, ele desejava que, de forma alguma, fosse esquecido que o ser humano fora criado *“homem e mulher à imagem e semelhança de Deus”*. Na opinião de Deus estava tudo muito bem!

Homem e mulher Ele os criou

Habitualmente situa-se a redacção do primeiro relato da criação², durante o exílio na Babilónia, no século VI antes de Cristo. Com a tomada de Jerusalém, em 587, Israel tinha perdido a sua terra, o seu rei e o seu templo. Exilados na Babilónia, os autores deste relato teriam, por isso, tido suficientes razões para duvidar do seu Deus e, sem dúvida, também da vida. Num magnífico poema litúrgico, eles afirmam, pelo contrário, que o mundo é belo: ele é fruto da Palavra de Deus. Assim, por seis vezes, um mesmo refrão pontua as diferentes criações: *“e Deus viu que isso era bom”*. O sexto dia, último dos dias da criação, é, de longe, o mais desenvolvido. É o dia em que Deus criou a Humanidade, ***“o ser humano”***, no sentido geral do termo:

«Depois, Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra”. Deus criou o ser humano à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra”. Deus disse ainda: “Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com

² Cf. Gn 1,1-2, 4a.

semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus e a todos os seres vivos que existem e se movem sobre a terra, igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir”. E assim aconteceu. Deus, vendo toda a Sua obra, considerou-a muito boa. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia³.»

Neste relato, nada é dito sobre o processo da formação do ser humano nem sobre a sua composição. Intervém apenas com uma tomada de decisão: *“Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.”* Esta decisão é seguida de um triplo: *“Deus (Ele) criou”*:

*Deus criou o ser humano (há'adam) à Sua imagem,
à imagem de Deus, Ele os criou;
homem (zakar) e mulher (neqebah) Ele os criou.*

Expoente das criaturas de Deus, o ser humano caracteriza-se aqui por uma semelhança que não partilha com o resto da criação: ele foi criado à imagem de Deus. Considerando que a palavra **“imagem”** pode designar na Bíblia uma estátua, uma escultura ou mesmo um ídolo⁴, sabendo principalmente que nesse tempo a imagem representava a pessoa que ela reproduzia, tudo leva a supor que o ser humano, tal como é apresentado aqui, tem por vocação ser o representante de Deus. Afirmar isso é reconhecer a proximidade que

³ Cf. Gn 1,26-31.

⁴ Cf. 1 Sm 6,5; Nm 33,52; 2 Rs 11,18, Am 5,26; etc. Sem dúvida, não se pode opor apressadamente as duas palavras “imagem” e “semelhança”, pois a expressão hebraica “à sua imagem e semelhança” indica mais uma complementaridade do que uma diferença ou uma oposição. Por vezes vimos na posição erecta do ser humano, nas suas faculdades intelectuais e espirituais ou, ainda, no seu domínio sobre a criação, os sinais da imagem e da semelhança divina inscritas no mais profundo do seu ser. São apenas interpretações restritivas, essas, pois é a capacidade de relação do ser humano, sobretudo com Deus, que é essencial aqui.

une o ser humano e o seu Criador, mas não é esquecer a distância que os separa, pois a imagem não é idêntica ao seu modelo e não pode ser confundida com ele. Em suma, se o ser humano não é Deus, de entre todas as criaturas a que Deus deu existência, ele é o único capaz de uma relação particular com Ele.

A este aspecto junta-se outro: imagem de Deus, o ser humano é-o na sua própria diferenciação sexual. É o que declara o autor deste relato num resumo espantoso. Jogando entre o singular e o plural, reconhece que a imagem de Deus é inscrita na humanidade pela separação que faz surgir entre o homem e a mulher: “À *imagem de Deus, Ele o criou, macho e fêmea*⁵.” Desde a sua criação, a humanidade traz inscrita em si própria, simultaneamente, uma unidade e uma diferença que situa cada sexo numa necessária relação com o outro. Consequentemente, para ser plenamente imagem(s) e semelhança(s) de Deus, homem e mulher devem aceitar a unidade que precede a sua distinção e a diferença que os faz ser um com o outro e um para o outro.

Esse é o fundamento da dignidade comum do homem e da mulher: um como o outro foram criados à imagem de Deus. Una, a Humanidade só o pode ser, aceitando o masculino e o feminino que a constituem. Recusá-lo, ou prejudicar a qualidade da relação homem-mulher, é atingir a imagem de Deus inscrita no coração do ser humano.

Isso é tanto mais espantoso que a Bíblia não cessa de afirmar que Deus não é nem “*macho*” nem “*fêmea*”. É mesmo uma das características marcantes do pensamento bíblico que se diferencia, assim, das correntes religiosas do seu tempo com as suas divindades sexuadas. Mas, ao declarar que o homem e a mulher, na sua diferenciação sexual, são imagem (s) e semelhança (s) de um Deus que não é macho nem fêmea, a Bíblia reconhece que, se a sexualidade não pertence ao ser de Deus, ela é uma componente essencial do seu projecto para a criação. Além disso: a sexualidade é o espelho de uma realidade que existe em Deus, mas que só

⁵ Estes substantivos são utilizados indistintamente para os seres humanos e para os animais: Gn 6,19; 7,3; 34,25; Ex 13,12; Lv 3,1-6; 27,4-7; Nm 3,40.43; 31,17; etc.

compreendemos imperfeitamente. Descobrimos, progressivamente, a natureza do Deus que fizera Aliança com eles, os homens e as mulheres do Antigo Testamento compreenderão, efectivamente, que só a beleza do amor humano pode abrir a humanidade ao mistério do ser profundo de Deus. Mas serão necessários séculos para que se apreenda que o Deus da Bíblia é unicamente Amor e que, no Seu ser trinitário, Ele é comunhão de três Pessoas que só existem, dando-Se.

Espelho do próprio ser de Deus, a sexualidade é-o também e principalmente quando, dando a vida, o homem e a mulher fazem, da sua diferença reconhecida e aceite, o lugar do acolhimento e do nascimento do outro. Neste sentido, se ele não é em si próprio a única finalidade da sexualidade, o dom da vida é a expressão mais perfeita da relação do homem e da mulher que se abrem plenamente à fecundidade do seu amor e da sua diferença. É, claramente, o que aparece na narrativa da Criação onde, imediatamente depois de ter sido criado o ser humano na sua dualidade masculina e feminina, Deus abençoa aqueles que acaba de criar e diz-lhes: “*Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre os animais que se movem na terra.*”

É a primeira vez que Deus Se dirige assim a uma das suas criaturas, que é o ser humano. A palavra divina é precedida por uma bênção⁶, sinal da bondade de Deus em relação ao homem e à mulher. Esta bênção diz respeito à fecundidade, à prosperidade e à dominação da terra. Comporta cinco imperativos que se dirigem em plena igualdade ao homem e à mulher. Fruto da bênção divina, a fecundidade, à qual homens e mulheres são chamados conjuntamente, está por isso presente como um dom de Deus. Isso reveste uma importância especial se nos lembrarmos que este relato foi redigido no contexto do Exílio. Assim, a um povo que fazia a experiência da esterilidade⁷ e que tinha boas razões para temer o seu futuro, era dito “*Crescei e multiplicai-vos*”. Esta aposta audaciosa

⁶ Já havia uma bênção em relação aos animais, mas dizia apenas respeito à fecundidade (Gn 1,22).

⁷ Cf. Is 54,1-4.

num futuro de felicidade ecoava como um apelo a colocar a esperança em Deus e a crer na fecundidade, que é devolvida ao homem até nas situações de aparente esterilidade.

No seguimento dos Patriarcas, ao longo da sua história, o Povo de Deus viverá desta esperança; e transmitir-se-á cuidadosamente a bênção divina de pais a filhos. Confrontados com a provação da esterilidade, os homens e as mulheres da Bíblia descobrirão igualmente que podem aí existir outras fecundidades além das carnis. Lutando com as exigências de sobrevivência e de descendência naturais a todo o povo, compreenderão que, para que ela seja verdadeiramente o fruto da bênção divina, a procriação deve ser a expressão de uma relação entre dois seres que, na aceitação da sua diferença, se abrem ao que é maior do que eles. Ultrapassando a simples genitalidade, o dom da vida dá, então, todo o seu sentido à sexualidade.

À fecundidade acrescenta-se uma outra bênção: “*Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra.*” Associado à imagem de Deus inscrita no coração de todo o ser humano, o domínio do homem não se estende por isso nem ao céu, nem ao tempo, nem aos outros homens. Ele não pode ser exercido de qualquer forma, já que o ser humano, na sua forma de dominar, implica a sua dualidade de homem e de mulher criados “à imagem e semelhança de Deus⁸”. Assim, da mesma maneira que nem o homem nem a mulher podem pretender ser, apenas um deles, a imagem e semelhança de Deus, eles também não podem pretender

⁸ “Simultaneamente, esclarece-se o verdadeiro sentido do domínio que o homem é chamado a exercer sobre a terra e os animais. Este domínio exclui toda a relação violenta, toda a agressão, toda a vontade de destruição. À imagem de Deus, o homem deve ser um mestre em doçura. Ele é este mestre de doçura, quando controla a sua própria animalidade, quando se torna ele próprio criador de unidade e de harmonia entre os seres, quando faz seu, no respeito e no amor, o grande desígnio da vida do Criador. Vemos o erro grosseiro de numerosas interpretações que leram no texto bíblico o poder do homem sem aí lerem a doçura divina” (E. Leclerc, *Le Soleil se lève sur Assise*, Desclée de Brouwer, Paris, 1999).

exercer sozinhos o poder. É um poder que eles devem saber exercer juntos, como já foi sugerido no versículo 26 que, ao singular “o homem” opunha o plural “dominam”: “Façamos o ser humano à nossa imagem e à nossa semelhança, para que eles dominem...”

A distinção é importante: se ele reconhece que Deus deu ao ser humano uma tarefa de domínio sobre o que criou, o autor deste relato afirma sobretudo que esta tarefa diz respeito à humanidade no seu todo, na sua diferença constitutiva de homem e de mulher, o que se opõe a toda a forma de tomada do poder por parte dos homens. Mas para que o acesso das mulheres ao poder seja totalmente respeitado, será preciso que as mulheres não copiem os mecanismos masculinos e que exerçam o poder com a sensibilidade e os carismas que lhes são próprios, senão a complementaridade desejada por Deus entre o homem e a mulher não se pode realizar. Não é menos verdade que a sexualidade, tal como o exercício do poder, é uma realidade positiva. Vemo-lo bem nesta asserção que o escritor bíblico atribui ao próprio Deus: “Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.”

Este escritor sabia, no entanto, que estas realidades são ambíguas e que, para serem boas, é preciso que elas sejam vividas no respeito pelo desígnio do Criador. A isso ele acrescentaria aliás uma regra fundamental, ainda que raramente compreendida: a sexualidade e o exercício do poder devem ser regulados pelo sétimo dia, o dia do *sabbat*. É o momento de repouso deste relato que apresenta Deus, parando e contemplando o que acabara de criar⁹. À imagem de Deus, o ser humano deve também parar. Isso tornar-se-á mesmo um mandamento: “Trabalharás durante seis dias e farás todo o teu trabalho. Mas o sétimo dia é o sábado consagrado ao Senhor, teu Deus. Não farás trabalho algum, tu, o teu filho e a tua filha, o teu servo e a tua serva, os teus animais, o estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que está neles, mas descansou no sétimo dia¹⁰.”

⁹ Cf. Gn 2, 2-3.

¹⁰ Cf. Ex 20,9-11.

Porquê este mandamento? Porque, ao parar, o ser humano pode repousar, distanciar-se, julgar. Parando, ele lembra-se, principalmente, que não é a medida de todas as coisas, mas apenas a imagem d'Aquele a quem pertence o universo e tudo o que nele habita.

Cumprindo esta condição, o ser humano não se deixa cair na armadilha do seu próprio poder; ele reconhece que a sua obra é limitada e que só tem valor se for fecundada pelo encontro de Deus. Parando e consagrando-se a Deus, o ser humano reconhece também que, para ser verdadeiramente criadora, a sexualidade deve ser precedida pela Palavra criadora de Deus¹¹. É, sem dúvida, por isso que, na tradição judaica, o *sabbat* é o dia em que é desejável conceber um filho. Reconhecendo que não tem em si próprio a sua origem, o ser humano participa deste modo na santidade deste dia único.

A admiração de Adão

O segundo relato da Criação é mais antigo que o precedente. Diferentemente deste, o ser humano é aí apresentado na sua fragilidade. É um homem que se interroga: Porque é que o trabalho é penoso? Porque é que a relação homem-mulher é marcada simultaneamente pela atração e pelo conflito? Porquê o ódio? Porquê a violência, que pode ir até ao homicídio? Tudo começa pela descrição do universo onde o ser humano vai fazer a sua aparição:

“Quando o Senhor Deus fez a terra e os céus, ainda não havia arbusto algum pelos campos, nem sequer uma planta germinara ainda, porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para a cultivar, mas da terra brotava uma nascente que regava toda a superfície¹².”

¹¹ Isto é válido também a propósito do exercício do poder.

¹² Cf. Gn 2,4-6.

Tudo convoca aqui a vinda do homem, pois, sem ele, qualquer coisa parece faltar à Criação. De acordo com Rashi, um comentador judeu do séc. II, é porque não havia homem para trabalhar o solo, que o Senhor não tinha feito cair a chuva. Ainda na sua opinião, é graças ao “vapor” que subia da terra que Deus pode tornar a terra húmida e proceder à formação do homem.

É assim, efectivamente, que a criação do ser humano é aqui contada:

“O Senhor Deus formou o homem (adam) do pó da terra (afar min-ha adamah) e insuflou--lhe pelas narinas o sopro da vida (nishmat hayiim) e o homem transformou-se num ser vivo. Depois, o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que tinha formado¹³.”

Esta cena evoca Deus a “**modelar**” o ser humano, como um oleiro dá forma a um vaso¹⁴. A imagem poderia parecer infantil. Ela encerra, com efeito, uma verdade fundamental: o ser humano foi modelado por Deus a partir da terra, mais exactamente “do pó da terra”. De certa maneira, ele é, por isso, o fruto da terra, mas não o seu filho, pois que foi criado por Deus e habitado pelo “sopro da vida” que procede de Deus¹⁵. O ser humano aparece, assim, na sua fragilidade, pois só as mãos e o sopro de Deus são capazes de dar coesão e vida àquilo que é efémero, frágil e disperso. Mas ele aparece também na sua grandeza. Colocado no jardim do Éden “para o cultivar e, também, para o guardar¹⁶”, pressente-se, com efeito, que ele é destinado a uma comunhão especial com Deus. Para tanto, o homem deverá aceitar a sua condição de criatura, respeitando a

¹³ Cf. Gn 2,7-8.

¹⁴ Cf. Is 29, 16. O texto joga com a ambiguidade da palavra “Adão”, pois ela parece evocar aqui o ser humano em geral, fora de qualquer diferenciação sexual. Alguns versículos mais à frente, ele evocará o homem, maravilhando-se diante da mulher que Deus lhe apresenta (Gn 2,23).

¹⁵ A morte não é mais que o regresso ao pó, a desintegração (Gn 3,19).

¹⁶ Cf. Gn 2,15.

proibição divina de comer (o fruto) “*da árvore do conhecimento do bem e do mal*”¹⁷”.

Segue-se uma nova etapa. Até aqui Deus agia, agora Ele fala. Parece mesmo reflectir em voz alta: “*Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele*”¹⁸.” Pela primeira vez, aparece na Bíblia a expressão “*não é conveniente*”. Surge uma falha, uma falha que nem o trabalho nem mesmo a presença de Deus parecem poder preencher¹⁹. Deus decide, então, dar ao homem “*uma auxiliar semelhante a ele*”: será a mulher.

Porque não se terá tido sempre em conta a palavra hebraica utilizada aqui, terá sido colocada a mulher numa posição de quase servidão ou de subordinação em relação ao homem; foi entendido que o seu papel é ajudar o homem. Sabe-se hoje que a palavra hebraica, que foi traduzida por “*auxiliar*”, designa na Bíblia a intervenção de Deus, vindo em socorro do Seu povo ou de um homem que enfrenta um perigo ameaçador da sua vida²⁰. A consequência é evidente: longe de ser acantonada num papel subalterno, a mulher é apresentada como tendo uma vocação salvífica. De que vai ela salvar o homem? Do seu isolamento mortal e estéril sobre si próprio.

Sobre a mulher, o texto hebreu diz igualmente que ela será «*ezer kenegdo*», isto é, uma “*auxiliar lado a lado ou contra*”. A expressão pode causar estranheza. É sinal que o ser humano não o é verdadeiramente, senão no face a face com um outro que não ele próprio, numa relação de reciprocidade em que a ajuda pode tomar a

¹⁷ Cf. Gn 2,17. Esta expressão não designa apenas em hebreu a capacidade humana de determinar o que é o bem ou o mal, ela evoca o domínio do homem sobre a criação.

¹⁸ Cf. Gn 2,18.

¹⁹ O mal de que sofre o homem criado por Deus chama-se “*solidão*”. No pensamento bíblico estar só não é uma coisa boa. Ecle 4,7-12 exprime-o maravilhosamente e se é pedido, como nós vimos, a Jeremias não ter mulher (Jer 16,1-9), esta ordem não tem sentido como um sinal do julgamento de Deus que se vai abater sobre o seu povo, pois é um julgamento de morte!

²⁰ Cf. Ex 18,4; Dt 33,7.26-29; Sl 33(32),20; 115(113b), 9.11; 121(120),2; 124(123),8; 146(145),5; etc.

forma de uma resistência. Evocando o papel da mulher, mas, sem dúvida, podendo-se alargar o comentário a cada um dos participantes do casal humano, France Quéré escreve: *“Convidada a não ser nem a serva nem a inimiga do homem, a mulher será outra via do pensamento, aquela que acrescenta, sugere, corrige, recusa, inquieta, interdita ao ser solitário fixar-se nas suas certezas apressadas ou deixar-se ir sem resistência no seu delírio. Para pensar de forma acertada, é necessária esta polifonia. A razão de um outro que sabe dizer sim e não e delibera entre o sim e o não. Deus disse: a humanidade começou sendo dois²¹.”* Quem o contestará? É nesta tensão entre a ajuda que um representa para o outro – e que pode ser uma **“ajuda contra”** –, que reside a possibilidade da relação entre o homem e a mulher, mas também a fragilidade que ameaça esta relação.

Um rápido regresso ao texto bíblico poderia dar a impressão de que Deus tinha, em primeiro lugar, remediado a solidão do homem ao criar os animais. Com efeito nada disso é dito, mas unicamente que Deus apresentou ao homem os animais que tinha acabado de criar para que ele lhes desse um nome, o que é uma maneira de reconhecer a autoridade do ser humano sobre o mundo animal. Os comentários rabínicos deixaram, no entanto, subentender que o homem tinha tomado consciência da sua solidão, quando deparou com os pares animais que desfilavam diante dele. É o caso deste comentário de Rashi: *“No momento em que Deus trouxe os animais e os apresentou em pares de macho e fêmea, o homem diz: cada um tem a sua companheira e eu não.”*

Por vezes, imaginou-se também que os animais acoplavam diante do homem, revelando-lhe, assim, um certo modo de sexualidade. Se tal fosse o caso, reconhecendo que ele ainda não

²¹ Fr. Quéré, *Le sel et le vent*, Bayard éditions/ Centurion, Paris, 1995, p. 245. A forma como a literatura rabínica interpretará este versículo mostra bem que a alteridade homem-mulher implica um aspecto conflitual. Gn Rabbah escreve efectivamente: “Se o homem merece, ela é-lhe um ajuda, se não, ela está contra ele”; e Rashi comenta: “Na medida em que um homem se mostra digno, ela será para ele uma ajuda; se ele não se mostra digno, ela estará contra ele para o combater”.

tinha encontrado “*uma auxiliar semelhante a ele*”²², o redactor do relato teria podido mostrar que o acasalamento era incapaz de preencher a solidão do homem, sugerindo assim que a união do homem e da mulher ultrapassa a mera dimensão genital, pois ela tem, antes de mais, em vista a comunhão das pessoas²³.

Claro que são simples hipóteses. Com a profundidade que o caracteriza, Paul Beauchamp abre uma pista de reflexão, não sem consequências para o nosso tema: “*O leitor deve estar ciente que a diferença entre cada homem e o animal é tarefa duma vida inteira e duma vida inteira para cada vida: nós só atingimos o estatuto de homem, desprendendo-nos da animalidade que existe em nós. E é só quando o homem não se confundir com a sua animalidade que poderá fazer face ao outro da sua espécie, a mulher. Esta verdade, menos banal, está contudo no cerne da mensagem*”²⁴.

Algumas páginas antes, P. Beauchamp tinha escrito: “*Nomear é, de cada vez, para Adão uma forma de se desprender.*”

Voltando ao texto bíblico, constatamos que, depois de ter apresentado os animais ao homem para que ele lhes dê um nome, Deus vai tentar uma coisa diferente. Até ao momento, com efeito, tudo o que tinha criado tinha a sua origem na terra, visto que foi dela que tirou todos os seres vivos, modelando-os. Nada disso aconteceu com a mulher. Tudo começa com um torpor no qual Deus mergulha o homem²⁵:

“Então o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas,

²² Cf. Gn 2,20.

²³ É possível que exista aqui um ponto polémico contra a bestialidade, interdita pela lei de Moisés (Ex 22,18; Dt 27,21;Lv.18,23).

²⁴ P. Beauchamp, *L’un et l’autre Testament*, 2 Accomplir les écritures, Seuil, Paris, 1990.

²⁵ O torpor (tardemah) que se apodera do homem aparece na Bíblia noutras ocasiões, sendo o caso mais frequente, quando Deus se prepara para cumprir uma acção poderosa e decisiva (cf. Gn 15,12). É sempre sinal de uma acção divina particularmente importante (1 Sm 26,12; Jb 4,13; 33,15; Is 29,10,etc.).

cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem.

Então, o homem exclamou: “Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem!” Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher e os dois serão uma só carne²⁶.”

Neste relato impõe-se uma primeira constatação: a mulher não foi “**tirada**” da terra ou da poeira da terra, como tinha sido no caso do homem e dos animais. Ela foi “**tirada**” do próprio homem. Ela foi mesmo “construída”, diz o texto hebraico, com a substância do corpo do homem. Mas ela foi edificada fora dele²⁷; é preciso lembrarmos disso. Uma segunda constatação se impõe: na presença da mulher que Deus lhe apresenta, o homem fala: é a primeira palavra humana. Que seja face à mulher que o ser humano tenha descoberto o uso da palavra, não é um facto neutro. Pois, se alguns versículos mais acima, ele atribuía os nomes aos animais, quando é colocado na presença da mulher é que se ouve a voz humana. Embora não se possa ainda falar de diálogo, face à mulher, um “**eu**”, pela primeira vez, se põe a falar; e a sua palavra é de admiração e gratidão.

Constatando o íntimo parentesco e a origem comum que ele tem com aquela que Deus acaba de lhe apresentar, o homem exclama: “*osso dos meus ossos e carne da minha carne*”²⁸. *Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem.*” Adão, o indiferenciado, o anónimo, tornou-se então o homem “*ish*” face à mulher “*ishah*”.

Neste jogo de palavras “*ish-ishah*”, o texto hebraico traduz simultaneamente a semelhança e a diferenciação que caracterizam o homem e a mulher, mas sem que apareça nenhuma ideia de

²⁶ Cf. Gn 2,21-24.

²⁷ “A mulher não é um bocado do homem. Depois de ser retirado (o bocado), há uma construção. Ela é edificada fora dele” (M. Balmory, *Le sacrifice interdit*, Grasset, Paris, 1986).

²⁸ Na Bíblia, a expressão “*Ossos dos meus ossos, carne da minha carne*” traduz, habitualmente, um parentesco entre as pessoas da mesma linhagem (cf. Gn 29,14).

subordinação da mulher ao homem²⁹. Pelo contrário, tudo aponta para a igualdade entre o homem e a mulher. Esta igualdade caracteriza-se, ao mesmo tempo, por uma unidade indissolúvel e uma distinção irreduzível que impede que se confunda igualdade com uniformidade. Ainda que eles sejam os mesmos ossos e a mesma carne, o homem e a mulher são, com efeito, dois seres distintos. Ainda que partilhem uma mesma carne, visto que o homem se pode reconhecer na mulher e a mulher no homem, eles terão duas maneiras distintas de habitar nessa carne.

Insistindo neste ponto, o autor do relato sabia, por experiência, que a similitude e a alteridade estão no centro da relação homem-mulher. Sabia também que se o homem “*ish*” e a mulher “*ishah*” são feitos um para o outro, são o resultado de dois actos criadores diferentes. Devemos, por isso, deduzir que eles não são só a metade de um todo, mas cada um sujeito de corpo inteiro, o que leva o filósofo E. Levinas a afirmar: “*Se a mulher completa o homem, ela não o completa como uma parte completa um outro num todo, mas, por assim dizer, como duas partes que se completam*³⁰.”

Esta observação está, de facto, feita no tom dos relatos da criação do homem e da mulher. O autor bíblico evoca, efectivamente, o sono misterioso no qual Deus mergulha o ser humano, como que para significar que a criação da mulher – dom de Deus – permanecerá para o homem um mistério do qual só Deus conhece o segredo. Mas se o sono esconde para sempre ao homem a origem da mulher, conservando-a no mistério de Deus, sabemos bem que assim o é também para o homem, cuja origem é mantida no mesmo mistério. Estranhamente, contudo, da admiração e do encantamento, o texto bíblico conduz o homem à obrigação de deixar o seu meio familiar

²⁹ Frequentemente, considerou-se a anterioridade da criação do homem em relação à mulher, ou o facto de ele ter fornecido, de alguma forma, a matéria-prima, um sinal da superioridade do homem em relação à mulher. Ora, isso é esquecer que, na Bíblia, a superioridade e a dominação do homem em relação à mulher são entendidas como consequência do pecado (Gn 3,16).

³⁰ E. Levinas, *Difficile liberté*, Albin Michel, Paris, 1976, p. 56 apud X. Lacroix, *Le corps de chair. Les dimensions éthique, esthétique et spirituelle de l’amour*, Cerf, Paris, 1992.

para ir em direção àquela que acaba de conhecer. Assim, sem transição, o autor deste relato acrescenta: “*Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne*”³¹. ”

Esta necessidade imposta ao homem que acaba de conhecer a mulher, à primeira vista, é surpreendente³². Ela encerra, na realidade, uma verdade inscrita na ordem da Criação: para ser total e verdadeiro o encontro do homem e da mulher necessita de um corte, da saída da sua condição filial. Porque implica uma relação que visa a fazer-se um só com a mulher, por isso uma única história, o homem deve assumir o risco de “*se separar*” do seu meio ou da sua história familiar. Se se sabe, hoje, graças às ciências humanas, que, por mais necessária que seja, esta separação nunca é fácil, é interessante notar que os comentários rabínicos tinham já consciência disso. Diziam-nas suas palavras, afirmando que um homem só atinge a verdadeira união com a sua mulher na medida em que deixa fisicamente e geograficamente “*a casa onde dormem os seus pais*”³³. Contudo, o homem e a mulher continuarão a ser dois, pois não pode haver comunhão onde a diferença não for reconhecida, acolhida e mantida.

³¹ Cf. Gn 2,24. Aqui não se deve tomar a palavra “*carne*” no único sentido de união sexual. Designa, antes, a unidade do casal em todas as suas dimensões. «Unidade de dois seres corporais em toda a dimensão que pode assumir a ligação entre um homem e uma mulher. A união carnal, claro que não é excluída, mas não é o que se visa em primeiro lugar» (M Gilbert, “Uma só carne”, *Nouvelle Revue Théologique*, 1978).

³² A urgência deste abandono é sentida com uma tal força que o texto não hesita em inverter um costume em uso na sociedade de então, visto que era habitualmente a mulher que deixava os seus pais, para ir viver com a família do seu marido. Isso não faz mais que sublinhar o ensinamento desta passagem bíblica: ser homem /ser mulher não consiste apenas em ser “nascido de um pai e de uma mãe”, mas em ocupar o seu lugar na construção da humanidade, com as suas capacidades próprias, sexuais ou outras. Deste desenvolvimento necessário à construção humana, o casamento, fundado na diferença sexual, é um dos sinais mais importantes.

³³ Associou-se muitas vezes esta obrigação (Gn 2,24) aos interditos sexuais (Lv 18, 6ss.) que dizem respeito a diferentes tipos de incesto. Cf. J. Einsenberg, A. Abecassis, *Et Dieu créa Ève, À Bible Ouverte II*, Albin Michel, Paris, 1979.

Sabia-se já que a necessária articulação da diferença homem-mulher tinha por base o facto de nem o homem nem a mulher constituírem, por si próprios, o todo da humanidade. Aprendemos aqui que, se ela supõe a alteridade, a comunhão entre o homem e a mulher necessita que, enriquecendo-a com as suas diferenças, eles tenham o desejo de **“se ligarem”** um ao outro, por isso, de se unirem numa aliança indefectível porque única. Pois tal é o sentido profundo do verbo **“ligar”** que caracteriza aqui o laço entre homem e mulher: ele eleva a sua união ao nível do sinal da Aliança divina.

Uma vez feita esta afirmação, o relato da criação acaba com a menção do homem e da mulher vivendo na serenidade e não sentindo nenhuma vergonha diante da sua nudez: *“Estavam ambos nus, tanto o homem como a mulher, mas não sentiam vergonha”³⁴.*

A vulnerabilidade da nudez³⁵ transforma-se aqui num sentimento de presença mútua desprovida de qualquer perturbação. O homem e a mulher expõem-se um ao outro na sua diferença e na sua mútua sedução. A obra divina está completa. Tudo é harmonioso. A criação é bela. Pondo de lado a **“nomeação”** dos animais, o homem ficou passivo, objecto das solicitações sucessivas do seu criador. Resta-lhe traçar um caminho, fazer opções e enfrentar a prova. Será esse o assunto da segunda parte do relato.

³⁴ Cf. Gn 2,25.

³⁵ Em Israel, a nudez era um sinal de pobreza, de vergonha e de impotência. As vestes eram, pelo contrário, um sinal de prosperidade, de riqueza, de felicidade.

B. QUESTÕES PARA A REFLEXÃO EM CASAL E PARTILHA EM EQUIPA

Apresentamos seguidamente um conjunto de questões para ajudar a reflexão ao longo do mês e posterior debate em equipa:

- As três etapas da descoberta do Humano
- O que é que permite aproximar “o mistério do ser profundo de Deus”?
- 1ª bênção: fecundidade, que fecundidade?
- 2ª bênção: domínio, que domínio? Quais as modalidades?
- Qual a importância do Sabbat?
- A fragilidade do homem – Vocação da mulher? Vocações diferentes?
- Que significa para nós o emprego destes três nomes: Adão, Ish e Ishad?
- Qual o significado do sono profundo de Adão na altura da criação de Eva?
- Que significa, para nós, o valor da alteridade (diferença)?

C. SUGESTÕES PARA UM DEVER DE SE SENTAR

Comecemos o dever de se sentar com aleitura do texto de meditação, após o qual devem fazer uma oração partilhada, criando um clima de interiorização e de acolhimento ao outro, o que vai facilitar o diálogo em casal. Em seguida, leiam as pistas, façam um certo silêncio e só depois iniciem o diálogo:

- Vivemos, no nosso casal, a admiração de Adão perante Eva? E o recíproco...?
- Sabemos, na nossa vida sexual, encontrar o valor da nudez original?

- Aceito mostrar toda a minha pobreza. Sei escolher esse presente maravilhoso que é o outro e que se revela, diante dos meus olhos, tal como é?
- Quais são os diferentes sentidos da fecundidade no nosso casal?

D. TEXTO PARA A ORAÇÃO EM EQUIPA

«Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra.”

*Deus criou o homem à Sua Imagem
Criou-o à Imagem de Deus
Ele os criou homem e mulher*

*Abençoando-os, Deus disse-lhes: “Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. Deus disse ainda: “Também vos dou todas as plantas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a todos os seres vivos que sobre a terra existem e se movem, igualmente dou por alimento toda a erva verde que a terra produzir.” E assim aconteceu. **Deus vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa.** Assim surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o sexto dia.»*

Gn 1,26-31

CAPÍTULO II – OS RELATOS DA CRIAÇÃO

(Gn 1-3)

4ª REUNIÃO: *“Porque é difícil de gerir e de dominar, a sexualidade é um dos domínios essenciais à existência onde se constrói e se verifica a qualidade da relação consigo próprio, com os outros e com Deus”*

A. TEMA

O reino da inveja e do domínio

Com o capítulo 3 do Génesis, eis-nos mergulhados num clima bem diferente. Uma nova personagem aparece: a serpente. Desempenhará um papel importante, visto que será a ela, em parte, que se atribuirá o drama da humanidade. Criada por Deus, a serpente não é, no entanto, unicamente mais uma criatura, mas *“o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus fizera.”*

«A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus fizera; e disse à mulher: “É verdade ter-vos Deus proibido de comer o fruto da árvore do jardim?” A mulher respondeu-lhe: “Podemos comer o fruto das árvores do jardim; mas quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: “Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes, morreréis.” A serpente retorquiu à mulher: “Não, não morreréis; porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus; ficareis a conhecer o bem e o mal.”

Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer, pois era de atraente aspecto e precioso para esclarecer a inteligência, agarrou do fruto, comeu, deu dele também a seu marido, que estava junto dela, e ele também comeu.

Então, abriram-se os olhos aos dois e, reconhecendo que estavam nus, coseram folhas de figueira umas às outras e colocaram-nas como se fossem cinturas, à volta dos rins.

Ouviram, então, a voz do Senhor Deus, que percorria o jardim pela brisa da tarde e disse ao homem: “Onde estás?” Ele respondeu: “Ouvi a Tua voz no jardim e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu.” O Senhor Deus perguntou: “Quem te disse que estás nu? Comeste, porventura, da árvore da qual te proibi comer?” O homem respondeu: “Foi a mulher que trouxeste para junto de mim que me ofereceu da árvore e eu comi.” O Senhor Deus perguntou à mulher: “Por que fizeste isso?” A mulher respondeu: “A serpente enganou-me e eu comi.»¹

Pensou-se encontrar nas entrelinhas deste relato traços sexuais. Afirmou-se, por exemplo, que a serpente estava associada aos cultos de fecundidade e que a mastigação do fruto proibido evocava um acto mágico destinado a despertar a sexualidade. Obtido sem o consentimento de Deus, o uso da sexualidade esconder-se-ia mesmo por detrás do “*conhecimento do que é bom e mau*”; e os partidários desta teoria evocam o despertar da vergonha e do sentimento do pudor que intervêm imediatamente, após o homem e a mulher terem comido o fruto proibido.

Esta pesquisa de um possível fundo escondido dos símbolos utilizados também tem o seu interesse, mas não deve fazer esquecer que a falta inerente ao relato no seu todo é a transgressão de uma ordem, aliás de uma proibição imposta por Deus, interdição que não tem nada a ver com uma qualquer conotação sexual. Que tenha aqui a forma de uma interdição alimentar também não é determinante, pois o objecto da tentação visa menos o fruto “*bom para comer, pois era de atraente aspecto e precioso para esclarecer a inteligência*”², mas sobre o desejo de “*ser(eis) como Deus*”³. Tal é, com efeito, a

¹ Cf. Gn 3, 1-13.

² Cf. Gn 3,6.

³ Cf. Gn 3,5.

admirável natureza da falta cometida descrita neste relato: consiste em recusar ser criado, fundado num outro, fora de si.

O relato começa com a serpente cuja astúcia consiste em silenciar os dons de Deus. Ela sabe que o dom de Deus precedeu a interdição de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal: *“Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas o da árvore do conhecimento do bem e do mal⁴.”* Mas ela não disse nada. Pior, ela introduz a dúvida sobre as intenções divinas, faz surgir a miragem de uma autonomia que Deus parece temer: *“Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficando a conhecer o bem e o mal⁵.”* Levando a mulher a duvidar da verdade da palavra de Deus, a serpente perverte o sentido da proibição: de limite criador, torna-a expressão de um poder divino ciumento e abusador⁶. O homem e a mulher duvidam então de Deus; já não aceitam a situação que lhes é oferecida. Eles cedem à palavra da serpente. Ultrapassando a proibição, eles libertam-se da relação que fundamentava a sua identidade e assegurava a sua existência, mas é para se darem conta que foram enganados. Esperando atingir o conhecimento que os elevaria ao nível de Deus, descobriram que eram miseráveis: *“Então, abriram-se os olhos aos dois e, reconhecendo que estavam nus, coseram folhas de figueira umas às outras e colocaram-nas como se fossem cinturas, à volta dos rins⁷.”*

A menção à nudez, neste ponto do relato, contrasta evidentemente com aquela que concluía o relato antecedente: *“Estavam ambos nus, tanto o homem como a mulher, mas não sentiam vergonha⁸.”* Alguma coisa mudou, portanto. O sentimento de vergonha que o homem e a mulher sentem um diante do outro é o indício de uma inocência perdida, de um embaraço que se criou entre eles. Não se trata de vergonha sexual, mas da perda da harmonia

⁴ Cf. Gn 2,16-17.

⁵ Cf. Gn 3,4-5.

⁶ G. Balmory, *Le sacrifice interdit, Freud et la Bible*, Paris, 1986: «A interdição já não é entendida como uma fronteira, linha única entre um ser e um outro; é um território proibido pelo divino (...) para sua exclusiva posse».

⁷ Cf. Gn 3,7.

⁸ Cf. Gn 2,25.

inicial. O conhecimento prometido pela serpente deveria ter tornado o homem e a mulher iguais a Deus; na verdade, ele condenou-os à incapacidade de se olharem. Incapazes de manter a visão que têm um do outro, o homem e a mulher cobrem-se de parras⁹.

Compreenderemos, pela continuação, que se tornaram igualmente incapazes de aguentar o olhar de Deus. Têm medo d'Ele; escondem-se¹⁰. A fuga deles atesta que vai longe o tempo em que se alegravam com a presença do seu Criador!

Ruptura entre o homem e Deus, o pecado introduz também uma ruptura entre o homem e a mulher. Mal o pecado foi cometido, o homem **“dessolidariza-se”** efectivamente da mulher, a quem acusa ao mesmo tempo que acusa Deus. É a primeira acusação: *“Foi a mulher que trouxeste para junto de mim que me ofereceu da árvore e eu comi”*¹¹. A mulher, por sua vez, acusará a serpente, que também declina toda a responsabilidade. Mas o resultado está lá: o homem e a mulher colocaram-se em oposição¹². É, sem dúvida, o sinal de que se esforça por eliminar Deus e que o pecado visa igualmente destruir a imagem de Deus que está no homem. No seguimento do relato, vemos as consequências da

⁹ Cf. Gn 3,7. É conhecida a bela interpretação de Rashi: «Eles tinham um só mandamento de Deus, e ignoraram-no (...) Antes estavam nus, agora estão desnudados» (citado in M.Balmory, *op. cit.*).

¹⁰ Cf. Gn 3,8.

¹¹ Cf. Gn 3,12. Faz-se notar que o texto, a propósito da mulher, já não evoca a auxiliar, mas mais prosaicamente *“a mulher que trouxeste para junto de mim”*. Quanto ao facto de saber por que é a mulher que aparece aqui em primeiro lugar e não o homem, note-se este comentário de Anne – Marie Pelletier: «O texto não atribui uma culpabilidade maior a Eva, mas sublinha o que é um dado da experiência, esta presença privilegiada da mulher no lugar onde se liga fisicamente a solidariedade das gerações entre elas. É o mistério, através da transmissão da vida, da transmissão simultânea de um dom e de uma fraqueza que é apontado no texto. (...) O velho livro do Génesis vem lembrar, talvez, no momento oportuno, nas nossas sociedades tecnicistas, a realidade deste laço que coloca a mulher, de um modo singular, próxima da origem e que determina também a sua responsabilidade própria, uma maneira específica de se reconhecer responsável pelo outro» in *“Le signe de la femme”*, *Nouvelle Revue Théologique*, 113, Setembro – Outubro 1991.

¹² A relação de “auxiliar” não existe, por isso, entre os dois; “há somente o ser-contra, um ao contrário do outro”.

ruptura com Deus. Estão presentes sob a forma de maldições. Dizem respeito tanto à relação dos homens com o mundo animal como com a sua ligação à terra. O carácter penoso do trabalho faz parte disso:

«Então o Senhor Deus disse à serpente:

– “Por teres feito isto, serás maldita /entre todos os animais domésticos /e entre os animais selvagens. Rastejarás sobre o teu ventre /e alimentar-te-ás de terra todos os dias da tua vida. /Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, /entre a tua descendência e a dela. /Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar.”

Depois disse à mulher:

– “Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez, /entre dores darás à luz os filhos. /Procurarás apaixonadamente o teu marido, /mas ele te dominará.”

A seguir, disse ao homem:

– “Porque atendeste à voz da tua mulher/ e comeste o fruto da árvore, / a respeito da qual Eu te tinha ordenado: ‘Não comas dela’, / maldita seja a terra por tua causa./ E dela só arrancarás alimento /à custa de penoso trabalho, todos os dias da tua vida. / Produzir-te-á espinhos e abrolhos /e comerás erva dos campos. / Comerás o pão com o suor do teu rosto, / até que voltes à terra de onde foste tirado; / porque tu és pó e ao pó voltarás¹³.»

Utilizando a linguagem da maldição, o autor deste relato procurava responder aos grandes enigmas da existência humana que são o carácter penoso do trabalho, os sofrimentos da gravidez, ou a impossibilidade de viver a fraternidade. Estas questões eram as de um homem que vivia em condições diferentes das nossas. A estas questões, ele responde que o pecado, entendido como ruptura com Deus, está na origem dos sofrimentos que tornam a existência humana tão dura e difícil. Assim se compreende, por exemplo, que a gravidez, que traz a alegria da vida, seja precedida pelo sofrimento, quando não

¹³ Cf. Gn 3,14-19.

é a causa de dramas como a morte da criança ou da mãe¹⁴. Será, por isso, necessário ver aí uma maldição que se abateu sobre a mulher? Claro que não. Para o autor deste relato, a única preocupação é a de explicar a razão pela qual, num mundo que Deus quis belo e onde Ele quer que os homens sejam felizes, existe o sofrimento.

Entre as consequências da ruptura com Deus, figura igualmente a perversão das relações entre homem e mulher: “*Procurarás apaixonadamente o teu marido, /mas ele te dominará*”¹⁵.” Isto deve ser necessariamente sublinhado, pois serviram-se desta passagem muitas vezes para justificar, como tendo sido desejada por Deus, a subordinação da mulher. Ora, este texto sustenta precisamente o contrário: o domínio do homem sobre a mulher é uma consequência do pecado. É, no entanto, a experiência de todos os tempos: aproveitando-se da sua força, o homem domina a mulher, submete-a a seu belo prazer, bate-lhe, viola-a, etc. Quando a sua primeira reacção devia ser, à imagem de Adão, maravilhar-se com a mulher e sentir alegria e gratidão na sua presença¹⁶, o homem deixa-se apanhar na armadilha da sua “força” e o poder arrebatou-o de forma tão trágica que o comportamento da mulher em relação ao homem se degrada por inveja.

Inveja e vontade de dominar insinuam-se, então, entre o homem e a mulher. A sua relação, feita de admiração, de reciprocidade e de atenção mútua, torna-se irremediavelmente marcada pela falha da divisão e da rivalidade. A sexualidade, que é o lugar por excelência de comunicação e de amor, torna-se, assim, lugar de antagonismo, de posse, de dominação e de violência¹⁷. Isto não tem nada de extraordinário, na verdade, pois é sabido desde sempre que a sexualidade pode revelar, por vezes de forma dramática, a violência inscrita no coração do ser humano. Porque é

¹⁴ Cf. Gn 3,16. Notamos que a mulher, no conjunto desta passagem, é remetida para um papel de mãe e não de esposa.

¹⁵ Cf. Gn 3,16.

¹⁶ Cf. Gn 2,23.

¹⁷ Em Gn 2,24, a mulher suscitava o ímpeto do homem. Aqui, é ela que se sente impelida para o marido e que sente um desejo nunca satisfeito.

difícil de gerir e de dominar, a sexualidade é um dos domínios essenciais à existência onde se constrói e se verifica a qualidade da relação consigo próprio, com os outros e com Deus.

Poderíamos ficar por aqui, nesta observação, simultaneamente, lúcida e trágica. Não é assim, porém. O relato termina com uma nota de esperança: “*Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela seria mãe todos os viventes. O Senhor Deus fez a Adão e à sua mulher túnicas de peles e vestiu-os*¹⁸.”

Enquanto o homem e a mulher se tinham escondido de Deus e procuravam proteger-se da sua nudez com folhas, Deus veio em seu socorro e coseu as túnicas de pele com as quais os revestiu. A imagem é bela e sugestiva: Deus cobre a vergonha do homem e da mulher e, por isso, sem dúvida, também o seu sentimento de culpabilidade ou o seu pecado. Porque viu a fragilidade daqueles que tinha criado, protege-os e restabelece a relação que eles tinham rompido, quebrando uma interdição que lhes tinha sido imposta. Deus permanece fiel à Sua criação, mas a relação entre o homem e o seu Criador ficou para sempre perturbada. Perdida a natureza do seu ser, por ter acedido a uma forma de conhecimento do bem e do mal para o qual não estava preparado, o ser humano «deverá estar protegido da eternização desta situação pervertida, não tendo mais acesso à árvore da vida¹⁹.» É por isso que Deus o expulsa do jardim do Éden. Mais do que uma manobra punitiva, tudo leva a crer que é aqui também um sinal da providência divina.

Anteriormente, o homem tinha atribuído “*à sua mulher o nome de Eva, porque ela seria mãe de todos os viventes*²⁰”. Pela segunda vez, Adão tinha, pois, dado um nome à mulher. Da primeira vez, ele tinha-o feito a partir do seu próprio nome. Aqui dá-lhe um outro nome²¹ “*Eva, a viva*²²”. Agora acrescenta: “*porque ela seria*

¹⁸ Cf. Gn 3,20-21.

¹⁹ M.Pelletier, Lectures Bibliques. Aux sources de la culture occidentale, Nathan-Université Cerf, Paris, 1973, Cf. Gn 3,22-24.

²⁰ Cf. Gn 3,20.

²¹ “Ishah” porque retirado de “ish”, in Gn 2,23.

²² “Hawwah”, que se explica por derivar da mesma raiz de “vida”, “viver”.

*mãe de todos os viventes*²³”. É a primeira vez que aparece o nome de Eva. Ecoa como um apelo à vida; simboliza em si mesmo toda a esperança que Adão põe na mulher. Apesar do drama da ruptura com Deus e da sentença de morte pronunciada mais acima, Adão reconhece que, graças a Eva, o futuro está aberto à vida e não à morte. Anteriormente, a maldição contra a serpente tinha concluído com o anúncio de hostilidade perpétua entre ela e a mulher: “*Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, /entre a tua descendência e a dela/ e tu tentarás mordê-la no calcanhar*²⁴.” No centro de um drama que parecia sem solução e sem saída, uma esperança nasce: a descendência da mulher esmagará a cabeça da serpente, raiz do mal²⁵.

A continuação do relato conduz-nos numa direcção totalmente diferente. A inveja e o domínio que tinham estragado a ligação entre o homem e a mulher estender-se-ão a todas as relações vitais nas quais a humanidade se tinha envolvido²⁶. Imediatamente depois do relato, a história de Abel e Caim manifestará, com efeito, que o laço entre irmãos é atingido. Este primeiro homicídio da história, o homicídio de um irmão²⁷, revelará também que a relação do homem com ele próprio é perturbada, visto que o seu coração encerra movimentos que já não controla. Segue-se o canto de Lamec²⁸. É o canto da lei do mais forte, da violência gratuita. Usando a vingança desmedida sem qualquer escrúpulo, Lamec conclui a escalada da violência oriunda da ruptura do homem com Deus.

²³ Para a Vulgata, o seu nome é Vita e, para as versões gregas antigas de Áquila e Symnaque, ela é “aquela que gera a vida”.

²⁴ Cf. Gn 3,15.

²⁵ A descendência da serpente mal tocará o calcanhar da mulher, uma parte do corpo que não é vital!

²⁶ Para nós, modernos, o amor é um assunto pessoal, aliás intimista; só diz respeito às pessoas que se amam e, quando muito, à sua família próxima. Diferentemente, nas civilizações antigas, acreditava-se que o amor entre um homem e uma mulher podia ter efeitos, ultrapassando largamente o clã restrito da família ou da tribo. À imagem dos astros ou de certas potências cósmicas, considerava-se que o amor, na sua dimensão de desejo, podia mesmo afectar o meio ambiente e que era uma força destruidora ou regeneradora do cosmos.

²⁷ Cf. Gn 4,1-16.

²⁸ Cf. Gn 4,23-24.

No momento em que não estava em questão o domínio do homem sobre o homem, só se trata de guerras, rivalidades e violências. Nenhuma realidade humana escapa a isso; todos os domínios da vida se encontram infestados de violência. Mesmo o laço com os animais se vem a deteriorar, pois, no fim do Dilúvio, a anterior dominação pacífica do homem sobre os animais transformar-se-á em violência e o homem poderá, de futuro, comer carne animal²⁹. Como vimos no capítulo precedente, regulamentações institucionais esforçar-se-ão por enquadrar estas diferentes formas de violência, mas como isso aparece na história da monarquia³⁰ e mesmo do sacerdócio, elas tornar-se-ão fontes de violência e injustiça.

Contudo, como afirma a tradição bíblica, esta situação não é conforme à ordem da Criação. Representa um estado ferido da humanidade à espera de uma “*recriação*” que só pode vir de Deus.

Elogio da diferença

Os mitos antigos, contemporâneos do livro do Gênesis, consideravam a Criação sem interesse particular pela relação homem-mulher. Os textos bíblicos fazem disso o cerne dos seus relatos. Menos ocupados a tentar reconstituir as origens perdidas do que a revelar o sentido profundo do acto criador de Deus, descrevem as relações fundamentais que fundam a Humanidade: relação com a terra, com os animais, com a interdição, com o outro, com Deus, etc. Por oposição a certos mitos antigos, a diferença não é aí considerada como uma perda³¹, mas como um benefício. Só ela permite a emergência da identidade, ao mesmo tempo que salva a comunhão do perigo da fusão.

²⁹ Cf. Gn 9,2-4. Mas os profetas não cessarão de o repetir e de o anunciar: a criação não pode ser destinada à dominação de uma espécie por outra. Todas as criaturas de Deus são chamadas a formar uma unidade na paz e no amor (cf. Is 11,5-9).

³⁰ 1 Sm 8,4-22; 1 Rs 12.

³¹ Para estes mitos, a condição sexual do homem e da mulher era considerada como sendo uma consequência de um castigo divino. Porque os homens, então unidos, tinham tentado subir até ao céu para vencer os deuses. Cf. Platão, O Banquete).

Através das imagens de uma modernidade espantosa, os relatos da Criação descrevem o homem e a mulher criados um para o outro e concebidos um para o outro, visto que a mulher – o texto diz **“construída”** a partir do homem – é também aquela da qual o homem nasce. Imagem (s) e semelhança (s) de Deus, o homem e a mulher reconhecem-se, assim, numa origem comum que os liga ao Criador do qual têm identidade e a unidade, pois a sua unidade é um dom e, ao mesmo tempo, uma conquista.

Ela é um dom, porque, dada por Deus, precede o reconhecimento da diferença. Ela é uma conquista, porque só existe no reconhecimento desta diferença e no acolhimento do desígnio de Deus. Atenção, contudo! Não há nos textos bíblicos saudades de uma unidade perdida, mas abertura a um futuro onde *“os dois serão uma só carne”*. Mas serão sempre dois! É, por isso, que, à imagem de um estado perdido, se prefere a de uma tensão que, desde sempre, habita a humanidade: tensão entre uma comunhão que lhe foi dada e que ela deve, no entanto, conquistar. Desta comunhão, a Bíblia não cessa, aliás, de revelar a dimensão espiritual. A relação homem-mulher torna-se, então, sinal do ser de Deus que não é solidão, mas diálogo no mistério do seu Ser Trinitário. Mas é preciso, para isso, que o homem e a mulher aprendam a reconhecer que não são a sua própria origem, pois vêm de Deus.

Estas são, contudo, as grandes tentações da Humanidade: recusar a diferença que constitui o homem e a mulher na sua dignidade de imagem e semelhança de Deus e procurar ser, pelos seus próprios meios, o que somos por dom de Deus³². Grande é, então, o risco de, recusando Deus³³, acabarmos por recusar o irmão. É o drama do Jardim do Éden

³² Ainda que estejamos conscientes disso é, porém, quase naturalmente que continuamos, por vezes, a procurar naquele que julgamos amar uma réplica ou um ideal de si próprio; e muitos comportamentos sexuais são formas desviadas de evitar o encontro do outro naquilo que ele é realmente, isto é, na diferença.

³³ Uma característica do pecado nos relatos da Criação é a recusa da diferença com Deus. Como vimos, esta recusa tem, como consequência, a dificuldade de assumir a diferença entre homem e mulher, entre o mundo dos humanos e o mundo animal. Os relatos da criação mostram, assim, que existe uma estreita relação entre a negação da origem e a recusa ou a dificuldade de acolher o presente.

com as suas trágicas consequências. É o drama de todas as recusas que levam a que o medo e a violência substituam o encantamento e o reconhecimento. Do Jardim do Éden ao Cântico dos Cânticos se desenha, então, o difícil caminho, onde aprendemos a despojarmos do nosso narcisismo ou do nosso egoísmo, dos nossos medos, dos nossos sonhos de poder, para nos darmos plenamente àquele que reconhecemos na sua beleza e na sua diferença.

B. QUESTÕES PARA A REFLEXÃO EM CASAL E PARTILHA EM EQUIPA

Apresentamos seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão ao longo do mês e posterior debate em equipa:

- Em que consiste o erro?
- A ruptura entre o humano e Deus leva a uma outra ruptura? Qual?
- Paradoxo da sexualidade?
- Papel do Criador perante a fragilidade humana?
- Em que é que nos baseamos para dizer que a mulher é a “esperança” do homem?
- Recriação? O que é que nos promete?
- A relação homem/mulher é sinal da relação trinitária? Qual a condição?

C. SUGESTÕES PARA UM DEVER DE SE SENTAR

Depois da leitura do texto de meditação e da oração partilhada sobre o mesmo, façam um pequeno silêncio e só depois iniciem o diálogo:

- Que entendemos por fusão no casal?
- Fomos tentados ou somos tentados por um amor fusão?
- Em que circunstâncias? Em que domínios? Que autonomias dispomos um em relação ao outro?

- Como reagimos perante esta tentação contemporânea de refúgio na diferença homem/mulher?
- Como transmitir aos nossos filhos este valor essencial da diferença entre homem/mulher?

D. TEXTO PARA A ORAÇÃO EM EQUIPA

«Ouviram, então a voz do Senhor Deus, que percorria o jardim à frescura do dia, e o homem e a sua mulher logo se esconderam do Senhor Deus, por entre o arvoredado do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe: “onde estás?”. Ele respondeu: Ouvi a Tua voz no jardim e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu. O Senhor Deus perguntou: “Quem te disse que estás nu? Comeste, porventura, da árvore da qual te proibi comer?” O homem respondeu: “Foi a mulher que trouxeste para junto de mim que me ofereceu da árvore e eu comi.” O Senhor Deus perguntou à mulher: “Porque fizeste isso?” A mulher respondeu: “A serpente enganou-me e eu comi.”

Então, o Senhor Deus disse à serpente: “Por teres feito isto, serás maldita entre todos os animais domésticos e entre os animais selvagens. Rastejarás sobre o teu ventre, alimentar-te-ás de terra, todos os dias da tua vida. Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela: a descendência dela esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar”. O Senhor Deus disse, depois, à mulher: “Aumentarei os sofrimentos da tua gravidez, entre dores darás à luz os filhos. Procurarás apaixonadamente o teu marido, mas ele te dominará.”

A seguir, disse ao homem : “Porque atendeste à voz da tua mulher e comeste o fruto da árvore proibido: maldita seja a terra por tua causa e dela só arrancarás alimento à custa de penoso trabalho, todos os dias da tua vida. Produzir-te-á espinhos e abrolhos e comerás a erva dos campos. Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de onde foste tirado; porque tu és pó e ao pó voltarás.»

Gn 3,8-19

CAPÍTULO III - JESUS, MENSAGEIRO DO AMOR

5ª REUNIÃO: *“Porque Ele conhecia as injustiças das quais elas eram vítimas, Jesus restabelecia ao mesmo tempo as mulheres como parceiras de corpo inteiro no interior do casal. Ele proclamava uma nova relação entre o homem e a mulher baseada na unidade de comunhão e de amor.”*

A. TEMA

Não é fácil saber qual era o estatuto exacto da mulher no tempo de Jesus, pois muitas informações foram-nos transmitidas por textos rabínicos posteriores. Parece, não obstante, que, se a acção do homem é então pública, o lugar da mulher é em casa, ocupando-se dos filhos de tenra idade, a cuidar da educação das raparigas, ou ocupando-se com tarefas domésticas, a tecer a lã na Judeia ou o linho na Galileia¹. Quando tem de sair, a mulher traz um véu que lhe assegura o completo anonimato. Se inicia uma conversa ou se pede uma informação, devem responder-lhe o mais brevemente possível. As regras de cortesia proíbem aos homens de se encontrarem a sós com uma mulher e, até em certos casos, de a saudar. É uma vergonha, afinal, para um escriba ou um mestre da Lei falar com uma mulher.

Nas comunidades judaicas que se encontram fora da Palestina, as mulheres vivem, por vezes, como reclusas. O texto de Fílon de Alexandria, que evoca o comportamento dos judeus numa cidade helénica, é particularmente esclarecedor: *“Mercados, conselhos, tribunais, procissões festivas, agrupamentos, resumindo,*

¹ Há textos onde se prevê, aliás, a quantidade mínima que uma mulher deve fiar ou tecer por semana, mas esta quantidade diminui, se ela estiver a aleitar uma criança com menos de dois anos.

toda a vida pública com as suas discussões e os seus negócios, em tempo de paz e de guerra, é feita para os homens, sendo conveniente às mulheres ficarem em casa e viverem retiradas. As jovens raparigas devem permanecer nas divisões recuadas, fixando-se como limite a porta de comunicação (com as divisões dos homens); e as mulheres casadas têm, como limite, a porta do pátio².”

Muitas provas testemunham que esta reclusão da mulher era corrente noutras cidades além de Alexandria. Na prática, contudo, as mulheres não podiam levar uma vida totalmente retirada, a não ser raramente, como no caso das mulheres de um nível social mais elevado. Quanto às mulheres do campo, iam buscar água ao fontanário público, trabalhavam com o seu marido e os seus filhos nos campos, vendiam azeitonas à porta de suas casas, mantinham pequenos comércios... Nada indica, igualmente, que as mulheres observassem aí, de forma tão estrita como nas cidades, o costume de cobrirem a cabeça. Uma mulher, contudo, não devia estar sozinha nos campos e não era comum, mesmo no campo, que um homem conversasse com uma mulher estrangeira.

Estas observações deveriam realçar a originalidade de Jesus quer em relação às mulheres quer em relação às leis e às práticas que autorizavam ou preconizavam o seu repúdio. Sempre neste contexto, lembraremos que, no templo de Jerusalém, os homens e as mulheres estavam repartidos em pisos diferentes. De forma semelhante, as mulheres estavam separadas dos homens nas sinagogas onde lhes era interdito assegurar o serviço da leitura ou presidir à oração. Por fim, as mulheres nunca eram admitidas como testemunhas diante dum tribunal. Eram mesmo excluídas de uma certa maneira do Torah que elas não estudavam.

Tudo isto está bem resumido nesta oração judaica, embora mais recente, mas que traduz uma realidade antiga: *“Agradeço-te, ó Deus, não me teres feito pagão, nem mulher, nem escravo.”*

² J. Jeremias, « Jérusalem au temps de Jésus », Cerf, Paris, 1976, p. 473.

Jesus e as mulheres

Desde o início das suas prédicas até às horas sombrias da Cruz, Jesus estará sempre acompanhado por um grupo de mulheres. Sabendo que, na época, nenhum rabi, nenhum “*mestre*” digno desse nome, teria aceitado essa companhia, não é difícil imaginar qual podia ser a reação dos adversários de Jesus. E, para mais, as mulheres que O seguiam, não eram as “*ideais*”. Elas constituíam um grupo bem díspar, como vemos nesta passagem do Evangelho de Lucas: “*Acompanhavam-n’O os doze e algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demónios; Joana, mulher de Cusa, administrador de Herodes; Susana e muitas outras, que os serviam com os seus bens*”³.” Correndo o risco da repetição, observe-se que este grupo, constituído, entre outros, por antigas doentes de passado duvidoso, devia suscitar numerosos comentários. Uma coisa é certa, a sua presença ao lado de Jesus não devia contribuir para Lhe assegurar uma boa reputação.

Seria bom saber também qual seria a atitude dos doze, relativamente a isso. No contexto cultural que era o deles, tudo faz supor que, aos seus olhos, pensariam que eles, sim, eram os verdadeiros discípulos de Jesus e que estas mulheres não deviam contar muito. E, contudo, numa daquelas reviravoltas das quais o Evangelho tem o segredo, enquanto que eles fugirão no momento da prisão de Jesus⁴, são elas que encontramos aos pés da cruz. Fiéis até às horas mais trágicas da morte de Jesus e do Seu passamento, elas serão as primeiras a vê-l’O ressuscitado ou a beneficiar do anúncio da Sua ressurreição. Serão, igualmente, as primeiras encarregadas de levar a mensagem pascal aos onze, antes que eles se tornem testemunhas autorizadas da Ressurreição⁵.

Qualquer que seja a simbologia teológica ligada ao número “*doze*”, o facto de Jesus escolher doze homens para serem Suas

³ Cf. Lc 8,2-3.

⁴ Cf. Mc 15,40; Mt 27, 55-56; Lc 23, 55-56.

⁵ Cf. Mt 28,7-10; Lc 24,9-10; Jo 20,17-18.

testemunhas e Seus enviados compreendia-se muito bem numa sociedade onde as mulheres não podiam pregar em público – muito menos nas sinagogas –, e onde o seu testemunho não era recebido. Mas estas razões sociológicas e teológicas não nos autorizam a considerar como secundária a presença das mulheres nos momentos cruciais da vida e do ministério de Jesus. Com efeito, quando os homens já não estão presentes, são elas, apenas elas, que assistem ao devir do mundo novo que nasce da morte e da ressurreição de Jesus. É o sinal de que as mulheres têm um lugar único e especial nos Evangelhos, que muitas vezes foi esquecido.

Desde a mais antiga confissão de fé cristã⁶, será relegado para segundo plano o testemunho das mulheres e hierarquizamos a ordem das testemunhas: Pedro, em primeiro lugar, depois os outros discípulos. É verdade que o passado tumultuoso de Maria Madalena não ajudava aqueles que quisessem apoiar-se no seu testemunho para afirmar que Cristo estava mesmo ressuscitado! Mas isso não basta, com certeza, para explicar que tenha sido minimizado o papel que, então, as mulheres desempenharam.

O respeito e a simpatia de Jesus para com as mulheres aparecem igualmente em numerosas parábolas, onde Jesus evoca a vida quotidiana das mulheres do Seu tempo. Através da diversidade das suas idades e das suas actividades, estas mulheres ilustram diferentes aspectos do reino de Deus ou da vida do discípulo de Cristo: a mulher que dá à luz⁷, a viúva que acaba por ganhar a sua causa junto de um juiz iníquo⁸, a mulher que amassa o fermento⁹, aquela que procura o dracma que acaba de perder¹⁰, a mulher que remenda¹¹ e as virgens que estão vigilantes com o azeite¹². À sua maneira, cada uma destas parábolas manifesta a atenção de Jesus em relação às mulheres que se aproximam d'Ele.

⁶ Cf. 1Cor 15,5-8.

⁷ Cf. Jo 16,20-22.

⁸ Cf. Lc 18,1-8.

⁹ Cf. Lc 13,20-21.

¹⁰ Cf. Lc 15,8-10.

¹¹ Cf. Mc 2,21.

¹² CF. Mt 15,1-13.

Contudo, quando Marta repreende Jesus por não intervir junto de Maria para que a ajude, Jesus responde de maneira espantosa: “*Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas, mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada*”¹³. Muitas vezes mal compreendida, esta resposta mostra que Jesus recusava que a mulher fosse encerrada no único papel de serva, mas que Ele convidava “*à melhor parte*”, isto é, à escuta da Palavra. Mais do que se crê, reconhecendo a Maria o estatuto de discípulo, Jesus libertava, assim, a mulher das exigências culturais e dos limites sociológicos do Seu tempo.

No Evangelho, numerosas são também as mulheres que Jesus dá como exemplo: uma viúva que, diferentemente dos notáveis, oferece daquilo que lhe é necessário para o serviço do templo¹⁴, Maria, cuja prodigalidade contrasta com a frieza e a avareza de Judas¹⁵, ou, ainda, uma pagã que pedia a Jesus para salvar a sua filha¹⁶. Jesus tinha, contudo, começado por repreendê-la, respondendo-lhe secamente: “*Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.*” Mas a mulher tinha insistido e suplicado a Jesus para vir em seu auxílio. Tocado no mais profundo de Si mesmo, Jesus teve de reconhecer a fé desta mulher: “*Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se como desejas.*” Bem antes da hora, esta pagã tinha, pois, compreendido a verdadeira identidade de Jesus. De forma semelhante, no tempo de João Baptista, as prostitutas tinham-se mostrado mais receptivas à sua mensagem que as autoridades religiosas de então¹⁷.

Elogiando a fé desta mulher pagã, Jesus abria, assim, um espaço, nunca reconhecido até então aos pagãos. Mas tinha sido preciso que, por sua insistência e pela sua fé, esta mulher Lhe tivesse dado a perceber que a Sua missão também se dirigia aos pagãos? É uma questão. Se fosse esse o caso, seria sinal de que as mulheres

¹³ Cf. Lc 10,41-42.

¹⁴ Cf. Mc 12,41-44.

¹⁵ Cf. Jo 12,1-8.

¹⁶ Cf. Mt 15,21-28.

¹⁷ Cf. Mt 21,31-32.

tinham permitido a Jesus abrir--Se à natureza e às exigências da Sua missão. Não podemos deixar de invocar aqui o papel essencial desempenhado por Maria, aquando do episódio das bodas de Caná¹⁸!...

Jesus e a moral sexual do Seu tempo

O mundo em que vivia Jesus não era isento de desvios sexuais ou de comportamentos repreensíveis, segundo a lei judaica. No seu tempo, já João Baptista tinha intervido junto de Herodes Antipas para lhe criticar o ter casado com a mulher do seu irmão; isto custara-lhe a vida¹⁹. Talvez Jesus conhecesse este acontecimento, como devia conhecer, pelo menos dos boatos públicos, os comportamentos sexuais de certos funcionários reais, os abusos dos oficiais e dos soldados romanos, os costumes duvidosos dos Seus compatriotas. Poder-se-ia esperar, então, que Jesus denunciasse com veemência tais práticas.

Na realidade tal não aconteceu. Jesus mostra mesmo uma admirável discrição em relação à vida sexual. Reservando as Suas condenações para aqueles que se julgavam acima da Lei de Moisés, anuncia mesmo aos habitantes de Cafarnaum, indiferentes aos Seus ensinamentos e aos Seus milagres, que, no dia do Julgamento final, haverá menos rigor para Sodoma – tristemente célebre, contudo – que para a sua cidade²⁰. Para estupefacção de todos, Jesus adopta igualmente em relação às mulheres rejeitadas e pecadoras ou, pelo menos, julgadas como tal, uma atitude que não deixa de estar ligada à Boa Nova que Ele veio trazer. Caracteriza-se, entre outras, pela recusa de sacralizar as maldições da lei judaica nas quais se fechavam as mulheres. Vários episódios dos Evangelhos poderiam ser aqui mencionados. Reteremos apenas quatro; são quatro encontros com Cristo.

¹⁸ Cf. Jo 2,1-12.

¹⁹ Cf. Mc 6,17-18.

²⁰ Cf. Mt 11,23-24.

O primeiro encontro coloca em cena uma mulher que sofria de hemorragias há doze anos. Tendo gastado tudo o que possuía com os médicos que não lhe tinham trazido nenhuma melhoria, ela queria tocar na franja do manto de Jesus, pois dizia: “*Se ao menos tocar nem que seja nas Suas vestes, ficarei curada*²¹.” Segundo a lei judaica, um tal acto teria tornado Jesus impuro, pois os objectos ou as pessoas que estavam em contacto com uma mulher que sofria perdas de sangue ficavam conspurcados²². As mulheres vítimas de tal tipo de doença eram mesmo afastadas de toda a vida social e religiosa; eram “*intocáveis*”. Ora que faz Jesus? Não só aceita que esta mulher infrinja a lei, tocando-Lhe, clandestinamente, como, depois de a ter chamado, chega até a reconhecer-lhe a fé: “*Filha, a tua fé salvou-te; vai em paz e sê curada do teu mal.*”

Abolindo o que era um verdadeiro tabu sexual, Jesus manifestava a Sua independência em relação às observações rituais que eram, para numerosas mulheres, fonte de humilhações trágicas e mesmo de rejeição. Noutra passagem, Jesus relembrará que a verdadeira fonte de impureza não é o que entra ou sai do corpo do homem, mas do seu coração²³.

O segundo encontro aparece no Evangelho de Lucas²⁴. Jesus foi convidado para ir a casa de um fariseu; acaba de se sentar à mesa no momento em que aparece uma mulher. Trazendo um frasco de perfume em alabastro e ajoelhando-se aos pés de Jesus, banha-Lhe os pés com lágrimas. Enxuga-os com os seus cabelos, cobre-os depois com beijos e unge-os de perfume. Surpreendido, o fariseu espanta-se por Jesus não saber quem é aquela mulher. Uma pecadora, dito de outra forma, uma prostituta, “*cortesã de luxo para burgueses ou rapariga de baixo nível para soldados romanos*²⁵.” Chega a duvidar que Jesus seja, na verdade, um profeta, pois se tal fosse o caso, Ele saberia quem era essa mulher e não se teria deixado tocar por ela.

²¹ Cf. Mc 5, 28; cf. 5,25-34.

²² Cf. Lv 15,25-30.

²³ Cf. Mc 7,14-23.

²⁴ Cf. Lc 7,36-50.

²⁵ P. Grelot, «Dans les angoisses l'espérance», Enquête Biblique, Paris, Seuil.

Adivinhando os seus pensamentos, Jesus conta-lhe uma parábola: é a história de um credor que tinha dois devedores. Um devia-lhe quinhentos denários, o outro cinquenta; não tendo como lhe pagar, o credor perdoou-lhes a dívida.

Contada esta parábola, Jesus pergunta ao fariseu qual dos dois devedores, na sua opinião, amará mais o credor. A resposta foi: *“Aquele a quem perdoou mais, creio eu”*. Jesus critica, então, o fariseu por não O ter acolhido bem, enquanto que a pecadora se comportou como Ele, Jesus, poderia ter esperado do Seu hospedeiro. Jesus conclui então: *“Por isso digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama”*. A narrativa acaba, perdoados os pecados da mulher. Os convivas, esses, perguntavam-se quem era aquele homem que até perdoava os pecados.

Não dispensando a imaginação, voltemos com J. Guillet sobre o que se passou: *“Esta mulher, toda a cidade a conhecia, é uma pecadora. Quando passa, os olhos acendem-se de inveja ou desviam-se, escandalizados. Esta mulher, que só é olhada para desejar ou para condenar, Jesus vê-a colocar a Seus pés tudo o que utilizava tão bem para seduzir, as suas lágrimas, os seus cabelos, o seu perfume. A este gesto profundamente feminino, Cristo é sensível e não esconde a Sua emoção e admiração, mas transmite imediatamente o segredo milagroso da pureza. Já não há aqui uma mulher feita para seduzir, nem um homem triunfante, orgulhoso por exhibir a sua vitória. Há o coração perdido que, de repente, soube ir até à plenitude do amor e um coração suficientemente casto para saber reconhecê-lo, atingi-lo e libertá-lo²⁶.”*

Eis o que conta neste episódio: a profunda liberdade de Jesus que, apesar das regras e das conveniências, reconhecia a dignidade desta mulher. Enquanto os que O acompanhavam, duvidavam que Ele fosse um verdadeiro profeta, Jesus sabe reconhecer igualmente na atenção e nos gestos desta pecadora o amor profundo e sincero que a habita. Mas, ao mesmo tempo que Ele a liberta da sua história ou do

²⁶ J.Guillet, « *La chasteté de Jésus* », Jésus – Christ dans notre monde, Desclée de Brouwer/Bellarmin, Paris.

peso com que a sociedade a rejeitava, Jesus liberta esta mulher de sentimentos que poderiam querer encerrá-la numa ligação demasiado estreita. Àquele que a tinha tocado com a Sua mensagem e gestos de amor. Ele não Se aproveita da sua fraqueza, não a prende a Ele, permite-lhe ser plenamente ela própria, no acolhimento do Amor de Deus que redime dos pecados. As suas palavras ecoam ainda com mais força: *“A tua fé te salvou. Vai em paz.”*

O terceiro encontro está entre os mais célebres do Evangelho: é o de Jesus com a Samaritana no poço de Jacob²⁷. Tudo se opunha a este encontro: em primeiro lugar, o facto de os judeus não conviverem com os samaritanos que eles consideravam *“impuros”*; depois, a lei que interditava que se falasse com uma mulher sem a presença do marido; por fim, as regras que teriam exigido que Jesus não pedisse água a uma samaritana, visto que essa água – vinda de uma pessoa considerada *“impura”* – torná-l’O-ia impuro!

Duplamente desprezada por causa da sua raça e dos comportamentos, é, por isso, absolutamente natural que a samaritana se espante, quando Jesus lhe pede de beber: *“Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?”* A este espanto, junta-se o dos discípulos não compreenderem que Jesus Se relacione com uma mulher. Não podem saber, é verdade, que, desafiando estas interdições, Jesus tem unicamente um objectivo: permitir a esta mulher repor a verdade com ela própria. Ajudando-a, sem a condenar, a confessar o que ela vive: *“Disseste bem: não tenho marido, pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. Nisto falaste verdade”*, Jesus permitirá igualmente a esta mulher acolher o dom de Deus que restabelece cada um na sua dignidade e na sua verdade. No mesmo momento, a Samaritana poderá reconhecer a verdadeira identidade d’Aquele que lhe tinha inicialmente pedido de beber, para que ela possa depois saciar-se na fonte do Seu amor: *“Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será Ele o Messias?”*

²⁷ Cf. Jo 4, 1-42.

Missionária do dom de Deus, a samaritana será uma das primeiras mulheres a testemunhar Cristo. Mas ela não será, sem dúvida, a única a fazer esta experiência da liberdade d'Aquele que não cessará de lutar com todas as formas de exclusão, sobretudo quando elas têm por origem o desprezo em que, frequentemente, o poder masculino encerra as mulheres. O encontro de Jesus com a mulher adúltera é disso exemplo. Subjacente a este episódio, desenha-se a contestação daqueles que criticavam Jesus por ser demasiado laxista em relação aos costumes de certas mulheres.

«Então, os doutores da Lei e os fariseus trouxeram-Lhe certa mulher apanhada em adultério, colocaram-na no meio e disseram-Lhe: “Mestre, esta mulher foi apanhada a pecar em flagrante adultério. Moisés, na Lei, mandou-nos matar à pedrada tais mulheres. E Tu que dizes?”

Faziam-Lhe esta pergunta para O fazerem cair numa armadilha e terem de que O acusar. Mas Jesus, inclinando-Se para o chão, pôs-Se a escrever com o dedo na terra.

Como insistissem em interrogá-l'O, ergueu-Se e disse-lhes: “Quem de vós estiver sem pecado, atire-lhe a primeira pedra!” E, inclinando-Se novamente para o chão, continuou a escrever na terra. Ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher que estava no meio deles.

Então, Jesus ergueu-Se e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?” Ela respondeu: “Ninguém, Senhor”. Disse-lhe Jesus: “Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar”²⁸.»

Pedindo-Lhe para tomar posição em relação ao adultério, os escribas e os fariseus estendem a armadilha a Jesus: se Ele infringir a Lei de Moisés, fica desconsiderado aos olhos dos que a defendem; se Ele preconizar a pena de morte imposta pela lei²⁹, arrisca-Se a perder a influência que exerce sobre aqueles que são atraídos pela Sua

²⁸ Cf. Jo 8,3-11.

²⁹ Cf. Dt 22,22ss.

mensagem. Dará Ele razão à lei ou tornar-Se-á cúmplice do pecado cometido? Como sempre, Jesus desarma a armadilha que Lhe é montada. Recusando deixar-Se fechar no dilema – condenar ou absolver – recusa igualmente limitar-Se unicamente ao domínio da sexualidade e obriga os Seus interlocutores a interrogarem-se sobre a sua situação diante de Deus: “*Quem de vós estiver sem pecado, atire-lhe a primeira pedra.*” Uma tal invectiva só podia colocá-los numa posição difícil: qual dentre eles, com efeito, assumiria a responsabilidade de se declarar abertamente “*sem pecado*”?

Daí a recusa deles bem compreensível: “*Ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher que estava no meio deles.*”

Quer isto dizer, necessariamente, que Jesus não reconhecia o pecado da mulher que Lhe tinham trazido? Não, claro, já que Ele a convida no fim a “*de agora em diante não tornes a pecar.*” Mas, sem dúvida, queria denunciar a hipocrisia dos homens que afirmavam que só havia adultério, quando se dormia com a mulher de outro³⁰. Noutra ocasião, Jesus mostrar-Se-á mesmo mais exigente que a Lei de Moisés, visto que Ele perseguirá o adultério até aos olhares e desejos: «*Ouvistes o que foi dito: “Não cometerás adultério”. Eu, porém, digo-vos que todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no coração*»³¹. Alargando, assim, o campo da reflexão em matéria sexual, Jesus lembrava que a qualidade do olhar que se dá ao outro é mais importante do que a observância da lei que pode dar lugar a mentiras.

Esta chamada de atenção correspondia à preocupação de Jesus de sair de uma visão demasiado estreita da moral. Manifestava igualmente, assim, uma notável compreensão da condição humana. Capaz de sentimentos fortíssimos, ao mesmo tempo que estava ao serviço de uma mensagem da qual não estavam excluídas, nem a

³⁰ Poder-se-ia, aliás, colocar a questão por que razão, neste relato, só é posta em causa a mulher, pois, se foi apanhada em “*flagrante delito de adultério*”, é porque se encontrava um homem com ela.

³¹ Cf. Mt 5,27-28.

ternura em relação aos pecadores, nem a cólera ao encontrar aqueles que deturpavam a lei em seu proveito, Jesus tinha uma única preocupação: avaliar as situações humanas à luz do desígnio de Deus, o único critério que conta. Isto ressalta, sobretudo, nos Seus ensinamentos em relação ao casamento. Como nos encontros precedentes, vemos Jesus, ao mesmo tempo, denunciar a hipocrisia de certas interpretações da lei e proclamar a graça de Deus sempre oferecida.

Jesus e o casamento

Se é verdade que Jesus Se pronunciou pouco em relação à sexualidade enquanto tal, já não é, assim, em relação ao casamento. Uma passagem do Evangelho aborda mesmo a questão sobre a indissolubilidade dos laços do casamento. Eis como o apresenta Mateus:

«Alguns fariseus, para O experimentarem, aproximaram-se d’Ele e disseram-Lhe: “É permitido a um homem divorciar-se da sua mulher por qualquer motivo?” Ele respondeu: “Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher, e disse: Por isso, o homem deixará o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e serão os dois um só? Portanto, já não são dois, mas um só. Pois bem, o que Deus uniu não o separe o homem.”

Eles, porém, objectaram: “Então, porque é que Moisés preceituou dar-lhe carta de divórcio ao repudiá-la?” Respondeu Jesus: “Por causa da dureza do vosso coração, Moisés permitiu que repudiásseis as vossas mulheres; mas, ao princípio, não foi assim. Ora Eu digo-vos: “Se alguém se divorciar da sua mulher – excepto em caso de união ilegal – e casar com outra, comete adultério”³².»

³² Cf. Mt 19,3-9. Diferentemente dos relatos equivalentes de Marcos e Lucas, o texto de Mateus comporta um certo número de notas que a tradição foi acrescentando. Informam-nos sobre o pensamento das primeiras comunidades cristãs.

Sublinhe-se, em primeiro lugar, que, ainda aqui, os fariseus querem **“montar uma armadilha”** a Jesus e que a questão colocada não diz respeito ao divórcio, no sentido moderno do termo, mas ao repúdio. Este era determinado pela Lei de Moisés que previa que um casamento consumado podia ser rompido se o marido descobrisse *“alguma coisa que causava vergonha”* naquela com quem tinha casado³³. O sentido desta expressão era suficientemente amplo para dar lugar a inúmeras interpretações, todas em benefício do marido e só ele podia ter a iniciativa do repúdio. A escola rabínica de Schammai, por exemplo, concebia a autorização de repudiar a sua mulher de forma estrita e restritiva, isto é, só em caso de adultério. A escola d’Hillel dava uma interpretação mais lata: podia ser repudiada uma mulher que tivesse saído de casa dela com a cabeça descoberta e os cabelos soltos, que se tivesse mostrado na rua com os braços e os ombros nus ou que tivesse sido vista a falar com um homem. Comer, beber, dar de mamar ao filho na rua ou deixar queimar a comida podiam ser motivos de repúdio. Para Rabbi Aqiba, bastava ver uma mulher mais bonita que a sua, para que se pudesse repudiar a sua esposa³⁴!

Tomando partido a favor de uma ou de outra destas interpretações, Jesus teria ficado preso a uma compreensão legalista do casamento. Recusando entrar na problemática em que os fariseus queriam encerrar, Ele reenvia, por isso, os Seus interlocutores para o projecto de Deus; cita para isso dois versículos do livro do Génesis. Começando por evocar o primeiro relato da Criação, Jesus põe em evidência, primeiro, a diferenciação sexual que, em si mesma e por ela mesma, foi desejada por Deus: *“Ele os criou varão e fêmea”*³⁵.

³³ Cf. Dt 24,1.

³⁴ H.Cousin, «Le monde dans lequel vivait Jésus», Paris Cerf 1999. No seu tempo, o profeta Malaquias tinha, no entanto, prevenido os seus compatriotas: *“Por conseguinte, tende cuidado convosco, e que ninguém atraia a mulher da sua juventude. Porque Eu odeio o divórcio, diz o Senhor, o Deus de Israel, e que alguém cubra de injustiças as suas vestes, diz o Senhor do universo. Portanto, tende cuidado convosco e não cometais essa traição.”* (Mal 2,1-16).

³⁵ NT: Neste ponto seguimos a tradução da Bíblia das Edições Paulinas, para que a ideia do autor fizesse sentido, e não a da versão da Bíblia Sagrada da Difusora

Citando, a seguir, o segundo relato da Criação, Jesus passa de um qualificativo sexual – varão/fêmea – para um qualificativo antropológico – homem/mulher – “*Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher e os dois serão uma só carne.*” A união conjugal é, assim, apresentada sob diferentes aspectos – sexual, relacional e social – que, juntos, fundamentam a necessidade de deixar a segurança do meio familiar para constituir uma nova unidade que nada poderá separar. Tal é a conclusão de Jesus: “*Pois bem, o que Deus uniu não o separe o homem.*”

Um ponto aqui é importante: “*O que Deus uniu.*” Como em nenhuma outra passagem, Jesus afirma, com efeito, que a união conjugal não depende unicamente da vontade dos cônjuges, nem sequer do reconhecimento social, mas do acto “**gracioso**” pelo qual Deus fez **Um** aqueles que eram dois. Como fundamento da relação que une o homem e a mulher, união na qual a sexualidade é o sinal e o lugar, existe, portanto, o Amor criador de Deus, amor que o casal humano é chamado a significar em todos os momentos da sua existência. Em consequência disso, ninguém pode decidir que uma união conjugal pode ser rompida, pois ninguém pode separar aqueles que a graça de Deus uniu.

Como compreender então que Moisés tenha permitido, em certos casos, repudiar a sua mulher? Esta é a questão que os fariseus se apressam a colocar a Jesus. Como resposta, Jesus afirma que isso é consequência da “*dureza do coração do homem*”³⁶ e que a autorização legal derivada de Moisés não está conforme à ordem “**normal**” das coisas, pois “*ao princípio, não foi assim*”. Numa época que não era exactamente a mesma em que tinha sido legalizado o repúdio, esta chamada de atenção era importante. Efectivamente, se a carta de repúdio defendia, então, os direitos das mulheres repudiadas, pois permitia-lhes voltarem a casar-se e evitava-lhes serem reduzidas à mendicância ou à prostituição, tornou-se no tempo de Jesus, pelo

Bíblica que é “Ele os criou homem e mulher” e que não permite o jogo de palavras.

³⁶ “Sklerokardia”: palavra grega que evoca o coração que endurece e se fecha à vida. Trata-se, por isso, mais de uma rigidez que de uma maldade.

menos para aqueles que tinham meios financeiros, uma maneira rebuscada de praticar a poligamia disfarçada. Ora, é esta hipocrisia que Jesus denuncia, convidando os fariseus a respeitarem o fundamento da Lei de Moisés.

Porque Ele conhecia as injustiças de que elas eram vítimas, Jesus restabelecia ao mesmo tempo as mulheres como parceiras de corpo inteiro no interior do casal³⁷. Ele proclamava uma nova relação entre o homem e a mulher baseada na unidade de comunhão e de amor. Mais ainda: Ele lembrava que a ruptura do laço conjugal não é inocente e que nenhuma casuística pode justificar levar ao fracasso, voluntariamente, a vontade de Deus.

Mostrando-Se mais exigente que Moisés, Jesus corria, no entanto, o risco de ser mal interpretada a natureza da Sua mensagem, reduzida a um legalismo percebido como ainda mais duro e mais severo que o primeiro. Entendida como uma nova lei, mais radical que a primeira, a ordem de nunca separar o que Deus uniu poderia mesmo dar a impressão de que o coração de Deus era mais duro que o do homem. Seria esquecer o que Jesus acabava de afirmar a propósito da união conjugal que obtém, em primeiro lugar, a sua realidade da graça de Deus. Mensageiro da graça divina, Jesus não podia, com efeito, ser o mensageiro de um Deus tirânico e sem piedade. Pelo contrário, face àqueles que, por causa da dureza do coração humano, tinham autorizado o repúdio, Jesus ensinava que é preciso nunca fechar o coração à graça de Deus e, conseqüentemente, nunca desesperar do amor. Mais, Ele afirmava que a indissolubilidade é uma promessa inscrita no coração da união conjugal ao mesmo tempo que é uma dimensão essencial à maneira pela qual Deus Se liga aos homens: para sempre. Os Seus detractores só tinham que relembrar os grandes acontecimentos da história do Seu povo para se convencerem disso³⁸. Eles que conhecem as

³⁷ O ensinamento de Jesus não dispensava a mulher de obrigações semelhantes às do homem. Tal como o homem, ela não podia, por isso, romper o laço conjugal.

³⁸ Lembremos aqui o ensinamento dos profetas onde a fidelidade de Deus é sempre mais forte que as numerosas infidelidades “adulterios” do Seu povo. Não é indiferente que a Bíblia use com frequência as realidades do matrimónio para

Escrituras deviam saber de igual forma que a vontade de Deus é inseparável da lei e da graça. Mas, se a graça precede sempre a lei, a lei indica como viver sob a graça de Deus.

Longe de interditar o repúdio como um legislador que tivesse reforçado as exigências da lei, Jesus mostrava, assim, que o repúdio, tal como era praticado no Seu tempo, era, em todo o caso e quaisquer que fossem as incidências legais, o sinal do fracasso de viver, segundo o desígnio de Deus e sob a Sua graça. Também, contra a interpretação tradicional, Ele não hesitava em repudiar o adultério: *“Eu digo-vos: Se alguém se divorciar da sua mulher – excepto em caso de união ilegal – e casar com outra, comete adultério.”*³⁹ Esta afirmação visava, contudo, aqueles que se serviam do repúdio para justificar legalmente as suas práticas adúlteras. Mas, mais do que isso, tratava-se para Jesus de defender a promessa e a esperança que residem nos laços do matrimónio.

Infelizmente, íamos esquecer rapidamente a mensagem de esperança que se encontrava no coração do ensinamento de Jesus sobre a indissolubilidade dos laços do casamento. Veríamos aí apenas mais uma lei e a interpretação jurídica venceria sobre o anúncio da promessa divina. Mas como podemos espantarmo-nos, se foi assim que os próprios discípulos reagiram ao ensinamento de Jesus? Considerando as Suas palavras demasiado duras, recusando, sem dúvida também, verem-se desapossados dos seus privilégios masculinos, tinham exclamado: *“Se é essa a situação do homem perante a mulher, não é conveniente casar-se.”*⁴⁰

Esta reacção mostrava bem que eles tomavam Jesus por um novo legislador, mais rigoroso que os precedentes, fazendo do casamento uma prisão aterradora. De maneira surpreendente, Jesus tinha então respondido aos seus discípulos, evocando uma realidade igualmente espantosa: o celibato.

ilustrar o Amor de Deus pelo Seu povo e para mostrar que a infidelidade do povo nunca prevalece à fidelidade de Deus, que recria incessantemente a graça da aliança. Eis o que faz luz sobre o sentido profundo da união conjugal.

³⁹ Cf. também Mt 5,32; Mc 10,11-12; Lc 16,18.

⁴⁰ Cf. Mt 19, 10.

B. QUESTÕES PARA A REFLEXÃO EM CASAL E PARTILHA EM EQUIPA

Apresentamos seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão ao longo do mês e posterior debate em equipa:

- Qual o nosso conhecimento a respeito da condição da mulher no tempo de Jesus Cristo?
- Em que é que Jesus é “original” na sua atitude perante a mulher ? Quais as consequências para Ele?
- O papel das mulheres em relação ao dos apóstolos, e a Jesus, o seu lugar nos Evangelhos? Quais as parábolas que nos podem esclarecer?
- Jesus exprimiu princípios claros no que respeita à moral sexual?
- Que nos mostram os 4 encontros de Jesus com as mulheres?
 - Sobre a pureza do rito e a autenticidade da fé?
 - Sobre o acolhimento apesar (ou graças a) das nossas faltas e sobre a qualidade de um amor verdadeiro despojado de qualquer sedução?
 - Sobre a graça da verdade em relação a nós mesmos?
 - Sobre a nossa maneira de olhar o outro?
- Porque se mostra Jesus crítico em relação às leis sobre o matrimónio? Em que se mostra Ele mais exigente que Moisés? Onde está, para Ele, a grandeza do matrimónio?

C. SUGESTÕES PARA UM DEVER DE SE SENTAR

Depois da leitura do texto de meditação e da oração partilhada sobre o mesmo, façam um pequeno silêncio e só depois iniciem o diálogo:

- Voltar a ler o encontro de Jesus com a Samaritana sobre a rejeição de Jesus a todas as formas de exclusão, principalmente no que se refere à mulher.
- Na nossa vida de casal, de família, de igreja, em cada um de nós, estamos de acordo com o lugar da **“mulher”** ?
- Como reagimos quando, por exemplo, através dos nossos filhos, vamos ao encontro de pessoas de outras categorias sociais ou étnicas que não partilham os nossos valores?
- Que acolhimento fazemos aos excluídos da sociedade? Quem são, para nós, os excluídos?

D. TEXTO PARA A ORAÇÃO EM EQUIPA

«Os escribas e os fariseus trouxeram-lhe certa mulher apanhada em adultério, colocaram-na no meio e disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher foi apanhada a pecar em flagrante adultério. Moisés, na Lei, mandou-nos lapidar tais mulheres. E Tu que dizes?”

Faziam-lhe esta pergunta para o fazerem cair numa armadilha e terem de o acusar. Mas Jesus, inclinando-se para o chão, pôs-se a escrever com o dedo na terra. Como insistissem em interrogá-lo, ergueu-se e disse-lhes: “Quem de vós estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra!” E inclinando-se novamente para o chão, continuou a escrever na terra. Ao ouvirem isto, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos. E Jesus ficou só com a mulher.

Então, Jesus ergueu-se e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?” Ela respondeu: “Ninguém, Senhor.” Disse-lhe Jesus: “Também Eu não te condeno. Vai e de agora em diante não tornes a pecar.»

Jo 8,3-11

CAPÍTULO III - JESUS, MENSAGEIRO DO AMOR

6ª REUNIÃO: *“Para o cristão, a castidade é [...] uma das formas de participar no mistério da Eucaristia. Comungando a carne e o sangue de Cristo, o cristão sabe, com efeito, que a sua relação com a carne, com a sua e com a do outro, nunca mais será a mesma.”*

A. TEMA

Jesus e o celibato

Como vimos, na reunião anterior, o mundo judaico em que vivia Jesus exaltava a fecundidade. Os contemporâneos e os compatriotas de Jesus consideravam-na como uma bênção de Deus e um meio privilegiado de realizar as promessas divinas. É por isso que o casamento era uma obrigação absoluta. A recusa de gerar era mesmo considerada como um pecado contra a vida e equivalente a um homicídio¹. Contudo, ao longo dos séculos, homens e mulheres do Antigo Testamento tinham compreendido que a realização das promessas divinas dependia, da fidelidade de Israel à Aliança do que da simples fecundidade carnal, mas a escolha de uma vida celibatária permanecia marginal. Porém, se, no Antigo Testamento, só Jeremias

¹ “Um homem não casado não era verdadeiramente um homem” escreve R.Eléazar; e R.Yacob acrescenta: É como se ele diminuísse a imagem de Deus, pois está escrito: *“Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança...”*, o que é imediatamente seguido de *“Crescei e multiplicai-vos”* (cf. H. Cousin, *Le monde où vivait Jésus*, op.cit).

tinha sido levado a ter uma vida de celibato, anunciando assim o drama que ameaçava o seu povo², no limiar da era cristã, grupos religiosos tinham começado a escolher o celibato. De entre os mais conhecidos, havia os Terapeutas de Alexandria ou certos membros da comunidade dos Essénios cujas motivações eram, na maior parte, da ordem do culto. Foi, sem dúvida, o caso de João Baptista que os Evangelhos apresentam como tendo como única missão – por isso, de outra fecundidade – preparar os caminhos do Senhor. Neste contexto, o exemplo de Jesus reveste, contudo, uma importância única.

Mesmo se nunca é dito, de forma explícita, excepto talvez na passagem que vamos abordar, que Jesus tenha escolhido o celibato, tudo o que sabemos d’Ele apresenta-O como um celibatário que vive para Seu Pai e para os Seus irmãos e que não conhece nem lar, nem casa. Ele que conhecerá tudo e assumirá tudo da vida dos homens, excepto o pecado, não conhecerá a alegria das núpcias nem a paternidade carnal, “*não que Ele os tenha desprezado ou condenado, mas a Sua missão chamava-O a outra forma de presença junto de nós: a de um homem cuja vida e relações seriam todas orientadas para o Pai e para os irmãos*³.” No Seu seguimento, alguns dos Seus discípulos escolherão também o celibato. É a eles, ao que parece, que faz alusão o ensinamento que Mateus põe na boca de Jesus, imediatamente depois da reacção dos apóstolos que não compreendiam o que Ele acabava de dizer em relação ao casamento:

Respondeu-lhes Jesus: “ Nem todos compreendem esta linguagem, mas apenas aqueles a quem isso é dado. Há eunucos que nasceram, assim, do seio materno, há os que se tornaram eunucos pela interferência dos homens e há aqueles que se fizeram eunucos a

² Cf. Jer. 16,1-4.

³ M. Rondet, «Le Célibat évangélique dans un monde mixte», Desclée de Brouwer/Bellarmin, Paris, 1978.

*si mesmos, por amor do Reino do céu. Quem puder compreender, compreenda*⁴.

Este ensinamento sobre o celibato coloca bastantes problemas. Em primeiro lugar, porque é único; depois, porque Mateus é o único a inseri-lo aqui, o que nos leva a duvidar que esteja no lugar correcto. Se está, compreende-se mal, com efeito, que Marcos e Lucas o tenham omitido. Se não está, só o podemos associar a um episódio da vida de Jesus, desconhecido pelos Evangelhos. Certos autores imaginaram, por isso, que questionado, um dia, sobre o Seu celibato, talvez mesmo apelidado de eunuco como O trataram noutras ocasiões de guloso, bêbado ou de publicano, Jesus teria replicado e justificado o Seu celibato, referindo-Se ao reino de Deus. Recolhendo esta palavra cujo contexto primitivo desconhecia, Mateus tê-la-ia colocado na sequência do ensinamento sobre a indissolubilidade dos laços do casamento, não só como uma lembrança da atitude pessoal de Jesus, mas também como justificação daqueles que, de entre os Seus discípulos, tinham escolhido no Seu seguimento o celibato.

Significará isto que Mateus queria relativizar o ensinamento de Jesus sobre o casamento e a Sua ligação com o desígnio de Deus⁵?

⁴ Cf. Mt 19,11-12. Só Mateus relata estas palavras, mas a sua estranheza parece ser uma garantia de autenticidade; pois não se vê como Mateus poderia inventar um ensinamento que cortasse tão claramente com a tradição judaica.

⁵ É a impressão com que poderíamos ficar depois da leitura do Evangelho de Lucas. Com efeito, o convite de Jesus a renunciar a si próprio para O seguir toma, em Lucas, uma forma tão radical que, no número das realidades que o discípulo de Cristo deve “odiar”, figura o amor da sua esposa: *«Se alguém vem ter comigo e não me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser Meu discípulo»* (Lc 14,26; cf. Tob., nota K). Um pouco mais adiante, Lucas é igualmente o único a referir o amor da sua mulher entre os elementos aos quais é preciso renunciar *“por causa do Reino de Deus”* (Lc18,29). Por fim, aquando do debate entre Jesus e os saduceus sobre a ressurreição, Lucas utiliza uma fórmula que poderia deixar entender que, para ser julgado digno da ressurreição, é preciso não ter tomado mulher nem marido: *“Nesta vida, os homens e as mulheres casam-se, mas aqueles que forem julgados dignos da vida futura e da ressurreição dos mortos*

Não, como noutra passagem não queria impor a todos os homens a condição de eunuco. Mas, ao mesmo tempo que iluminava o Seu comportamento, a resposta de Jesus punha em evidência o facto do celibato ter o seu lugar no desígnio de Deus. Distinguindo o drama daqueles que nasceram impotentes ou que foram castrados pelos homens, da escolha daqueles que “*não se casam, sejam homens ou mulheres: são semelhantes a anjos e, sendo filhos da ressurreição, são filhos de Deus*”, Jesus revelava também o segredo do Seu celibato. Ele permanecera celibatário “*por causa do Reino de Deus*”, isto é, para Se consagrar totalmente ao serviço de Seu Pai e manifestar a Sua ternura e a Sua misericórdia para com os homens, Seus irmãos. Numerosos são, aliás, os episódios dos Evangelhos que traduzem esta escolha radical de Jesus ao mesmo tempo que revelam a novidade do Seu ensinamento sobre a família ou sobre a sexualidade⁶.

No número das passagens dos Evangelhos que esclarecem a atitude de Jesus tanto a respeito da família como sobre o Seu celibato, figura aquela da Sua fuga para Jerusalém e a busca angustiada de Seus pais⁷. Qualquer que seja o fundamento histórico deste episódio, o ensinamento que se pode retirar é simples: para o evangelista Lucas, antes mesmo que o baptismo seja o sinal de uma missão em vista da qual Jesus devia deixar tudo, Ele tinha consciência, desde a mais tenra idade, de pertencer a Seu Pai de uma maneira única. A Seus pais, que tinham ficado inquietos com o Seu desaparecimento, também Ele Se tinha justificado, respondendo: “*Não sabíeis que devia estar em casa do Meu Pai?*” Aos pais, Jesus tinha, por isso, deixado entrar no Seu segredo, mesmo que não pudessem

não se casam, (...)” (20,34-35). Poder-se-ia, por isso, pensar que o casamento era, para Lucas, um obstáculo à vida cristã. Seria esquecer que a sua apresentação reflecte a sensibilidade das comunidades cristãs do final do primeiro século que se encontravam simultaneamente confrontadas com a imoralidade do mundo helenístico e a influência de certas tradições ascéticas.

⁶ Isto poderia explicar o facto de Mateus ter apresentado numa mesma sùmula os ensinamentos de Jesus sobre o casamento e o celibato.

⁷ Cf. Lc 2,41-52.

compreender o que Ele lhes dizia, meditando Maria longamente nestas palavras desconcertantes. De forma espantosa, Jesus tinha, contudo, retomado depois o caminho de Nazaré com Maria e José; e aí tinha-lhes sido submisso: *“Depois desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens.”*

Desde o início do Seu ministério, Jesus deverá mais uma vez enfrentar a inquietação dos Seus parentes que se perguntam se *“Ele tem Belzebu⁸.”* Algum tempo mais tarde, àqueles que O informavam sobre a presença da Sua mãe e dos Seus irmãos, Ele responderá: *“Quem são minha mãe e meus irmãos?” E percorrendo com o olhar os que estavam sentados à Sua volta, disse: “Aí estão minha mãe e meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe⁹.”* Será necessário falar aqui de uma ruptura com a família? Sem dúvida, mas ficar por aí seria não alcançar a dimensão exacta deste acontecimento que ultrapassa uma simples ruptura sociológica ou afectiva. O que faz aqui Jesus, efectivamente, é afirmar, por um lado, que Ele dá o primeiro lugar à missão pela qual foi enviado e anunciar, por outro, a chegada de uma família nova onde *“Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é Seu irmão, Sua irmã, Sua mãe¹⁰.”*

Assim, alargando o campo da sua família, Jesus propunha aos Seus discípulos constituírem com Ele uma família universal, em que o laço que os uniria seria suficientemente forte para fazer alargar os da sua família natural, mas suficientemente íntimo também para que eles sejam realmente seus irmãos e irmãs. Desta nova família, Ele seria o centro, mas não a origem, pois só o Pai dos Céus pode gerar irmãos e irmãs do Filho único que Ele é. Esclarece-se, então, uma

⁸ Cf. Mc 3,21.

⁹ Cf. Mc 3, 31-35.

¹⁰ Cf. igualmente Lc 11,27-28.

outra palavra de Jesus: «E, na terra, a ninguém chameis “Pai”, porque um só é vosso “Pai”: aquele que está no Céu¹¹.»

Através desta recomendação, Jesus não queria destruir os laços parentais; numerosos episódios da Sua vida manifestam, pelo contrário, a qualidade da Sua atenção às realidades familiares, como quando O vemos indignar-Se diante daqueles que se aproveitavam de certas interpretações da lei para não sustentarem os seus pais, na sua velhice¹². Mas Jesus lembrava que toda a paternidade humana e espiritual deve conduzir a Seu Pai e convidava aqueles a quem chamamos “pai” a viverem a sua paternidade à luz d’Aquele de quem recebemos toda a paternidade. Da mesma forma que Ele tinha proposto aos Seus discípulos um outro tipo de família, Jesus afirmava, por isso, que, por mais importante que seja, a paternidade humana não é um absoluto e deve estar subordinada às exigências do Reino de Deus. Como? Abrindo-se ao Amor universal de Deus que contraria o fechar-se sobre si mesmo ou o estreitamento de laços afectivos que não permitem ao amor desabrochar.

As palavras de Jesus ecoam, conseqüentemente, como um chamamento a libertar-se do que os laços familiares podem comportar de restritivo e de egoísta. Estas palavras indicavam também que, para ser autêntico e fecundo, o amor da família deve abrir-se ao que é maior. Ao pedir a cada um dos Seus discípulos “*Se alguém vem ter coMigo e não Me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à sua própria vida¹³*”, Jesus indicava-lhes o caminho que lhes permitiria purificar os seus laços familiares e amar em toda a verdade: seguir a Sua escola, abrindo-se ao anúncio de um Amor que encontra a sua realização para além da história e dos laços familiares tais como os conhecemos.

¹¹ Cf. Mt 23,9.

¹² Cf. Mc 7,11-13; cf. também em relação à atenção de Jesus quanto às realidades pessoais: Jo 2,1-12; Mc 1, 29-31; 5,21-24;36-43,Lc 7, 11-17,etc.

¹³ Cf. Lc 14,26.

Um episódio da vida de Jesus é aqui particularmente elucidativo¹⁴. Trata-se de uma discussão onde, para pôr a ridículo a ideia da ressurreição, os saduceus tinham submetido a Jesus o caso de uma mulher sucessivamente casada, segundo a lei do levirato, com sete irmãos. À questão: *“Na ressurreição, de qual deles será ela mulher, porque os sete a tiveram por mulher?”*, Jesus tinha respondido: *“Quando ressuscitarem de entre os mortos, nem eles se casarão, nem elas serão dadas em casamento, mas serão como anjos do Céu.”* Jesus queria dizer com isso que a ressurreição comportaria como consequência o desaparecimento dos sexos? Nada nos permite afirmá-lo, mas, através do Seu ensinamento, Ele lembrava que a genitalidade está ligada à nossa condição de mortais. Com efeito, uma vez ressuscitados, nós já não teremos necessidade de gerar, visto que não estaremos submetidos à morte e viveremos plenamente a Vida de Deus.

Distinguindo este mundo, onde a união carnal tem o seu lugar, e o mundo da ressurreição, onde não haverá mais procriação, já que não haverá mais morte, Jesus anunciava então um novo tipo de relações. Mas o fim da genitalidade não significa necessariamente o desaparecimento da sexualidade, e o fim de um certo tipo de laços afectivos não significava que o que eles representavam, em matéria de amor, de dom de si, de fidelidade e de fecundidade, seria excluído do mundo da Ressurreição. Teríamos dificuldade em perceber, efectivamente, que o amor dos esposos, compreendido como sinal por excelência do Amor de Deus, não tenha lugar no mundo da Ressurreição. É por isso que podemos imaginar que, tudo o que tenha contribuído para a construção da pessoa humana e da fraternidade dos homens, tanto no domínio do amor como no da sexualidade, subsista no mundo da Ressurreição, mas para além das nossas categorias espaço-temporais. Se a vida depois da ressurreição não é um simples prolongamento da vida terrestre, podemos, naturalmente, pensar que viveremos plenamente, em Deus, a comunhão da qual a relação conjugal é a figura, na realização da família universal, daqueles que se reconhecem filhos de Deus, por isso, irmãos.

¹⁴ Cf. Mc 12,18-27.

Esta é a novidade da mensagem evangélica traduzida pelo celibato de Jesus: antes de ser esposo ou esposa, pai ou mãe, o ser humano só existe verdadeiramente no reconhecimento da sua identidade de filho em relação a Deus e de irmão em relação aos outros seres humanos.

Falando do Seu celibato, Jesus tinha, contudo, reconhecido que este estado de vida escapava à compreensão humana e que Ele o tinha recebido como um dom em vista do serviço do Reino. Não era, portanto, por menosprezo da sexualidade que Ele o tinha escolhido, mas por fidelidade à Sua missão que O chamava a um outro estado de vida: o de um homem, de um Filho, com a vida e a afectividade totalmente orientadas para o Pai e para os irmãos. De forma diversa, segundo as suas vocações específicas, esposos e celibatários “*por amor do Reino do Céu*” teriam no futuro de traduzir essa dupla vocação: os primeiros, como sinais de amor de Cristo que deu a Sua vida; os segundos, como sinais do carácter transitório da história e do carácter definitivo do Amor de Deus, que não quer ver nenhum dos Seus filhos esquecido ou rejeitado.

Nunca ouviremos, porém, Jesus proclamar a superioridade do celibato sobre o casamento. Nunca O veremos também estabelecer a distinção, entre os Seus discípulos, entre aqueles que eram casados, como Pedro, e aqueles que não o eram, como também a missão que lhes confiará não dependerá da escolha do celibato. Para Jesus, como para os autores do Novo Testamento, casamento e celibato são dois estados de vida subordinados ao Reino e santificados por referência ao Reino. Eles são, portanto, escolhidos, em função do chamamento que assume modalidades diferentes para cada um. Eles remetem para o mistério das vocações pessoais, mas com uma só exigência, quer se seja chamado ao celibato quer ao casamento: abrir-se à fecundidade do amor verdadeiro que exclui qualquer forma de isolamento, de egoísmo ou de exclusão.

Nesta condição, o casamento e o celibato participam igualmente no acto de oferenda de Cristo, entregando-Se por amor

pela Humanidade, na fidelidade a Seu Pai. Por obra da graça redentora que curou a ferida natural que atingia a sexualidade, como todos os aspectos da existência, o casamento e o celibato tornam-se mesmo, diferentemente mas de forma complementar, lugares de santificação. Tanto um como outro reenviam à graça de Deus que torna possível o Amor total e sem limites. Infelizmente, ao longo dos séculos, a perspectiva evangélica será muitas vezes deturpada: e um menosprezo crescente da sexualidade conduzirá a uma excessiva exaltação da virgindade. Reconhecer-se-á à sexualidade o único mérito de assegurar a sobrevivência da espécie humana e afirmar-se-á da virgindade que ela aproxima do mundo celeste. Resumindo, para atingir a perfeição, é preciso libertar-se da sexualidade¹⁵. Como compreendemos, isso não corresponde à riqueza da mensagem evangélica.

A graça da castidade

Alguns ficarão surpreendidos que terminemos assim o capítulo sobre Jesus. Isto advém do facto da palavra “*castidade*” ser muitas vezes mal compreendida, frequentemente de forma negativa. Enquanto se confunde vulgarmente com a abstenção de relações sexuais, ela “*diz respeito à humanização da sexualidade (...). Positivamente, significa unir, submeter o desejo ou o acto sexual ao projecto da pessoa*”¹⁶. Ora evocar a castidade de Jesus como uma graça a pedir é reconhecer, em primeiro lugar, que nunca houve nele

¹⁵ E. Fuchs, «Le désir et la tendresse», Labor et Fides, Genebra, 1979.

¹⁶ G. Durand, Sexualité et foi. Síntese de teologia moral. Cerf/Fides, 1983, “A etimologia da palavra “casto” é, a este respeito, muito elucidativa: *castus* é o antónimo de *incastus* (incestuoso). Do ponto de vista moral, tomando plenamente em conta o humano, a castidade seria, por isso, o que permitiria ao sujeito viver a sua sexualidade de tal maneira que construísse as suas relações com os outros e com o cosmos no reconhecimento das diferenças radicais que o estruturam. A castidade é, então, no domínio da sexualidade, recusa do poder, da indiferenciação, do enclausuramento no imaginário”, X Thévenot, Repères éthiques pour un monde nouveau, Salvator, Mulhouse, 1989.

fobia em relação à sexualidade, nem ascetismo crispado ou de inconsciência demagógica. Mais do que ninguém, Jesus parecia, pelo contrário, perfeitamente consciente do que está em jogo nas questões profundas da sexualidade e das suas consequências nas relações humanas.

Mas evocar a castidade de Jesus é sobretudo reconhecer que, porque Ele era totalmente dedicado a Seu Pai e a Seus irmãos, de modo a que cada um pudesse ser completamente ele próprio, Jesus nunca Se apropriou daqueles que o Seu amor tinha tocado. Sempre lhes abriu o caminho da liberdade ao mesmo tempo que os conduziu a Seu Pai. Liberto de toda a inveja ou de qualquer sentimento de dominação, Jesus ama os Seus discípulos, com uma amizade profunda e viril, como Ele amou, de forma terna e afectuosa, os homens e mulheres que vieram ao Seu encontro. Não escondeu uma ou outra preferência¹⁷ e sofreu cruelmente ao separar-Se daqueles que tinha escolhido ou que O tinham acompanhado. Por fim, porque sabia que *“Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida pelos seus amigos¹⁸”*, Ele irá até ao limite do amor, abrindo assim à humanidade o caminho do verdadeiro amor.

Algumas horas antes, Ele tinha-Se dado aos Seus discípulos *“sob a forma mais humilde que existe: o pão e o vinho¹⁹”*. Tudo o que, dia após dia, tinha dado aos Seus, de atenção desinteressada e de dedicação incondicional, tudo o que fazia o Seu ser, a Sua carne e o Seu sangue, Ele tinha-lhes dado assim, para que no futuro aqueles que se alimentassem da Sua carne e do Seu sangue pudessem amar como Ele os tinha amado²⁰. Modelo e alimento de amor, Jesus revelaria, assim, a profundidade do Amor trinitário onde cada uma das Pessoas divinas só existe, dando-se. Retomando uma imagem

¹⁷ Cf. Jo 13,23; 19,26; 20,2.8;21,7.20.

¹⁸ Cf. Jo 15,13.

¹⁹ J.Guillet, «Jésus-Christ dans notre monde», op. cit.

²⁰ “A questão decisiva, quanto à sexualidade, não se coloca a partir da moral, mas a partir da Eucaristia. E ela centra-se nisto: O que é o amor? Não é um assunto de legislação e de limites; é a verdade do ser que está em causa; e não a partir desta ou daquela ideia ou princípio, mas deste Corpo que é alimento” (M.Bellet, *La chose la plus étrange*, Desclée de Brouwer, Paris, 1999).

bíblica bem conhecida, não se hesitaria a ver n'Ele o Esposo, vindo selar com o Seu sangue as núpcias eternas, para que o amor humano se torne verdadeiro sinal do Amor de Deus²¹. Ele que não tinha conhecido a alegria das núpcias, nem a paternidade carnal, tornar-Se-á o novo Adão, esposo da nova Eva.

Porque sabia como nenhum outro o que é o Amor, Jesus fará prova igualmente de uma grande misericórdia e de uma grande ternura em relação àqueles que conheciam o fracasso ou as dificuldades no plano conjugal²². Muito severo relativamente àqueles que se aproveitavam da promessa de Deus em proveito próprio, ele seria cheio de atenções para com aqueles cujas provas da vida conjugal tinham conduzido, por vezes, ao desespero. Ele sabia que, mais que outros, eles tinham necessidade de serem libertados da culpa a que os condenava o legalismo dos seus compatriotas e do desespero de nunca mais poderem acreditar no amor. A esses Jesus lembrará que a promessa de Deus habita os mais desafortunados. Mesmo na provação e no fracasso, é preciso nunca duvidar da promessa divina ligada à existência do casal. Pois é mesmo disso que se trata: de uma Promessa ligada à ordem da Criação e de uma Esperança enraizada na prédica d'Aquele que veio lembrar que nada é impossível a Deus. É, aliás, assim que Jesus conclui o conjunto do ensinamento onde se encontra o Seu apelo a viver a indissolubilidade: *“Aos homens é impossível, mas a Deus tudo é possível”*²³.

²¹ Cf. Jo 3,29; Mt 9,15. Do princípio ao fim, o livro do Apocalipse une igualmente a visão do Cordeiro imolado em sacrifício (5,6) e a da noiva purificada pelo sangue, a nova Jerusalém, a Igreja santa (19,7; 21,9). De forma diversa, o autor da Carta aos Efésios lembra que Cristo amou a Igreja como um homem ama a sua esposa, e que Se *“entregou por ela”* (Ef 5,25ss). A tradição cristã não cessará de contemplar estas imagens e de explorar o seu sentido, para aprofundar o mistério da união dos esposos em Cristo ou o da virgindade consagrada ao Senhor.

²² Cf. Lc 7,36-50; Jo 8,1-11, etc.

²³ Cf. Mt 19,26; cf. X. Lacroix, *L'Avenir, c'est l'autre*, op.cit.

Há um outro aspecto da castidade. Porque nós aceitamos não ser donos da nossa vida, aprendemos a não desesperar da graça de Deus e a nunca fechar a porta ao perdão ou à reconciliação possíveis. Ora, mais que outras realidades, o casamento é o lugar onde o homem e a mulher podem fazer essa experiência. Mas, mais que qualquer outro domínio da vida humana, é também o lugar onde a dificuldade – e por vezes mesmo a recusa – de acreditar na graça criadora do amor de Deus pode ser mais trágica e mais dolorosa. Ser casto é, então, abrir-se a um futuro de amor e de perdão que tudo parece tornar impossível.

Há quem mostre que a castidade diz respeito à forma de viver a sua história como a construção dos seus sentimentos, pois *“não é casta uma amizade ou um amor que se constrói de modo a absorver o outro; não é casta uma vida que procura fugir de todo o prazer²⁴, não é casta uma vida sexual que recusa a alteridade do tempo, não tolerando as demoras da evolução do outro e de si próprio ou evitando todo o compromisso; não é casta uma paternidade que utiliza a criança para saturar o desejo, etc.²⁵”*

Por fim, para o cristão, a castidade é, principalmente, uma das formas de participar na Eucaristia. Comungando a carne e o sangue de Cristo, o cristão sabe, com efeito, que a sua relação com a carne nunca mais será a mesma. No seguimento d’Aquele que Se entregou totalmente, ele sabe também que não há outra vocação senão a de se entregar e se deixar purificar pelo Amor de Deus, para que, por sua vez, Ele se torne para cada um dos seus irmãos pão e alimento²⁶.

²⁴ “Efectivamente, este, na medida em que faz perder momentaneamente o domínio da vontade, é lembrança do não poder do sujeito” (X.Thévenot, op.cit).

²⁵ Ibid.

²⁶ X.Lacroix, *Le corps de chair*, op. cit. “Acrescentemos que se a adesão eucarística enriquece e confirma o valor da união carnal, ela vem também “recolocá-la no seu lugar”, incitando a não sobrevalorizar a sua importância. Ao encontro de certas absolutizações do coito ou exaltações românticas da relação amorosa, é preciso saber dar lugar à consciência dos limites da união carnal e ter a audácia de afirmar que a comunhão eucarística é ainda mais forte, mais real mesmo, atingindo os corações e os corpos no seu centro mais íntimo. Ainda mais forte aí

B. QUESTÕES PARA A REFLEXÃO EM CASAL E PARTILHA EM EQUIPA

Apresentamos seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão ao longo do mês e posterior debate em equipa:

- É o celibato um estado superior ao matrimónio?
- Que complementaridades vemos entre o celibato consagrado e o matrimónio?
- O que há neles de comum? Como podem ser lugares de uma mesma graça ?
- A castidade: Estamos esclarecidos sobre o significado desta palavra?
 - De que forma ela humaniza a sexualidade?
 - Como favorece o perdão?
 - Como pode ela levar a uma maior comunhão e amor?

C. SUGESTÕES PARA UM DEVER DE SE SENTAR

Depois da leitura do texto de meditação e da oração partilhada sobre o mesmo, façam um pequeno silêncio e só depois iniciem o diálogo:

- Que imagem temos da castidade? Que lugar ocupa na nossa vida de casal?

é a comunhão não só com Cristo, mas dos membros de Cristo entre eles. O orgasmo não é clímax das relações humanas. O ponto mais alto da união interpessoal é a comunhão n'Aquele que salva as nossas uniões humanas dos seus limites e das suas ambiguidades.”

- Castidade e perdão: já experimentámos a presença de Cristo no nosso casal ou, pelo contrário sentimo-nos abandonados? Em que circunstâncias?
- Castidade e Eucaristia : vivemos a nossa vida de casal como uma Eucaristia, quer dizer como um dom total de si próprio e do outro, como uma acção de graças?

D. TEXTO PARA A ORAÇÃO EM EQUIPA

«Seguiam com Ele grandes multidões, e Jesus voltando-se para elas disse-lhes:

“Se alguém vem ter comigo e não me tem mais amor que ao seu pai, à sua mãe, à sua esposa, aos seus filhos, aos seus irmãos, às suas irmãs e até à própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não tomar a sua cruz para me seguir não pode ser meu discípulo.”»

Lc 14,25-2

CAPÍTULO IV. PAULO, O INCOMPREENDIDO

7ª REUNIÃO: *“O poder do Ressuscitado dá (ao homem e à mulher) a força para vencer o pecado que ensombra todo o amor e perverte as relações mais nobres, até mesmo com o próprio corpo.”*

A. TEMA

A acreditar no que se diz habitualmente dele, Paulo teria tido uma visão extremamente negativa da sexualidade. Entusiástico partidário do celibato e da continência, teria contribuído bastante para desvalorizar a sexualidade, ponto de vista, digamo-lo de imediato, que é mais frequente nos seus comentadores do que no seu. Para dar conta das grandes linhas do pensamento de Paulo, vamos então percorrer as principais passagens das cartas onde ele aborda estes assuntos.

Ao longo do nosso percurso, não esqueceremos os casais e as mulheres que ocupam nas cartas de Paulo um lugar importante: pensemos em Priscila e Áquila, um casal que trabalhou com Paulo em Coríntio e Éfeso, e que ele designou como *“colaboradores em Jesus Cristo¹”*. Não esqueçamos Evódia e Sintique que trabalharam em Filipos², ou Febe, que Paulo apresenta como *“diaconisa”* na igreja de Cêncreas.³

De Júnia e Andrónico, Paulo diz igualmente que são *“apóstolos notáveis⁴”*, acrescenta que pertenceram a Cristo antes dele, enquanto reconhece a Maria, Trifena, Trifosa e Pérside que *“se afadigaram pelo Senhor⁵”*.

¹ Cf. Rm 16,3.

² Cf. Fl 4,2.

³ Cf. Rm 16, 1-2.

⁴ Cf. Rm 16,7.

⁵ Cf. Rom 16,6. 12.

Enfim diferentes!

A reputação anti-feminista de Paulo já não é preciso construí-la. Ela tornou-se, com o tempo, uma evidência. Considerado responsável por ter imposto às mulheres a obrigação do silêncio nas assembleias⁶, ou de as ter sujeitado aos homens⁷, Paulo é acusado de ter posto fim aos avanços “*feministas*” do Evangelho! Na realidade, as coisas não são tão simples. Assim, na Carta aos Gálatas, onde ele responde aos cristãos que defendiam um retorno à Lei, Paulo proclama a abolição de todas as desqualificações de ordem étnica, religiosa ou sociológica admitidas no seu tempo. Ele escreve então aos seus leitores: “*É que todos vós sois filhos de Deus em Cristo Jesus, mediante a fé; pois todos os que fostes batizados em Cristo revestistes-vos de Cristo mediante a fé. Não há judeu nem grego, não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus*”⁸.

Sem dúvida, não medimos a novidade desta afirmação de Paulo que punha fim aos privilégios religiosos do Judeu, políticos do “*cidadão*” e sociais do “*homem*”. Pois, face à Lei de Moisés, o Judeu gozava de um estatuto diferente do pagão, o cidadão do escravo, o homem do da mulher. Temos como ilustração esta oração que alguns judeus pronunciam ainda hoje: “*Bendito seja Aquele que não me fez goy (pagão), nem mulher, nem ignorante*⁹, *pois os goyim são nada diante de Ti, porque a mulher não suporta observar os mandamentos, porque os ignorantes não temem pecar*”. Encontramos uma tripla bênção parecida em Diógenes Laerco, um historiador grego do século III A. C. Mas trata-se, aqui, de agradecer a Fortuna: “*Em primeiro lugar nasci humano e não animal; depois nasci homem e não mulher; em terceiro lugar, nasci grego e não bárbaro.*”

⁶ Cf. 1Cor 14,34 ss.

⁷ Cf. Ef 5,25 ss.

⁸ Cf. Gl 3, 26-28; seria necessário, na realidade, traduzir: “nem varão nem fêmea”, alusão evidente ao Gênesis 1,27.

⁹ No Talmude da Babilônia: escravo.

Eis o que mostra bem onde reside a novidade da reflexão de Paulo e a sua importância: por causa do que ele realiza no coração humano, o baptismo abole os privilégios e os papéis atribuídos pela religião e pela sociedade. Enquanto que a humanidade antiga, submetida ao domínio do pecado, estava cindida em grupos antagónicos, a humanidade salva caracteriza-se, por isso, por uma perfeita igualdade de direitos entre os homens e as mulheres. Pelo Seu sangue vertido na cruz, Cristo pôs fim, efectivamente, à ruptura original que tinha conduzido à dominação do homem sobre a mulher e à sua alienação mútua¹⁰.

Mas a abolição das relações de força não implica um nivelamento das diferenças ou uma supressão da alteridade. É mesmo o contrário, pois se as consequências do pecado que pesavam sobre o homem e a mulher – faziam da diferença uma concorrência – foram potencialmente elevadas, é para que o homem e a mulher possam finalmente existir pelo seu consentimento na diferença reconhecida¹¹. Em Jesus Cristo, não só a diferença entre o homem e a mulher não é apagada, como até é restaurada para que o homem e a mulher voltem a ser juntos o sinal privilegiado da forma como Deus ama.

Quererá isto dizer que o homem e a mulher estão protegidos contra o risco da inveja e da vontade de dominar? Claro que não, mas o poder do Ressuscitado dá-lhes o poder de resistir ao pecado que ensombra qualquer amor e perverte as relações mais nobres, até mesmo com o próprio corpo. É este tema que Paulo aborda na 1ª carta aos Coríntios.

¹⁰ Cf. Gn 3,16.

¹¹ O que Paulo não diz nesta passagem da Carta aos Gálatas, a história encarregar-se-á de lho fazer dizer. Efectivamente, numa sociedade pouco dada à miscigenação social e religiosa, muitas dificuldades surgirão rapidamente e Paulo terá de intervir para tratar das questões práticas como o uso do véu (1 Cor 11, 2-16) ou da intervenção das mulheres nas celebrações (14,34-36). São essencialmente estas duas intervenções, aliás, que valerão a Paulo ser apelidado de misógino. Reconhecer-se-á, então, a natureza pastoral das regras que ele preconizava. Esquecer-se-á, sobretudo, que uma teologia da diferença atravessa o conjunto da obra de Paulo, “teologia da identidade contra a fusão, do separado contra o indiferenciado, teologia da alteridade contra um nivelamento igualitarista” (A. Marguerat).

O Corpo reencontrado

Dois perigos ameaçavam os cristãos de Corinto: a imoralidade e o ascetismo. Existia mesmo a expressão – *“viver à maneira coríntia”* (Korinthiazein) – que evocava a libertinagem reinante na cidade de Corinto. Os opositores deste modo de vida defendiam um ascetismo rigoroso, desconfiando da vida sexual que julgavam pouco compatível com a santidade necessária aos discípulos de Cristo. Outros cristãos julgavam, pelo contrário, que o corpo, comparado com as realidades espirituais, não tem nenhum valor, que é perecível e que, por isso, se pode usá-lo com toda a liberdade. É a este segundo grupo que Paulo se dirige no capítulo 6, da 1ª Carta aos Coríntios. Numa passagem que diz respeito essencialmente à frequência das prostitutas, convida os seus leitores a não confundirem libertinagem com desprezo pelo corpo. Ele relembra que o acto sexual compromete a pessoa no seu todo e que o corpo do homem não pode ser reduzido ao estado de simples instrumento¹².

«Tudo me é permitido», mas nem tudo é conveniente. «Tudo me é permitido», mas eu não me farei escravo de nada.

Os alimentos são para o ventre, e o ventre para os alimentos, e Deus destruirá tanto aquele como estes. Mas o corpo não é para a impureza, mas para o Senhor, e o Senhor para o corpo. E Deus, que ressuscitou o Senhor, há-de ressuscitar-nos também a nós, pelo seu poder.

Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Iria eu, então, tomar os membros de Cristo para fazer deles membros de uma prostituta? Por certo, não! Ou não sabeis que aquele que se junta a uma prostituta, torna-se com ela num só corpo? Pois, como diz a Escritura: “Serão os dois uma só carne. Mas quem se une ao Senhor, forma com Ele um só espírito. Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que o homem cometa é exterior ao seu corpo, mas quem se entrega à impureza, peca contra o seu próprio corpo.

¹² Anteriormente, Paulo tinha já convidado os cristãos de Tessalónica a usarem a sexualidade “com santidade e respeito, sem se deixarem levar pela paixão como as nações que não conhecem Deus” (1Tes 4, 3-5).

*Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, porque o recebestes de Deus, e que vós já não vos pertenceis? Fostes comprados por um alto preço! Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo*¹³.»

Esta passagem começa por um adágio que certos cristãos de Corinto deviam utilizar para justificar a sua conduta: “*Tudo me é permitido*”. Sustentando que o crente é livre de tudo fazer, porque ele está acima das contingências materiais, ou que o que é corporal é desprezível porque só conta o espírito, estes cristãos apoiavam-se provavelmente numa compreensão errónea do ensino de Paulo, quanto ao tema da liberdade cristã. Ora que faz Paulo? Admite a fórmula dos Coríntios: “*Tudo me é permitido*”; depois corrige com duas restrições das quais precisa o sentido: “*Mas nem tudo é conveniente; mas eu não me farei escravo de nada.*”

A primeira restrição deve ser interpretada à luz de outra passagem onde Paulo afasta qualquer interpretação individualista da liberdade para ensinar que a verdadeira liberdade está ao serviço da edificação da comunidade¹⁴. A segunda restrição devemos aproximá-la do final da argumentação de Paulo: “*Comprados por alto preço*”, pois o cristão não deve cair em nenhuma escravatura, nem da lei, nem do pecado, nem de quem quer que seja. De que valeria uma liberdade que conduzisse por fim a uma escravatura do deboche?

Segue-se um desenvolvimento em que Paulo opera uma distinção entre o ventre para onde vão os alimentos que são perecíveis e o corpo que não se pode reduzir a um mero instrumento. Para Paulo, que defende a unidade da pessoa humana, o homem tem, por isso, não só um corpo, mas um corpo pelo qual entra em relação consigo mesmo e com os outros. Por este facto, aquele que usa o seu corpo como um instrumento engana-se; é especialmente o caso daqueles que pensam não comprometer a totalidade da sua pessoa, quando frequentam prostitutas. Uma distinção fundamental aparece, assim, entre o corpo que se reduz à aparência exterior ou ao funcionamento genital, e o corpo que se reconhece como sinal de uma presença, em último caso, misteriosa.

¹³ Cf. 1 Cor 6, 12-20.

¹⁴ Cf. 1 Cor 10, 23-24.

Para traduzir esta diferença, Paulo distingue o “*corpo para o deboche*” e “*corpo para o Senhor*”. No primeiro caso, o corpo é instrumentalizado. No segundo caso, torna-se lugar de uma relação e de uma presença por causa da qual se reconhece que o que dá sentido ao corpo não nos pertence. É o que Paulo explica, quando, após ter escrito aos Coríntios que eles são, pelo seu corpo, “*membros de Cristo*”, acrescenta: «*Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, porque o recebestes de Deus, e que vós já não vos pertenceis?*»

Na ilusão de crer que seria inconsequente comprometer o seu corpo numa relação sexual que seria puramente carnal, Paulo acrescenta aqui um elemento de outra dimensão: “*templo do Espírito Santo*”, o corpo é habitado pela presença divina que deve revelar ao mesmo tempo que deve aprender a reconhecer. Eis porque a sexualidade não pode ser reduzida a uma simples função biológica como a alimentação. Eis a razão pela qual também o deboche é, em primeiro lugar, um pecado contra o corpo, pois atinge a dignidade do corpo ao não reconhecer que ele é feito para o Senhor, por isso prometido à Ressurreição.

Compreendemos agora que não há em Paulo desprezo pela sexualidade, mas recusa de uma “*sexualidade instrumentalizada*”¹⁵. Ora negando o corpo como presença divina é, em última análise, o Senhor que é recusado; ora Ele é Aquele que permite a relação com o seu próprio corpo ou com o corpo do outro. Considerando que a verdadeira liberdade é a de colocar-se ao serviço do único Senhor que pode tornar livre, Paulo pode então concluir: “*Glorificai, pois, a Deus no vosso próprio corpo.*” Como? Deixando o Espírito de Cristo e a Sua obra desenvolver-se em todos os aspectos da existência humana para que cada um cresça em liberdade e em amor. É o que Paulo exprime na sua Carta aos Gálatas: “*Estou crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.*”

¹⁵ E.Fuchs, «Le désir et la tendresse», op. Cit..

Matrimónio ou celibato?

Por oposição àqueles que conduziam uma vida de deboche e defendiam uma vida sexual liberta de todas as limitações, outros membros da comunidade de Corinto consideravam que decorria da Fé renunciar a qualquer tipo de vida sexual. Alguns deles encararam mesmo, ao que parece, separar-se do seu cônjuge para adoptar o celibato. Pensavam, assim, manifestar melhor a sua pertença a Cristo. Este assunto, bem como o da abstinência sexual ou outras questões práticas, foi objecto de uma carta que tinham enviado a Paulo onde eles o interrogavam: Como preparar-se para a vinda do Senhor quando se é casado, celibatário, noivo ou viúvo? Como viver a sua sexualidade, quando tomamos consciência de estarmos prometidos a uma outra vida e a laços diferentes daqueles que conhecemos?

A estas questões, Paulo responde no capítulo 7 da 1ª Carta aos Coríntios, lançando-se num tratado sobre a família ou sobre a sexualidade; e as suas respostas têm um carácter essencialmente pastoral. Esclarecendo o que vivemos, talvez descubramos aí uma outra maneira de abordar o pensamento de Paulo. Constatando que a sua visão da sexualidade e do casamento não se compreende realmente senão à luz da sua fé na Ressurreição e da sua espera do regresso de Cristo, deveríamos, sem dúvida, rever certos preconceitos quanto ao famoso desprezo de Paulo perante a sexualidade.

“Mas a respeito do que me escrevestes, penso que seria bom para o homem abster-se da mulher. Todavia, para evitar o perigo da incontinência, que cada homem tenha a sua mulher e cada mulher o seu marido. O marido cumpra o seu dever conjugal para com a sua esposa, e a sua esposa faça o mesmo para com o seu marido. A esposa não pode dispor do seu próprio corpo, mas sim o marido; do mesmo modo, o marido não pode dispor do seu próprio corpo, mas sim a esposa. Não vos recuseis um ao outro, a não ser de mútuo acordo e por algum tempo, para vos dedicardes à oração; depois, voltai de novo um para o outro, para que Satanás não vos tente devido à vossa incapacidade de autodomínio. Digo isto como concessão e não como ordem. Desejaria que todos os homens fossem

*como eu, mas cada um recebe de Deus o seu próprio carisma, um de uma maneira, outro de outra*¹⁶.”

Esta passagem é particularmente representativa da maneira como Paulo reage, como pastor, às questões que lhe são colocadas. Àqueles que o haviam interrogado sobre o bem fundado na abstinência sexual, Paulo começa por responder que ela é um ideal que ele se esforça por praticar e que gostaria que todos a praticassem. Mas sabe bem que este ideal não é fácil de viver; necessita uma graça, um dom especial de Deus. De mais a mais, a busca do melhor pode prejudicar, por vezes, o bem real que é o casamento. Também, após ter afirmado que “...*seria bom para o homem abster-se da mulher*”, Paulo acrescenta: “*Todavia, para evitar o perigo da incontinência, que cada homem tenha a sua mulher e cada mulher o seu marido.*”

Persuadido que a abstinência é em si preferível, Paulo faz aqui prova de grande sabedoria pastoral, pois ele sabe que se o homem e a mulher não encontram a plenitude no seu uso legítimo do casamento, arriscam-se a procurarem-na na frequência das prostitutas ou, ainda, de qualquer outra maneira. Paulo formula, assim, uma regra pastoral muito simples mas fundamental: nunca se deve fazer prevalecer de maneira absoluta um princípio, mas é preciso sempre mostrar-se atento ao que é possível viver. Isto é tanto mais importante sobretudo no domínio da sexualidade, segundo o adágio bem conhecido de Pascal, “*Quem se quer passar por anjo, faz-se animal*¹⁷.”

Àqueles que estão casados, Paulo lembra depois os direitos e os deveres recíprocos dos cônjuges pois, no casal, cada um pertence ao outro e não pode, por isso, só, decidir romper a união sexual. Paulo tem consciência de que um ascetismo não reflectido, não consentido pelos dois cônjuges pode conduzir ao deboche. É por isso que ele não hesita em fazer da relação mútua, no interior do casal, o primeiro critério de discernimento em matéria de abstinência sexual:

¹⁶ Cf. 1 Cor 7, 1-7.

¹⁷ Referência a uma frase de Pascal “L’homme n’est ni ange ni bête, et le malheur veut que qui veut faire l’ange fait la bête». O Homem não é nem anjo nem besta e, por infelicidade, quem se quer passar por anjo mostra-se animal (N.T.).

“Não vos recuseis um ao outro, a não ser de mútuo acordo e por algum tempo, para vos dedicardes à oração; depois, voltai de novo um para o outro, para que Satanás não vos tente devido à vossa incapacidade de autodomínio¹⁸.”

Encontramos aqui a prudência de Paulo em relação a perigosas pesquisas místicas que poderiam conduzir um dos cônjuges a procurar noutro sítio o que não encontra no casal. Mas esta prudência é acompanhada de um ensinamento radicalmente novo: *“A esposa não pode dispor do seu próprio corpo, mas sim o marido; do mesmo modo, o marido não pode dispor do seu próprio corpo, mas sim a esposa¹⁹.”* Face à lei judaica em que a mulher pertencia ao homem, e não o homem à mulher, Paulo afirma então que os laços conjugais são lugares maiores onde, na dependência mútua, se experimenta a pertença de um ao outro. Em resumo, no interior do casal uma perfeita simetria de direitos e de deveres deve existir entre o homem e a mulher.

Seguem-se uma série de questões concretas. Paulo aborda-as, fundamentando-se numa tese que dá colorido ao seu raciocínio: *“...mas cada um recebe de Deus o seu próprio carisma, um de uma maneira (seja o casamento), outro de outra (seja o celibato)²⁰.”* Como Jesus, Paulo considera, por isso, que o casamento e o celibato são um dom, um carisma de Deus²¹. É a razão pela qual ele aconselha aos membros não casados da comunidade a permanecerem no seu estado: *“Aos solteiros e às viúvas digo que é bom para eles ficarem como eu²². Mas, se não podem guardar continência, casem-se; pois é melhor casar-se do que ficar abrasado²³.”* Eis outro exemplo do realismo de Paulo que aconselha àquele que não pode permanecer no celibato para não se obstinar, como se o celibato representasse uma via superior. Quanto àqueles que veriam no casamento, tal como é aconselhado aqui, um mal

¹⁸ Cf. 1 Cor 7,5.

¹⁹ Cf. 1 Cor 7,4.

²⁰ Cf. 1 Cor 7,7.

²¹ Passamos aqui do plano natural, onde o pensamento judaico se situava ainda, fazendo do celibato uma infelicidade e do casamento uma obrigação, no plano vocacional.

²² Cf. 1 Cor 7,8.

²³ Cf. 1 Cor 7,9.

menor para os cristãos que não têm a força de permanecerem na continência e no celibato, que não esqueçam o que Paulo acaba de escrever sobre o tema da diversidade dos dons de Deus!

O sinal de que Paulo não despreza, de forma alguma, o casamento aparece precisamente no versículo seguinte onde se refere ao ensinamento de Jesus: *“Aos que já estão casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido; se, porém, está separada, não se case de novo, ou então, reconcilie-se com o marido; e o marido não repudie a sua mulher”*²⁴. Ao encontro daqueles que esperavam mais liberdade em relação ao repúdio, Paulo opõe aqui uma recusa categórica que afirma vir do Senhor. Paralelamente, àqueles que se tinham separado do seu cônjuge ou o tivessem desejado fazer – com efeito, Paulo fala principalmente para as mulheres e é extremamente discreto em relação aos homens –, propõe apenas duas soluções: ou permanecer sem se casar, ou reconciliar-se. Isto é declarar implicitamente que os laços do casamento são indissolúveis, e que só podem ser rompidos pela morte. Neste caso, Paulo não vê, aliás, impedimento a que o cônjuge sobrevivente volte a casar. Simplesmente, como escreverá mais adiante, pede ao segundo marido – pois trata-se sempre de mulheres! – que *“seja no Senhor”*²⁵.

Há, ainda, o caso dos casamentos onde um dos cônjuges se converteu e recebeu o batismo, enquanto o outro permaneceu não crente. Na opinião de Paulo, se a mulher ou o marido não crente consentem em continuar a viver com aquele que se tornou crente, o cônjuge não pode repudiar aquele que permaneceu pagão. No caso inverso, se o cônjuge não cristão recusa continuar a viver com a sua esposa ou o seu esposo cristão, este último não deve fazer nada para impedir a separação. É o famoso *“privilégio Paulino”*²⁶:

“Se algum irmão tem uma esposa não crente e esta consente em habitar com ele, não a repudie. E, se alguma mulher tem um marido não crente e este consente em habitar com ela, não o repudie.

²⁴ Cf. 1 Cor 7, 10-11.

²⁵ Cf. 1 Cor 7, 39.

²⁶ Cf. 1 Cor 7, 15-16.

Pois o marido não crente é santificado pela mulher, e a mulher não crente é santificada pelo marido; de outro modo, os vossos filhos seriam impuros, quando na realidade são santos. Mas se o não crente quiser separar-se, que se separe, porque, em tais circunstâncias, nem o irmão nem a irmã estão vinculados. Deus chamou-vos para viverdes em paz. Com efeito, ó mulher, sabes se podes salvar o teu marido? E tu, ó marido, sabes se podes salvar a tua mulher²⁷?”

Uma vez mais, Paulo faz, por isso, prova de um grande realismo. Desconfiando de uma espiritualidade demasiado heróica, convida o membro cristão do casal a respeitar a liberdade do cônjuge. Ao mesmo tempo, ele não esquece que é *“para viver em paz”*²⁸ que Deus nos *“chamou”*. Em poucas palavras, a ninguém é pedido o impossível! Neste contexto, uma dimensão do casamento aparece, contudo, pela primeira vez: a santificação. Pela graça do baptismo, o casamento torna-se, com efeito, lugar da santificação mútua dos esposos, e mesmo a santificação do cônjuge não crente pelo cônjuge crente.

Segue-se uma exortação onde, por três vezes, Paulo recomenda aos Coríntios para permanecerem no estado de vida que tinham antes de se tornarem cristãos: *“continue cada um a viver na condição que o Senhor lhe atribuiu e em que²⁹ se encontrava quando foi chamado.”* Situada no centro deste raciocínio, esta recomendação visava aqueles que, no seguimento da sua adesão a Cristo, fossem tentados, como já vimos, a mudar de vida para perseguirem um ideal de vida mais ascético. À sua maneira, Paulo lembra que o essencial da vida cristã não reside em escolhas extraordinárias, mas na maneira de viver o melhor possível a sua situação presente. Quer se seja

²⁷ Cf. 1Cor 7,12-16. Para compreender melhor esta observação de Paulo sobre os filhos, é preciso não esquecer que a santidade tem aqui uma dimensão social. Ao escrever *“de outro modo, os vossos filhos seriam impuros, quando na realidade são santos”*, Paulo quer dizer que, graças ao seu laço com um membro de Cristo, os filhos pertencem de uma certa maneira ao povo daqueles que foram resgatados por Cristo.

²⁸ Cf. 1 Cor 7,15.

²⁹ Cf. 1 Cor 7,17.20.24.

casado ou não, é na nossa condição, livremente assumida, que devemos esforçarmo-nos para realizar a nossa vocação.

A isto junta-se o facto de que a preocupação com a sua esposa ou com o seu marido torna necessariamente o homem e a mulher casados menos disponíveis que os celibatários. É o que Paulo desenvolve seguidamente numa passagem onde se vê bem as suas preferências: *“Eu quisera que estivésseis livres de preocupações. Quem não tem esposa, cuida das coisas do Senhor, como há-de agradar ao Senhor. Mas aquele que tem esposa, cuida das coisas do mundo, como há-de agradar à mulher e fica dividido. Também a mulher não casada, tal como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa de corpo e de espírito. Mas a mulher casada cuida das coisas do mundo, como há-de agradar ao marido³⁰.”*

Para Paulo, com efeito, o celibato só é desejável, porque permite consagrar-se totalmente ao Senhor, a única coisa que importa.

Abordando depois a questão dos noivos, Paulo lembra o que tinha afirmado anteriormente: *“Permaneça cada um na condição em que se encontrava, quando foi chamado³¹.”* Uma vez mais, Paulo insiste igualmente para que nenhuma limitação, nem exterior nem interior, se exerça sobre aquele que se questiona sobre o que há-de fazer:

“Se alguém, cheio de vitalidade, receia faltar ao respeito à sua noiva e pensa que as coisas devem seguir o seu curso, faça o que lhe parecer melhor. Não peca; que se case. Mas se alguém tomou a firme resolução no seu coração, sem constrangimento e no pleno uso da sua vontade, e resolve no seu foro íntimo respeitar a sua noiva, fará bem. Portanto, aquele que desposa a sua noiva faz bem; e quem a não desposa ainda faz melhor³².”

Posto de lado o facto de Paulo devolver cada um à sua liberdade, posto de lado o facto também de ele frisar que não se peca casando – mesmo se *“quem não desposa ainda faz melhor”*, pois não

³⁰ 1 Cor 7,32-34.

³¹ Cf. 1 Cor 7,20.

³² Cf. 1 Cor 7,36-38.

estará partilhado entre a preocupação dos assuntos do Senhor e os do mundo –, observar-se-á o lugar determinante que ocupa o coração na decisão de manter o celibato. É, sem dúvida, sinal que uma tal resolução não pode ser motivada por simples considerações exteriores, mas deve apoiar-se num discernimento para o qual o conhecimento de si mesmo e a experiência espiritual devem concorrer.

Falta tratar a situação dos viúvos e das viúvas: Poderão eles voltar a casar ou não? Nada o impede, cabendo a cada um discernir onde o conduz a sua próprio vocação. Porém para Paulo – mas trata-se de uma opinião pessoal –, a viuvez é preferível a um novo casamento: *“A mulher permanece ligada ao seu marido enquanto ele viver. Se, porém, o marido vier a falecer, fica livre para se casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor. Todavia, na minha opinião, será mais feliz, se permanecer como está. Julgo que também eu tenho o Espírito de Deus³³.”*

Que concluir desta leitura do capítulo 7 da 1ª Carta aos Coríntios? Que não é legítimo, como foi feito frequentemente, procurar aí em primeiro lugar um ensinamento sobre os valores respectivos do casamento e do celibato. Efectivamente, como vimos, o ensinamento de Paulo caracteriza-se essencialmente pela sabedoria espiritual e pastoral, bem como pelo facto de, salvo indicação em contrário, Paulo aconselhar a não mudar de estado de vida³⁴. Isto explica-se pelo facto de, preocupado como estava em preparar os seus leitores para o regresso de Cristo, Paulo só ter um objectivo: convidar cada um a discernir o que *“convinha mais”* à sua vocação e lhe permitiria estar ligado *“ao Senhor, sem partilha”*.

Compreendemos, então, que Paulo tenha podido considerar o celibato como um bem a procurar e a perseguir. Porquê? Porque aquele que o escolhia se encontrava livre das preocupações do mundo ou das inquietações que são inerentes ao estado de casado, e que podia, por esse facto, consagrar-se totalmente ao Senhor. A esta questão de ordem prática juntava-se outra de ordem teológica: o celibato escolhido significava a transcendência do Reino de Deus

³³ Cf. 1 Cor 7,39-40.

³⁴ Cf. 1 Cor 7,8.17.20.24.27.

relativamente ao mundo que passa³⁵. No concreto, portanto, é ao conjunto das situações humanas que Paulo estenderá esta perspectiva escatológica: casados, viúvos, celibatários, escravos, homens livres, ricos ou pobres, todos, porque sabem que este mundo virá a desaparecer, devem habitá-lo, como se eles verdadeiramente não fossem deste mundo. Cidadãos do mundo, eles são cidadãos do céu.

Enquanto o pensamento judaico fazia do casamento uma obrigação e considerava o celibato como uma infelicidade, Paulo dava, deste modo, pleno direito ao celibato, à virgindade, à continência. Mas não tinha necessariamente uma visão negativa do casamento. Podemos perguntar se foi o não tomar a sério a união conjugal que o conduziu a defender o celibato, como uma consequência do que ele tinha dito sobre a pertença mútua dos esposos e dos deveres recíprocos. Pois se os esposos se pertencem mutuamente, como poderão eles estar disponíveis para o serviço do Senhor?

Lamentaremos que Paulo não tenha dito de forma mais explícita que, ao amar o seu cônjuge ou os seus filhos, os esposos amavam o Senhor, e que nunca é por amar alguém que nos desviamos do Senhor, mas por amá-Lo mal (um outro autor, o da Carta aos Efésios, desenvolverá este aspecto). E se considerava que o celibato era um ideal, Paulo sabia também que era um dom de Deus e que teria sido um erro exigí-lo a todos. Eis o que mostra que não há em Paulo desvalorização da sexualidade, mas um chamamento para cada um discernir a sua verdadeira vocação, acolhendo a novidade da urgência escatológica, com as suas inevitáveis rupturas.

A “submissão” das mulheres

Excelente exemplo da forma como a tradição paulina prosseguiu a obra teológica e ética de Paulo, a carta aos Efésios caracteriza-se por um laço que ele estabelece entre união conjugal e a união de Cristo e da Igreja. A união do homem e da mulher no

³⁵ Cf. 1 Cor 7,29-31.

casamento é aí apresentada, com efeito, como o sinal por excelência da união de Cristo e da Igreja. Ao mesmo tempo, a unidade de amor entre Cristo e a Igreja está presente como o modelo dos laços conjugais, E, contudo, não há passagem na Bíblia que tenha suscitado mais incompreensões que o famoso “*Submetei-vos uns aos outros (...): as mulheres aos seus maridos*” que introduz esta passagem³⁶:

«Submetei-vos uns aos outros, no respeito que tendes a Cristo: as mulheres, aos seus maridos como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja – Ele, o salvador do Corpo. Ora, como a Igreja se submete a Cristo, assim as mulheres, aos maridos, em tudo.

Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, para a santificar, purificando-a, no banho da água, pela palavra. Ele quis apresentá-la esplêndida, como Igreja sem mancha nem ruga, nem coisa alguma semelhante, mas santa e imaculada. Assim devem também os maridos amar as suas próprias mulheres, como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. De facto, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo; pelo contrário, alimenta-o e cuida dele, como Cristo faz à Igreja; porque nós somos membros do seu Corpo.

“Por isso, o homem deixará o pai e a mãe, unir-se-á à sua mulher e serão os dois uma só carne”. Grande é este mistério, mas eu interpreto-o em relação a Cristo e à Igreja. De qualquer modo, também vós: cada um ame a sua mulher como a si mesmo; e a mulher respeite o seu marido³⁷.»

Uma primeira constatação impõe-se: três versículos somente consagrados aos deveres femininos, enquanto são sete os que dizem respeito aos deveres dos homens. Esta desproporção causa espanto. Significará que, mais que as mulheres, os maridos tinham necessidade de serem instruídos sobre os seus deveres matrimoniais?

³⁶ É verdade que a submissão a que a mulher é convidada não é mais que uma especificação à submissão a que todos, na Igreja, são convidados, homens e mulheres (“*Submetei-vos uns aos outros, no respeito que tendes a Cristo*” Ef 5,21).

³⁷ Cf. Ef 5,21-33.

A questão merece ser colocada, mas uma coisa é certa: o autor desta passagem parece primeiramente dirigir-se aos homens. É por isso que, de uma forma astuciosa, ele começa por lembrar às mulheres que devem submeter-se aos maridos. Porquê? Porque uma prédica que tivesse proclamado o fim da submissão da mulher não teria sido escutada pelos homens! Ao enunciar, em primeiro lugar, o que era admitido por todos, o autor desta passagem sabia que não chocaria ninguém e que o seu auditório, conquistado, escutaria a continuação.

Ora é aí que tudo muda: deixando de lado as prerrogativas masculinas, o autor apenas se dirige aos maridos, centrando-se nas suas obrigações muito mais exigentes, ao que parece, do que das suas esposas:

“Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, para a santificar, purificando-a, no banho da água, pela palavra. Ele quis apresentá-la esplêndida, como Igreja sem mancha nem ruga, nem coisa alguma semelhante, mas santa e imaculada. Assim devem também os maridos amar as suas próprias mulheres, como o seu próprio corpo. Quem ama sua mulher, ama-se a si mesmo. De facto, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo; pelo contrário, alimenta-o e cuida dele, como Cristo faz à Igreja; porque nós somos membros do seu corpo”³⁸.”

Eis onde reside a novidade do Evangelho: os maridos devem entregar-se às suas mulheres como Cristo Se entregou pela Igreja³⁹. Se ele não contesta, à primeira vista, uma situação cultural onde uma posição de autoridade era reconhecida ao homem, o autor desta carta mostra que o primado do homem se torna em Cristo um primado de amor, em oposição aos abusos a que a sua situação de chefe conduzia os maridos. O amor, a exemplo de Cristo, torna-se fundamento de exigência para os maridos se darem totalmente às suas mulheres.

³⁸ Ef 5, 25-28.

³⁹ A imagem é bela, mas tem os seus limites: identificar sem “*nuances*” o marido a Cristo e a mulher à Igreja poderia conduzir, efectivamente, a pedir à mulher que adorasse o seu marido! É bem o sinal que se trata apenas de uma imagem. Da mesma forma, o marido não é o *salvador* da sua mulher; só Cristo é o salvador.

Não sem uma nota de humor, mas com uma grande pertinência, France Quéré comenta, assim, esta cena: *“Aqueles que não tinham compreendido o vocabulário apostólico abriram os olhos; o homem deve proteger a sua mulher, embelezá-la, torná-la pura, visar o seu crescimento e a sua felicidade, imitar, numa palavra, o modelo do perfeito Cristo. Tal empresa implica esquecer-se das ambições e dos prazeres pessoais, assim como a renúncia a si próprio. O poder que conferem tais deveres leva a apagar-se o poder, em conformidade com a cruz de Cristo. De igual modo, o puro amor: ele ama não como a si mesmo, mas mais que a si mesmo. Os deveres prevalecem sobre os direitos, e os dois são conduzidos pela inquietação de amar. A palavra “**submissão**” dirigida à mulher conserva espinhas vivas? Guardá-las-ia, se a mulher se submetesse a um ser que não estivesse ele mesmo submetido. Mas não é assim. O homem inclina-se diante duma lei imperiosa tornada mais leve pela ternura. Assim, a submissão feminina torna-se uma liberdade – a de amar como se é amado⁴⁰.”*

Ao afirmar que a relação entre o homem e a mulher já não pode ser determinada pelos reflexos de superioridade, mas por uma atitude de desapossamento e de abandono, ao convidar as mulheres a respeitarem igualmente os seus maridos, o autor desta carta elevava o casamento ao nível do sacramento do amor de Cristo pela Igreja. Ao mesmo tempo, anunciava que a natureza real da união conjugal nos é revelada pelo acto de oferenda a Cristo que, entregando-Se pela humanidade, manifestou a profundidade e a grandeza do Amor de Deus. Mais do que ninguém, o autor desta carta sabia, todavia, que nesta ordem nova instaurada por Cristo cada membro do casal teria que vencer a sua própria tentação. Para a mulher, convidada a respeitar o seu esposo, tratar-se-ia de não simular uma falsa submissão e de não jogar com o seu marido, dominando-o na realidade! Quanto ao marido, atingido nas suas prerrogativas masculinas, ser-lhe-ia necessário aprender a desconfiar dos seus reflexos de domínio. Uma tal transformação das relações humanas exigia a conversão de um e de outro. Ela implicava um reconhecimento mútuo, que nenhum dos dois, no seio do casal, procurasse alienar o outro ou confiscá-lo.

⁴⁰ Fr. Quéré, «Sagesse et folie selon saint Paul» in *Homme et femme, l'insaisissable différence*, dir. X. Lacroix, Cerf, Paris, 1993.

Num contexto cultural muito diferente do nosso, onde os domínios respectivos do homem e da mulher eram muito mais definidos do que o são hoje, era, pois, pedido às mulheres, dominadoras em casa, para não abusarem do poder natural que lhes conferia a guarda da casa. Aos homens, habituados aos costumes da cidade era-lhes pedido para amar a mulher, unicamente a ela, aprendendo também a amar o mundo. Como se adivinha através deste comentário de Fr. Quéré, estas recomendações, de certo modo, não envelheceram:

«Quer seja comerciante, artesão, soldado, ou retórico, o homem deve enfrentar a força das coisas ou dos outros e vencê-la. É-lhe necessário confrontar-se com as necessidades exteriores com a espada, o ancinho e a palavra, o cálculo, qualquer que seja a arte (...) Por isso, quando volta para casa, não é preciso despojá-lo da sua identidade tão duramente adquirida, honra forjada com as suas mãos no fundo tão pouco seguras (...). Que a mulher reverencie o seu marido. O conselho é de grande alcance. Em casa, submetida a uma jurisdição diferente da cidade, todas as glórias empalidecem. Não há um grande homem para o seu camareiro, diz uma frase célebre⁴¹. Na sua casa o guerreiro está sem armas, torna-se modesto organismo incomodado pela fome, pelo sono e pelo desejo. Cada um aparece no seu estado natural. A esposa, se for necessário, presta-se ao desmantelamento do prestígio. Ela é a companheira mais próxima; o seu príncipe, ela vê-o de pijama. Quão fácil de humilhar, ou cedendo a um atrevido costume típico das mulheres, ao que parece, lançar-lhe uns remoques barulhentos!»

O conselho de Paulo é este: conservai-lhe a dignidade, não esqueçais na intimidade o papel de que a cidade o investiu. Não piseis esta imagem que faz o homem e que, no entanto, não é ele, pois trata-se unicamente de uma imagem. Respeitai a sua fragilidade, lembrai-vos que o seu universo tem necessidade deste apoio (...).

A mulher vive na esfera familiar, exclusivamente. Esta esfera é totalmente diferente. Amor, ternura, atenção, paciência são, aí, regras normais. Ela não procura conquistar; ela mantém a vida. Ela faz os seres, e não provém de um mundo concorrencial. Não há adversários debaixo do seu tecto, mas seres bem-queridos que, pelo

⁴¹ Com o sentido do ditado português: “Santos de casa não fazem milagres”.

contrário, ela quer que cresçam, mesmo que seja pelo preço do seu apagamento, e que modela segundo a regra interior do ser de cada um... A sobrevivência ficaria comprometida se ela não assegurasse diligentemente e eficazmente os serviços que exige a obra familiar. Mas educar não é dirigir. É preciso sempre um amor infinito, que faz a melhor persuasão.

É, pois, pedido ao homem para não violentar este mundo de sentimentos e de paciência, fazendo um uso desmesurado da sua autoridade e da sua força. *“Amar a sua mulher”* quer dizer entrar no mundo do amor, sem o estragar, sem lhe impor as maneiras rudes da *“ágora”*⁴², às quais não sobreviveria o sentimento delicado.

Em casa, é bom abraçar a gratuidade, a dedicação, o dom sem limite de si, com o pensamento constante da felicidade do outro. A jurisdição política não tem aqui nenhuma pertinência. Família e cidade formam duas categorias diversas. Homem e mulher encarnam--nas. A sua intimidade pressupõe adaptações delicadas e recíprocas⁴³.”

Reencontramos aqui o coração do pensamento de Paulo e da sua teologia da alteridade. Pois se o autor desta passagem devolve o marido e a mulher aos seus respectivos deveres, é para sublinhar a necessária complementaridade das suas naturezas, dos seus mundos e das suas funções. Contra o perigo dos nivelamentos igualitaristas, ele reconhece efectivamente a especificidade do homem e da mulher, ao mesmo tempo que afirma que o homem e a mulher não podem existir independentemente um do outro e que da comunhão reencontrada depende a harmonia do mundo.

Já na 1ª carta aos Coríntios, Paulo tinha afirmado: *“Todavia nem a mulher é separável do homem, nem o homem da mulher, diante do Senhor. Pois se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher e tudo provém de Deus.”*⁴⁴ Ao afirmar que não há mulher sem homem, nem homem sem mulher, Paulo reconhecia, por isso, que eles são um para o outro e um do outro, melhor, eles adquiriram a sua unidade do próprio Deus. Prolongando o pensamento de Paulo, o autor da Carta aos Efésios afirma que, porque eles são membros do corpo de Cristo, o corpo

⁴² Por referência ao grego, no sentido de coração da cidade.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Cf. 1 Cor 11,11-12.

do homem e da mulher são um só e mesmo corpo: *“Assim devem também os maridos amar as suas mulheres, como o seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. De facto, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo; pelo contrário, alimenta-o e cuida dele, como Cristo faz à Igreja, porque nós somos membros do seu corpo.”*

Membros do corpo de Cristo, o homem e a mulher só existem, por isso, se postos em relação um com outro, no reconhecimento que pertencem, diferentemente mas inseparavelmente, ao mesmo Corpo. Tal é, sem dúvida, o clímax da revelação bíblica a propósito da grandeza e profundidade das relações entre o homem e a mulher. Mas não basta dizer que nem um nem outro podem pretender bastarem-se a si próprios, visto que cada um tem necessidade do outro no qual se completa. É preciso aceitar para isso entrar no próprio mistério da morte e da ressurreição de Cristo. Realista, Paulo não tinha ilusões sobre a condição dos homens e das mulheres, e também não concebia a vida conjugal como um idílio espiritual onde nós escaparíamos ao pecado e às invejas. Ele sabia que, mais do que noutra domínio da existência, a necessidade de morrer para si mesmo, para viver em Cristo e tomar parte na Sua Ressurreição, impõe-se no casamento; e isto, em virtude do baptismo que ilumina todos os aspectos da vida cristã⁴⁵. Isso é sempre actual.

Uma aliança a reconstruir sem cessar

Com esta tela de fundo de uma comunhão reencontrada, e sempre a reconstruir, aparece o duplo combate que atravessa o conjunto dos livros bíblicos. Ele incide simultaneamente sobre uma semelhança a acolher e uma diferença a reconhecer. Semelhantes, o homem e a mulher são-no efectivamente porque, juntos, são imagem e semelhança de Deus e membros do Corpo de Cristo. Diferentes, eles são-no, porque encarnam diversamente esta identidade que lhes é comum. Mas para acolher a semelhança e a diferença que os habita, é preciso que o homem e a mulher ultrapassem a constante tentação do domínio mútuo.

⁴⁵ Cf. Rm.6,1-14.

Certos textos do Novo Testamento não serão infelizmente estranhos a esta tentação e uma leitura tendenciosa dos relatos da Criação conduzirá à ruptura da comunhão reencontrada entre o homem e a mulher, ruptura que se caracteriza pela marginalização das mulheres. Significativo deste tipo de leitura, há a passagem da 1ª carta a Timóteo que é atribuída geralmente a um “discípulo”(1) de Paulo:

“A mulher receba a instrução em silêncio, com toda a submissão. Não permito à mulher que ensine, nem que exerça domínio sobre o homem, mas que se mantenha em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, deixando-se seduzir, incorreu na transgressão. Contudo, será salva pela sua maternidade, desde que persevere na fé, no amor e na santidade, com recato⁴⁶.”

Do relato da criação, o autor deste texto crê poder retirar a conclusão da posição definitivamente secundária da mulher em relação ao homem. Ao mesmo tempo, se é reconhecida como secundária na ordem da criação, a mulher é apresentada como primeira na ordem do pecado! Isto não está evidentemente de acordo com os relatos do Génesis, aliás como também em relação ao conjunto da obra de Paulo e, ainda menos, de Cristo. Ao longo da história, será elaborada, todavia, uma antropologia que pretenderá estabelecer a realidade de uma diferença constitutiva da natureza entre o homem e a mulher. Insistir-se-á sobre o facto de o homem se caracterizar pela sua capacidade de agir, de transformar, de fazer e a mulher pela sua capacidade de amar, de acompanhar e de se abandonar. Apresentar-se-á, assim, como revelado um modelo de homem que assume quase todos os papéis de representação, de

⁴⁶ Cf. 1 Tim 2, 11-15. Muito depressa, as comunidades adoptaram igualmente um certo número de “códigos domésticos” herdados tanto do estoicismo como do judaísmo helenístico. Os deveres dos habitantes de uma mesma casa estavam aí consignados, de modo ternário, na submissão da mulher ao marido, das crianças aos pais e dos escravos aos seus senhores (Col 3, 18-4,1; Ef 5, 21-6,9); 1 Ped (2,13-3,7). Pode-se pensar que, fazendo da submissão da mulher ao homem – mesmo se acrescentarmos “no Senhor” – um dos critérios da vida cristã, estes códigos contribuirão para uma certa marginalização das mulheres no seio da vida das comunidades cristãs.

autoridade e de poder; e evitar-se-á perguntar se esta diferenciação do papel dos sexos não é tributo da sociedade que o tinha elaborado, uma sociedade terrivelmente marcada pela predominância dos homens. De uma situação histórica contingente, deduzir-se-á um modelo divino, por isso, imóvel. Será depois imposto a situações ou a épocas diferentes.

À luz das condições sociais, humanas e eclesiais actuais, este modelo deve ser verificado. Mas, sem dúvida, será necessário começar por favorecer o reconhecimento mútuo entre homens e mulheres. Como? Educando simultaneamente a similitude e a diferença; evitando que seja confundida demasiado depressa dignidade comum e identidade comum, elaborando parcerias e colaborações que respeitem a maneira como cada sexo encarna diferentemente o universal do humano. Pode ser o lugar de muitas alegrias e realizações a parceria homem-mulher, mas pode ser, igualmente, o lugar de muitos sofrimentos e frustrações.

Uma palavra bíblica traduz melhor que qualquer outra o que envolve de dificuldades o trabalho de reconhecimento: **a Aliança**. Tal é, efectivamente, a vocação bíblica do homem e da mulher chamados a concluir juntos uma aliança que seja realmente sinal da Aliança divina.

B. QUESTÕES PARA A REFLEXÃO EM CASAL E PARTILHA EM EQUIPA

Apresentamos seguidamente, um conjunto de questões para ajudar a reflexão ao longo do mês e posterior debate em equipa:

- Tem, Paulo, uma visão depreciativa da sexualidade?
- Que lugar ocupam os casais e as mulheres nas suas cartas?
- S. Paulo apresenta o baptismo como uma forma de pôr fim aos privilégios e às diferenças?

- Não terá a humanidade sexualizada qualquer coisa a revelar-nos?
- Qual e a reacção de Paulo perante os dois comportamentos opostos da comunidade de Corinto no que respeita à vida sexual?
- O corpo: desprezível? Admirável? Em quê?
- Se a sexualidade é uma simples função biológica, que pode ela oferecer ao outro?
- O lugar do homem e da mulher no casal: quem é de quem?
- Onde vêm a vocação para o celibato e a vocação para o matrimónio? Como vivê-las?
- O amor do homem pela sua mulher – Amor de Cristo pela Sua Igreja: Analogias? Diferenças?
- A Carta aos Efésios, no pensamento de Paulo, apresenta a mulher “escrava”, como tantas vezes se diz?
- Comunhão do homem e da mulher: redutor para um ou para o outro? Factor de crescimento?
- Projecto de vida do casal: uma aliança a construir, sacramento da Aliança. Debruçamo-nos sobre esse assunto suficientemente?

C. SUGESTÕES PARA UM DEVER DE SE SENTAR

“Tudo me é permitido mas nem tudo é conveniente” (1 Co 6,12).

Façamos uma revisão da nossa vida sexual à luz destas palavras de S. Paulo.

- Somos escravos dos nossos desejos?
- Que Regra de Vida tomámos para este assunto?

D. TEXTO PARA A ORAÇÃO EM EQUIPA

«Submetei-vos uns aos outros, no respeito que tendes a Cristo. As mulheres sejam submissas aos seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a Cabeça da Igreja, Seu Corpo, do qual Ele é o Salvador. E, como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres se devem submeter em tudo aos seus maridos.

Maridos, amai as vossas mulheres como também Cristo amou a Igreja, e por ela Se entregou, para a santificar, purificando-a no baptismo da água pela palavra da vida, para a apresentar a Si mesmo como Igreja gloriosa sem mancha nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e imaculada.

Assim, os maridos devem amar as suas mulheres, como aos seus próprios corpos. Aquele que ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque ninguém jamais aborreceu a sua própria carne; pelo contrário, nutre-a e cuida dela como também Cristo o faz à Sua igreja, pois somos membros do Seu corpo. Como diz as Escrituras:

“Por isso o homem deixará pai e mãe, ligar-se-á à mulher e passarão os dois a ser uma só carne”. É grande este mistério; digo, porém, em relação a Cristo e à Igreja.

Pelo que vos diz respeito, ame também, cada um de vós, sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido.»

Ef 5,21-33

EPÍLOGO - SE CONHECESSES O DOM DE DEUS

8ª REUNIÃO: *“A criança nasce graças aos dois e é então que as suas carnes se tornam numa só.”*

A. TEMA

Os limites deste livro não nos permitem prosseguir a nossa busca para além da Bíblia. Outros o fizeram, denunciando especialmente um certo número de preconceitos como aquele que queria que o *“cristianismo, que não tolera a sexualidade senão como um mal menor necessário à reprodução, (tenha) circunscrito o corpo desprezado num halo de vergonha e de culpabilidade¹.”* Nos seus estudos, eles mostraram que os primeiros cristãos tinham tido posições diversas sobre a sexualidade, e para a maioria, mais moderadas do que se imagina habitualmente². Eles mostraram também que a chamada *“moral judaico-cristã”* tinha há muito tempo sido, sobretudo, uma moral de tipo estóica ou, em certos aspectos, de tipo platónica³. Mas é forçoso admiti-lo: porque tinha esquecido a sua inspiração bíblica, a *“moral cristã”* nem sempre honrou a Encarnação que é, todavia, o seu coração⁴.

Felizmente, durante o último século, o relançamento de estudos bíblicos e a criação de movimentos de espiritualidade conjugal voltaram a dar o seu lugar à sexualidade e permitiram ao cristianismo reencontrar a sua seiva inicial.

Relendo a Bíblia, como o fizemos, apercebemo-nos, efectivamente, que os textos bíblicos estavam perfeitamente de acordo com as ciências humanas que consideram a sexualidade como uma dimensão fundamental do ser

¹ G. Tordjam, «Réalités et problèmes de la vie sexuelle», Hachette, Paris, 1981.

² M. Rouche, «Christianisme et sexualité » in Alliance n° 9-10, Agosto 1980.

³ P. Brown, «Le renoncement de la chair», Gallimard, Paris, 1995.

⁴ Esta afirmação, que alguns julgarão, sem dúvida, demasiado severa, deve ser lida à luz desta outra afirmação: «O cristianismo não é culpado de ter recusado a sexualidade, mas talvez de ter, pelo contrário, procurado por todos os meios, incluindo os repressivos, dar-lhe o seu sentido ético» (E. Fuchus, op. cit.).

humano. Basta reler os dois relatos da Criação para nos convenceremos disso mesmo⁵: a sexualidade é uma componente essencial do homem e da mulher criados por Deus. Ultrapassando a mera função reprodutora, impregna o todo da pessoa humana e marca a sua maneira de se situar na sociedade. Como todas as obras divinas, a sexualidade, que não se deve sacralizar, é por isso boa; ela é uma promessa de felicidade. Dom do amor de Deus, a sexualidade permite igualmente ao homem e à mulher participarem no Seu poder criador. Pelo seu dinamismo de abertura ao outro, de comunhão e de fecundidade, ela contribui para a realização da pessoa e para a construção do Reino de Deus.

Mas a esta constatação, fundamental, junta-se uma outra: a sexualidade pode ser lugar de auto-satisfação ou de exploração do outro. Tanto por causa do prazer que provoca em si e encerra no absoluto do instante, como devido à vontade de domínio que, subtilmente, pode servir-se do sexo para dominar o outro ou apropriar-se dele⁶, a sexualidade é, por isso, uma realidade ambígua, complexa e conflitual. Isto não quer dizer que em si ela seja má – e ainda menos pecaminosa –, mas a sexualidade reflecte a realidade do ser humano, com as suas sombras e as suas luzes. Mais que qualquer outro domínio da existência humana, ela reporta o homem e a mulher às suas histórias mais profundas; ela é um mistério que é preciso aprender a decifrar e a controlar.

Sobre este ponto, a Bíblia coloca, de sobreaviso, os seus leitores contra uma desvalorização da sexualidade que poderia levar a uma banalização excessiva da sua concretização. Pois o sexo não é uma *“coisa”* que se possa utilizar impunemente. Implica realizações pessoais e colectivas demasiado importantes para que não se esqueça igualmente a violência que contém. Também, muito antes de Freud, os homens e as mulheres do Antigo Testamento tinham compreendido que as pulsões sexuais devem ser reguladas por interdições e preceitos éticos. Porque sabiam que, sem isso, não há sã regulação da vida sexual, tinham elaborado leis que garantiam a coesão do Povo de Deus ao mesmo tempo que lembravam aos seus membros que só a referência a Deus

⁵ Textos aos quais o próprio Jesus faz alusão (Mt 19, 4-6).

⁶ Cf. 2 Sm 13,1-22.

pode preencher a falta inscrita no coração de cada ser humano. É o famoso: “*Sede santos, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo*”⁷.

Neste contexto, os homens e as mulheres da Bíblia nunca cessarão de afirmar também que o corpo do ser humano é santo. Devido a durante demasiado tempo o ter considerado um troféu ou um limite que era preciso ultrapassar, a reflexão comum – e não apenas a cristã – só há pouco tempo reconheceu a dignidade do corpo humano. Ora, mais do que qualquer outra realidade, o corpo do homem revela o carácter único do ser humano ao mesmo tempo que permite o encontro do outro até ao dom da vida⁸.

Particularmente bela é uma expressão que acompanha a interdição das relações sexuais com os parentes próximos: “*Nenhum de vós se aproximará de uma parente próxima, para lhe descobrir a nudez*”⁹. Porquê esta interdição? Porque “*a nudez do corpo é a sua glória e, a este título, não pode ser exibida, mas apenas revelada*”¹⁰. Aparece, assim, a importância do respeito pelo corpo e a necessidade de educar para um certo pudor, não por ser preciso ter “*vergonha*” do seu corpo ou do corpo do outro – é mesmo o contrário – mas, porque a nudez revela a grandeza da pessoa humana, a profundidade espiritual da pessoa humana e a profundidade espiritual da sexualidade.

Não é menos verdade que o corpo tem a sua vida própria e as suas pulsões; e o seu surgimento pode desconcertar. Isso não impedirá o apóstolo Paulo de declarar que o corpo está habitado pela presença de Deus e que não pode ser desprezado ou utilizado de qualquer forma, visto que está prometido à Ressurreição¹¹. Anteriormente, durante o ministério público, Jesus tinha lembrado que não é o corpo a fonte do pecado, mas o coração do homem, isto é, o ser humano no que tem de mais íntimo¹².

⁷ Cf. Lv 19,2.

⁸ É por isso que não é legítimo modificar radicalmente a natureza sexual de alguém. Para a Bíblia, o ser humano não é proprietário do seu corpo e da sua existência mas somente “administrador”.

⁹ Cf. Lv 18, 6ss.

¹⁰ P.Beauchamp, «D’une montagne à l’autre». La loi de Dieu, Seuil, Paris, 1999.

¹¹ Cf. 1 Cor 6,13-20.

¹² Cf. Mt 15,11. 17-19.

Talvez o tenhamos esquecido, mas na história do cristianismo desconfiar-se-á frequentemente do corpo e, muito especialmente, do prazer sexual. Na Bíblia, o Cântico dos Cânticos exalta, porém, a dimensão erótica do amor, indo de encontro assim à antropologia contemporânea que reconhece que o prazer é uma das condições para a realização humana. Vivido num quadro de amor, o prazer faz efectivamente do diálogo dos corpos uma das formas mais conseguidas do diálogo amoroso, posto que é no estreitamento e no dom dos corpos que se completa a entrega total de si sem a qual não pode haver abertura à vida¹³.

Mas sabemos bem que o prazer é ambíguo e que pode reactivar as pulsões mais arcaicas. Sem ser exaltado por si próprio, ainda menos explorado, o prazer sexual deve, pois, ser colocado no seu justo lugar. Para isso, duas derivas a evitar: a da recusa de qualquer tipo de prazer e a da busca desenfreada do prazer. A primeira causará espanto talvez, mas parte de uma evidência: o prazer obriga cada um a reconhecer a sua dependência, visto que ter prazer é perder o seu domínio e é ter prazer pelo outro. Por este facto, a recusa do prazer pode ser sinal da recusa de depender do outro ou de renunciar ao seu próprio poder. No caso inverso, porque procura um sentimento efémero, mas real, de plenitude, o prazer pode dar a impressão de escapar à condição humana. O perigo de querer preencher a falta, acumulando prazeres e reduzindo o parceiro ao estado de objecto ou de instrumento de gozo do prazer, pode, então, ser grande.

É o contrário do Cântico dos Cânticos e do seu magnífico ensinamento sobre a solidão e a distância que são as dimensões essenciais do amor.

Como não abordar, finalmente, o tema da procriação, tanto mais que mais de vinte séculos de história cristã privilegiaram de forma evidente, é verdade, a dimensão procriadora da sexualidade! Ora, ainda que reconheçam a importância da procriação, os relatos bíblicos não esquecem nunca a comunhão que funda a vida do casal e

¹³ Lembremo-nos aqui daquela bela observação de Rashi: «A criança nasce graças aos dois e é então que as suas carnes se tornam numa só», citado por J.Eisenberg, *Et Dieu créa Ève*, op. cit., 1979.

dá plenamente sentido ao dom da vida. Assim, embora, no primeiro relato da Criação, a sexualidade pudesse parecer objectivada só para a procriação¹⁴, no segundo relato – o mais antigo – só aparece a comunhão a construir entre o homem e a mulher, com as suas rupturas e separações daí decorrentes¹⁵.

De forma geral, o conjunto dos textos bíblicos é atravessado por esta dupla dimensão da sexualidade. Desenha-se mesmo uma tensão entre uma corrente que elogia a fecundidade ou considera a esterilidade como uma maldição divina, e uma corrente que se abrirá progressivamente a um outro tipo de fecundidade que não a posteridade carnal, reconhecendo que não é o número de filhos que conta, mas a fidelidade à promessa de Deus. Serão tanto mais honrados os valores de diálogo, de comunhão e amor que fundamentam o exercício da sexualidade.

Lembremo-nos igualmente de quantos casais são dados como exemplo ao longo de toda a Bíblia. Ora, não é a sua fecundidade que é, em primeiro lugar, evidenciada, mas o seu amor. Estes casais têm nome: Isaac e Rebeca, Jacob e Raquel, Elcana e Ana. Aliás, há a expressão **“conhecer a sua mulher”** que, na Bíblia, designa as relações conjugais, com toda a riqueza do verbo **“conhecer”**, na língua hebraica¹⁶.

Este uso é tanto mais significativo que, quando um patriarca se uniu à serva da sua mulher, para ter descendência, os textos bíblicos não empregam **“conheceu”** a sua serva, mas que **“foi”** em direcção à sua serva. Reconhece-se, assim, a diferença de densidade e de riqueza que existe entre um uso da sexualidade cuja única finalidade é a procriação e um uso da sexualidade que se inscreve numa comunhão de amor. Enfim, quando os profetas Oseias, Jeremias, Ezequiel e Isaías comparam a atitude de Deus em relação a Israel com o amor conjugal, nunca é a dimensão procriadora do amor que é, em primeiro lugar, sublinhada, mas antes a sua dimensão de intimidade, de ternura, de compaixão e de indefectibilidade.

Não é desprezar a procriação, mas admitir que as fecundidades do amor são mais vastas que as do único dom da vida; principalmente

¹⁴ Cf. Gn 1,28.

¹⁵ Cf. Gn 2,18.23-24.

¹⁶ Cf. Gn 4,1.17.25,etc.

como é, por vezes, o caso hoje, quando um filho se torna um valor de refúgio do casal ou o meio de ocultar os seus problemas. Sabe-se, aliás, quanto pode ser pesado, até insuportável, para uma criança ou adolescente, ser aquele que assegura a felicidade dos seus pais! Ora a Bíblia não cessa de o repetir, dar a vida a uma criança é aceitar que ele escapa, cedo ou tarde, de uma maneira ou outra, ao desejo que se possa sentir por ele ao concebê-lo.

Neste domínio, como nos outros domínios da vida, ecoam as palavras de Cristo e o seu convite para não absolutizar nenhum laço afectivo, conjugal ou de amizade. Já o vimos, porém, ao pedir que todos os laços afectivos sejam examinados à luz do Reino de Deus, como os desejos ou as recusas de filhos¹⁷. Jesus não negava a importância essencial da família, como também não relativizava o que tinha ensinado sobre o carácter indissolúvel dos laços do casamento. Mas, ao ensinar que a família é segunda – o que não quer dizer secundária – em relação às outras exigências do Reino de Deus, Jesus punha de sobreaviso os seus compatriotas contra o perigo do isolamento ou do egoísmo que ameaça toda a família humana.

Através da Sua escolha do celibato, não por menosprezo da sexualidade, mas por fidelidade à Sua missão, Jesus lembrava, aliás, que, antes de ser esposo ou esposa, o ser humano se define em primeiro lugar como filho de Deus e irmão universal. É a razão pela qual toda a família humana deve permanecer aberta à família universal dos filhos de Deus que ela prefigura no que tem de mais belo; e isto, apesar dos seus limites objectivos.

Tocamos aqui um dos aspectos mais originais do pensamento bíblico, quanto mais não seja pela complementaridade que aí encontramos entre casamento e celibato, complementaridade que apenas se compreende porque a sexualidade é fundamentalmente vista na Bíblia como uma das realidades maiores da existência onde, na sua similitude e na sua diferença, o homem e a mulher se reconhecem *“imagem e semelhança de Deus”*. Sinal visível de que a pessoa humana é constitutivamente um ser em relação, a sexualidade

¹⁷ Certos controlos totais da fecundidade podem esconder, por exemplo, uma vontade de ser o dono da sua existência e uma incapacidade de acolher a parte desconhecida que acompanha necessariamente o filho a quem daremos a vida.

é, com efeito, um dos lugares onde se manifesta mais a identidade do homem e da mulher, criados à imagem d'Aquele que, no Seu ser trinitário, é unicamente Amor, pois Ele é Relação. Mas, falando no sentido estrito, não é o casal que é a imagem de Deus, pois isso faria dos celibatários seres humanos *"incompletos"*, mas a pessoa humana, enquanto ser sexuado e ser em relação.

Todavia, descobrindo que são chamados menos para se completarem do que para se revelarem um pelo outro, o homem e a mulher que se amam tornam-se um para o outro e um pelo outro ocasião de se abrirem ao Amor que os ultrapassa. Por este facto, se ele permite compreender quem é Deus, o amor humano permite também abrir-se à presença da sexualidade e viver dela. Vivida na fidelidade e indissolubilidade dos laços conjugais que revelam a verdadeira natureza do Amor de Deus, a sexualidade, longe de ser um relicário da animalidade, torna-se, então, uma verdadeira experiência espiritual.

Ainda que isso não seja sempre compreendido, o celibato, também ele, pode revelar um dos aspectos essenciais do Amor de Deus. Diversamente do amor conjugal, manifesta efectivamente a universalidade do Amor de Deus. Pois Deus ama todos os humanos, de todas as raças, culturas e épocas ao mesmo tempo que ama cada um com um amor particular e único. Ora, se os laços do casamento, pela sua unicidade e singularidade, traduzem o carácter único e particular do Amor de Deus, o celibato escolhido por Deus manifesta que este Amor é para todos os seres humanos, sem excepção. Juntos, casais e religiosos, testemunham por isso o Amor de Deus, tal como Ele Se revelou em Jesus Cristo, na sua dupla dimensão singular e universal.

Do amor conjugal, os religiosos recebem um convite a amar de maneira concreta e total; daqueles que por vocação escolheram o celibato, os casais recebem a exigência de se abrirem aos outros, não fechando nunca as portas aos mais pobres ou não se desligando das realidades sociais, económicas e políticas do mundo. Pois se o perigo, para os casais, é o de se fecharem nos limites de um amor exclusivo, vivido, por vezes mesmo, como um refúgio, o perigo, para os religiosos, é o de verem o seu amor *"dissolver-se numa filantropia sem rosto que não reconhece ninguém"*¹⁸.

¹⁸ M.Rondet, *Le Célibat évangélique dans un monde mixte*, op. cit.

Falta ainda referir, e é um dos grandes ensinamentos do Novo Testamento, que, por mais bela e importante que seja, a sexualidade não é o todo de uma pessoa humana. Mais exactamente, a maneira como vivemos a nossa sexualidade é destinada a desaparecer. Por isso, o celibato é também um sinal. Não, por desprezo da sexualidade, mas como anúncio do mundo que há-de vir onde, uma vez ressuscitados, amaremos em Deus e como Deus, isto é, de forma simultaneamente única e universal.

Para já – e é por isso que a Bíblia não se apresenta como um “*tratado*” de sexualidade – cabe a cada um tentar vivê-la o melhor possível. Pois a sexualidade é uma realidade em devir, capaz de regressão, de fixação ou de progressão; e a sua regulação é uma tarefa de todos os dias.

Se acreditarmos na Bíblia, esta tarefa inscreve-se ao mesmo tempo sobre um fundo de pecado e da necessária separação ou “*renúncia*”. É, com efeito, sinal do pecado, a sexualidade que é desviada dos seus fins, seja porque o amor permanece no estágio egoísta, rebaixando o parceiro a uma função – a de um simples instrumento de prazer – seja porque não há lugar para qualquer fecundidade de nenhum tipo. No sentido inverso, é fonte de desenvolvimento a sexualidade que recusa instalar-se, num mundo em fusão, indiferenciado ou que ultrapasse o narcisismo que impede reconhecer o desejo do outro. Enfim, é construtivo o amor que se constrói na duração, através dos insucessos e dos sucessos, pois, é preciso lembrá-lo, na Bíblia o que torna o amor do homem e da mulher sinal do Amor de Deus não é a sua constância no sucesso, mas a sua permanência, apesar da infidelidade de um dos parceiros ou das dificuldades inerentes à vida.

O que quer que seja, Deus toma-nos aqui onde estamos, tal como somos. Com o poder da Sua graça, nós devemos ter em conta, de forma lúcida, e por vezes corajosa, as nossas riquezas, os nossos limites, as nossas inclinações ou as nossas estruturas afectivas. Só a tomada a sério desta realidade permite, com efeito, o encontro do outro e o despertar de um amor verdadeiro. Só a tomada a sério da sua própria hereditariedade, da sua própria história, da sua própria educação e das escolhas que se fizeram naquele ou noutra momento da sua vida, permite igualmente aceder a uma verdadeira liberdade.

Nesta condição, a sexualidade pode tornar-se um caminho de salvação – para não dizer um *“itinerário pascal”* – onde aprendemos sem cessar a converter o seu desejo e a ternura; o desejo, porque ele tende a fazer do outro o meio de satisfazer as suas necessidades, a ternura, porque ela pode tornar-se asfixiante e revelar-se tão possessiva e egoísta como o desejo. Lembremo-nos então que amar, para Cristo, é mesmo, ao amar-se a si mesmo, morrer para si e viver para e pelo acolhimento do outro.

Enfim, para cada um, a Boa Nova trazida por Jesus Cristo é sempre a mesma: no coração dos seus limites, dos seus fracassos, das suas disfunções e das suas dificuldades em amar, há sempre lugar para a misericórdia e para o Amor de Deus. É por isso que o Evangelho, longe de encerrar na desesperança, abre a cada um o futuro. Este futuro comporta um só e único mandamento: *“Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”*¹⁹, mas este mandamento é precedido pelo dom do Amor de Deus sem o qual nós não podemos amar: *“Nós amamos, porque Ele nos amou primeiro”*²⁰.»

Assim, como aquando do encontro entre Jesus e a Samaritana, é no centro da história que encontramos esta palavra eterna: *“Se conhecesses o dom de Deus...”*²¹.

B. QUESTÕES PARA A REFLEXÃO EM CASAL E PARTILHA EM EQUIPA

Seria interessante retomar, agora, as respostas guardadas no princípio do ano, na introdução do tema, assim como a sua conclusão.

- A sexualidade é um factor importante para o ser humano? Uma oportunidade de se relacionar com o outro, sem dificuldades nem perigos?

¹⁹ Cf. Lc 10,27.

²⁰ Cf. 1 Jo 4,19; cf 4,10.

²¹ Cf. Jo 4, 10.

- A fecundidade resume-se somente à procriação?
- Que nos dizem sobre isso os casais Isaac e Rebeca, Jacob e Raquel, Elcana e Ana? Que significado tem a expressão bíblica “conhecer a sua mulher” e o “ir” em direção à sua serva?
- É o casal a única imagem de Deus-Relação? Não é a pessoa, ela mesma, um ser em relação?

“Amar, para Cristo, é amar-se a si mesmo, morrer para si e viver para e por acolher o outro” ...Pierre Debergé,

- Casais, que esperais vós dos celibatários?
- Celibatários, que esperais vós dos casais?

C. SUGESTÕES PARA UM DEVER DE SE SENTAR

Analisemos o nosso ano à luz deste tema:

- Que ensinamentos e que riquezas tiramos deste aprofundamento da Palavra?
- Que descobrimos ou compreendemos melhor um do outro?
- Que regra de vida adoptar para os próximos meses?

Porque não ler e viver em casal *“Homem e mulher Ele os criou”*, excelente tema das Equipas de Nossa Senhora?

D. TEXTO PARA A ORAÇÃO EM EQUIPA

«Tendo o Senhor sabido que os fariseus ouviram dizer que Ele fazia e baptizava mais discípulos do que João – se bem que Jesus não baptizava, mas sim os Seus discípulos -, deixou a Judeia e partiu de novo para a Galileia.

Tinha de passar por Samaria. Chegou, pois, a uma cidade de Samaria chamada Sicar, perto das terras que Jacob tinha dado a seu filho José, onde estava o poço de Jacob. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-Se, à vontade, à beira do poço. Era por volta da hora sexta. Chegou uma mulher da Samaria para tirar água e Jesus disse-lhe: “Dá-Me de beber”, pois os Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. A samaritana respondeu-Lhe: “Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?” – É que os judeus não se dão com os samaritanos. Jesus respondeu-lhe: “Se conhecesses o dom de Deus e Quem é Aquele que te diz: ‘Dá-me de beber’ tu é que Lhe terias pedido, e Ele dar-te-ia uma água viva”. “Senhor, disse ela, nem sequer tens um balde e o poço é fundo; de onde Te vem, pois, essa água viva? Serás Tu maior que o nosso pai Jacob, que nos deu este poço do qual ele mesmo bebeu, assim como os seus filhos e os seus rebanhos”? Jesus retorquiu: “Quem bebe desta água voltará a ter sede; mas quem beber da água que Eu lhe der jamais terá sede, porque a água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente de água a jorrar para a vida eterna”. “Senhor, suplicou a mulher, dá-me essa água, para que eu não sinta mais sede e não tenha de vir aqui tirá-la”.

Jesus disse-lhe: “Vai chamar o teu marido e volta cá”. “Não tenho marido”, respondeu a mulher. Jesus replicou: “Disseste bem: ‘Não tenho marido’, pois tiveste cinco maridos e aquele que agora tens não é teu; quanto a isso falaste verdade”. Disse-lhe a mulher: “Senhor, vejo que és profeta. Os nossos pais adoraram neste monte e vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar”. Jesus disse-lhe: “Acredita-Me, mulher, vai chegar a hora em que nem neste monte, nem em Jerusalém, adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem

dos judeus. Mas vai chegar a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são esses os adoradores que o Pai deseja. Deus é espírito, e os Seus adoradores em espírito e verdade é que O devem adorar”.

A mulher retorquiu: “Sei que o Messias (que se chama Cristo) está para vir, e que, quando vier, tudo nos dará a conhecer”. Jesus disse-lhe: “Sou Eu, que falo contigo””. Nisto, chegaram os discípulos e ficaram admirados por Ele estar a falar com uma mulher; nenhum deles, porém, Lhe disse: “Que pretendes?” ou “Porque falas com ela?”

A mulher, então, deixando a bilha foi à cidade e disse aos homens: “Vinde ver um homem que me disse tudo quanto fiz. Não será Ele o Messias?” Eles saíram da cidade e foram ter com Jesus.

Entretanto, os discípulos insistiram com Ele, dizendo: “Come, Rabbi”. Mas Ele respondeu-lhes: “Tenho um alimento para comer, que vós não conheceis”. Os discípulos diziam entre si: “Acaso Lhe trouxe alguém de comer?” Disse-lhe Jesus: “O Meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que Me enviou e realizar a Sua obra.

Não dizeis vós que dentro de quatro meses chegará o tempo da ceifa? Pois bem, Eu digo-vos: Erguei os olhos e vede: Os campos estão brancos para a ceifa. O ceifeiro já recebe o salário e recolhe o fruto para a vida eterna, de modo que o sementeiro se alegra juntamente com o ceifeiro. Pois nisto se verifica o ditado: Um é o que semeia e outro é o que ceifa. Enviei-vos a ceifar o que vós não trabalhastes; outros trabalharam e vós aproveitais-vos do seu trabalho”.

Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram n’Ele por causa da palavra da mulher que testemunhava: “Ele disse-me tudo o que eu fiz”. Por isso, quando foram ter com Jesus pediram-lhe que ficasse com eles; e ficou lá dois dias. Ao ouvi-Lo, muitos mais acreditaram; e diziam à mulher: “Já não é por causa das tuas palavras, que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é realmente o Salvador do mundo».

Jo 4,1-42

